

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALEJANDRO SIONEK

**3+1: QUE CONTA É ESSA? UM LEVANTAMENTO HISTÓRICO SOBRE AS
(RE) INVENÇÕES NO CAMPO DO CURRÍCULO DE BIOLOGIA DA UFPR.**

CURITIBA
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALEJANDRO SIONEK

3+1: Que conta é essa? Um levantamento histórico sobre as (re) invenções no campo do currículo de biologia da UFPR.

Monografia apresentada à
Universidade Federal do
Paraná como requisito
parcial para a conclusão
do Curso de Bacharelado
em Ciências Biológicas
sob a orientação da Prof^a
Dra. Christiane Gioppo

CURITIBA
2011

AGRADECIMENTOS

A minha família que sempre me apoiou, desde quando eu escolhi fazer o vestibular para o curso de Ciências Biológicas e durante o curso.

A Thais Regina Noronha Costa por toda a ajuda que me deu, sempre disposta desde quando me atendeu na sala do professor Luis Toledo.

Aos meus amigos que me foram importantes nesses cinco anos dentro da UFPR.

A secretária do curso Rosane Cavet Martins por toda a sua ajuda e disposição quando precisei fazer o levantamento sobre o curso, tirar dúvidas e auxílios durante o curso.

A Giuliana Gionna Olivi Paredes por toda a ajuda que me deu na construção da monografia.

E a minha orientadora, pois sem ela essa monografia talvez não existisse.

RESUMO

Partindo da premissa que os currículos são construções sociais do período em que foram constituídos, eles nos ajudam a entender melhor a formação de professores. Nesse sentido o presente estudo é um levantamento dos currículos e grades curriculares do curso de Ciências Biológicas da UFPR desde o curso de História Natural (HN) até a última versão de 2010. Esse levantamento foi complementado por entrevistas com três estudantes que vivenciaram a época de História Natural. As mudanças curriculares foram apresentadas em quatro fases: História Natural; Licenciatura em Ciências Biológicas; Ciências Biológicas (versão 1992) e Ciências Biológicas (versão 2008). Também se discorreu brevemente sobre o Curso de Licenciatura em Ciências. Durante essas fases houve mudanças na formação de professores. Os resultados apontam que o modelo 3 + 1 se perpetuou no curso e só na última reformulação surgiu o modelo 3 + 2, para o estudante que opta pela modalidade de Licenciatura. Com esse levantamento percebeu-se inúmeras lacunas nas informações sobre os cursos que vão desde a falta de documentação curricular do período de História Natural, dados mudanças curriculares, etc., nos diferentes currículos. Percebeu-se ainda que a formação de professores foi deixada em segundo plano em relação a de pesquisadores. Mesmo na última reformulação, a maior parte da carga horária foi voltada para disciplinas da modalidade Bacharelado, que possui duas ênfases em contraste com a modalidade Licenciatura com uma única ênfase, ressaltando a constituição de um campo de poder do Bacharelado no interior do curso.

Palavras-chaves: Ciências Biológicas, grades curriculares, formação de professores.

ABSTRACT

Starting from the premise that curricula are social constructions of the period they were constituted they help us better understand teacher education. In this way, this study included a survey of changes on the program and list of courses of the Biology program at UFPR from the Natural History program (HN) until the last version of 2010. This survey was complemented by interviews with three students who experienced the era of Natural History program. The Biology program had four phases: B. Sc. in Natural History; B.Sc. in Biology Education; B. Sc. in Biology (version 1992); B. Sc. in Biology (version 2008). We also mentioned about the B.Sc. in Science Education. Along these stages there were some changes in the teacher education. Results show the 3 + 1 model was perpetuated in the program and only the last change the 3 + 2 model appeared and it is only for the ones who choose the Licensure (Biology Education). With this survey we noticed lacks of information on the programs that goes from lack of documents on the courses and syllabus on the Natural History program data of program changes and so on, in different program versions. We also concluded that teacher education was put on second place compared to the education of researchers in Biology. Even on the last program change, most part of the time was put on the courses for the B.Sc. in Biology, that has two emphasis in contrast with the B.Sc. in biology Education that has only one emphasis. With that we emphasize the constitution of a power campus of Baccalaureate on the interior of power dispute inside the program.

Keywords: B.Sc. in Biology, curricula, teacher education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1. A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	5
1.1 A independência da Província e a disputa pelo Contestado	6
1.2 A Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná.....	11
1.3 A Invenção da Universidade do Paraná.....	13
1.4 As primeiras Greves, a Recomposição e a Federalização da Universidade do Paraná	21
1.5 Origem da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná	25
2. DE HISTÓRIA NATURAL A CIÊNCIAS BIOLÓGICAS.....	28
2.1 O curso de História Natural.....	29
2.2 Curso de Licenciatura em Ciências.....	37
2.3 Licenciatura em Ciências Biológicas (1971-1991)	40
2.4 Ciências Biológicas (1992-2007).....	45
2.5 Ciências Biológicas (2008-...).....	48
3. DISCUTINDO ALGUNS ACHADOS.....	50
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXOS	62

INTRODUÇÃO

Passei no vestibular de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no ano de 2006 e iniciei o curso no primeiro semestre de 2007. Já se passaram praticamente cinco anos desde o primeiro dia de aula e me recordo que na segunda-feira 7h 30 da manhã tivemos duas horas de cálculo, tudo o que futuros biólogos pediram em suas vidas! Brincadeiras a parte, desde que escolhi fazer o vestibular para biologia, já imaginava que queria ser professor e pesquisador, mas admito não ter pensado sobre a área educacional, achei simplesmente que seria professor e pesquisador em Zoologia, sem mais reflexões sobre como essa formação se daria.

No segundo semestre do curso tive meu primeiro contato com um projeto de extensão: o LICENCIAR. Foi durante uma aula de biologia celular, que um grupo de estudantes bolsistas desse projeto fez duas atividades para a turma, envolvendo conteúdos de Ciclo do ATP e de Sinalização Celular, utilizando uma estratégia didática diferenciada, um Jogo Interpretação de Personagens conhecido como RPG. Eu já conhecia e jogava RPG e, por isso, me interessei pelo que vi. No ano seguinte passei a integrar a equipe do projeto, da qual participei por dois anos (2008 e 2009). Durante aquele período entrei em contato com a pesquisa em educação e comecei a me interessar pelo assunto.

Após dois anos no projeto LICENCIAR, saí e integrei-me a equipe do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID/Biologia, que propunha um trabalho de pesquisa acadêmica sobre a produção de materiais alternativos para o Ensino de Biologia. No início eu não tinha muita ideia da dimensão do projeto e nem imaginei que o RPG seria um desses materiais, quando me dei conta disso fiquei surpreso.

Nesse projeto conheci minha atual orientadora e levantamos algumas possibilidades para uma monografia na área educacional. Minha primeira ideia era analisar a contribuição da escrita do RPG para a formação inicial do professor de Biologia da UFPR, mas, para isso, percebi que precisaria rever

alguns aspectos curriculares. Assim, me deparei com duas versões curriculares co-existindo no programa e ao perceber as diferenças entre a versão que eu havia cursado e a versão que estava sendo inserida notei que a discussão curricular era inevitável para a formação de professores. Daí, parti da versão atual para versões anteriores do currículo e me deparei com a dificuldade de encontrar informações sobre o curso e as diferentes versões curriculares que existiram ao longo do tempo. Assim, percebi que para me aprofundar em estudos sobre a formação dos professores de biologia da UFPR precisaria primeiro resgatar algumas dessas informações não localizadas, para propiciar aprofundamentos em diferentes áreas tais como: a curricular, a da história de vida dos egressos da biologia e a da constituição da identidade de professores de biologia da UFPR entre outras. Além disso, o momento presente é bastante especial, pois o curso de Ciências Biológicas acaba de completar 40 anos e, em 2012, a Universidade do Paraná atual UFPR completará 100 anos. Assim, nossa perspectiva inicial de estudo foi redirecionada para um levantamento dos currículos do curso de Ciências Biológicas.

O trabalho inicia a partir de um resgate da história das origens da própria Universidade e as disputas para sua fundação, a partir do século 19. Para esse levantamento, até a federalização da UFPR, recorri aos estudos de Wachowicz (2006) e Westphalen (1987) que analisaram especificamente tal período. Em seguida discorri sobre a invenção do curso de Ciências Biológicas, desde o seu antecessor, o curso de História Natural. A busca de informações sobre este período foi extremamente difícil, pois a falta de informações sobre o curso é muito grande, especialmente no que tange a localização de documentos curriculares. O período inicial do curso de História Natural desde 1943 até o início da década de 1970 ainda permanece com várias lacunas a serem preenchidas. Foi só depois do surgimento do Departamento de Assistência ao Aluno (atualmente Núcleo de Assistência ao Aluno) é que os documentos foram compilados em um único acervo e preservados, e podem ser consultados. Assim, a partir de 1974 para cá, localizei vários currículos, mas antes desta data tenho apenas fragmentos.

Outro problema que enfrentei ao longo desse estudo foi que alguns dados localizados eram conflitantes, referindo-se diferentemente a datas e números de alunos inscritos e que cursaram o programa. Por isso, nesse estudo pretendo me restringir a uma compilação de versões de grades curriculares distintas que apresentaram diferentes ênfases. Além disso, desejo evidenciar algumas lacunas sobre a história do curso que necessitam de mais fôlego para serem estudadas. Algumas delas podem ser alvo de outros estudos, mas outras talvez jamais sejam completadas.

1. A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

A ideia de remontar a história dos cursos de Ciências Biológicas e de História Natural se deu pelo entendimento de currículo como uma construção coletiva e histórica que está contextualizado em diversas lutas e situações (SILVA, 2005). Por isso, descortinar os processos históricos de sua construção me permite fazer relações mais significativas entre as versões anteriores e a atual e quiçá deslindar os embates, os jogos de força que ocorreram durante esse processo.

Este capítulo traça alguns aspectos da história da Universidade Federal do Paraná, meu objetivo é resgatar o contexto histórico da fundação da Universidade, a partir da emancipação política do Paraná em 1853; os primeiros anos da Universidade do Paraná; a criação do curso de História Natural em 1942, até a federalização da Universidade em 1950. Para tanto inicio discorrendo sobre o contexto da época e as origens da Universidade do Paraná e posteriormente o da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que congregou o curso de História Natural. Para contextualizar esse período histórico uso como subsídio os estudos de Wachowicz (2006) e Westphalen (1987; 1988).

O capítulo está dividido em cinco itens, a saber: *A independência da Província e a disputa pelo Contestado* que revisa os aspectos políticos e sociais do período do começo do século XIX até 1916, para tanto utilizo o conceito de identidade em Hall (2004); *A Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná* que retoma parte do período anterior para analisar especificamente a criação dessa escola e examinar o período de 1882 até 1901; *A Invenção da Universidade do Paraná*, que revisa as disputas de poder e Status com a Capital Federal por meio das Leis Rivadávia e Maximiliano, para tanto me apropriei do conceito de invenção em Latour (2001) para discutir a “necessidade” de uma Universidade no Paraná; *As primeiras Greves, a Recomposição e a Federalização da Universidade do Paraná*, apresentando-as como estratégias de *Resistência* (FOUCAULT apud CASTRO, 2004) da

Universidade para se manter aberta e para reconfigurar a recomposição e a federalização subsequentes; *Origem da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná* que remonta a criação dessa Faculdade, na qual o curso de História Natural foi criado.

1.1 A independência da Província e a disputa pelo Contestado

Segundo Wachowicz (2006) em 19 de dezembro de 1853, a 5ª Comarca foi emancipada da Província de São Paulo, originando a Província¹ do Paraná, que englobava também a região do Contestado.

A comarca do Paraná nunca foi uma região rica que despertasse a atenção do Governo Geral, embora já houvesse uma economia baseada no mate. Enquanto em Minas Gerais havia a descoberta do ouro e em outros estados tinham culturas agrícolas de exportação, por exemplo, a área que compreende desde o atual estado de São Paulo até o Norte do Brasil, tinha como mercado a Europa e recebia maior apoio do Governo Geral. O Paraná era, então, uma comarca periférica, mas a partir de 1813 teve crescimento pela economia ervateira, nessa época, o ditador do Paraguai proibiu a exportação de erva-mate para Buenos Aires e Montevideu. Além disso, em 1820, Don Francisco Alzagaray chegou a Paranaguá e ensinou métodos de fabrico, de beneficiamento e de ensurroar² erva em pelotas ou surrões de couro, estabelecendo ali a primeira fábrica de mate, gerando um novo tipo de comércio. Assim essa região ficou conhecida como a terra do mate (WACHOWICZ, 2006, p 28). O enriquecimento originou uma elite, que junto com a elite campeira, buscou a emancipação da província.

¹ As províncias tornaram-se estados após 1989.

² No dicionário online de português ensurroar significa: Meter no surrão, enrolar (tabaco) em couros crus. Disponível em: www.dicio.com.br/ensurroar/ Acesso em 14/09/2011

O mate trouxe riqueza à comarca do Paraná, embora não comparável a outras (por exemplo: produzidas pelo Café ou pela borracha). Essa riqueza, no entanto, não foi acompanhada do esperado apoio político do Governo Geral, pelo contrário a situação política do Paraná piorou, porque a economia do Mate era voltada para um mercado menos interessante, o mercado do Prata³ ao invés do mercado europeu, como as economias de outras Províncias (centradas na borracha e no ouro, por exemplo).

Assim constituíram-se duas elites: a ervateira e a campeira que enriqueceram, mas não conseguiram juntar forças suficientes para a emancipação da 5ª Comarca. Outras forças cooptaram quando deputados mineiros e baianos viram a emancipação como forma de diminuir a importância da Província de São Paulo, que crescia por meio da economia cafeeira. No entanto, segundo Wachowicz (2006) nossos políticos não tiveram participação na emancipação do Paraná e, como não tinham um nome local para a nova Província, resolveram batizá-la com o nome do maior rio que a banhava, o rio Paraná (p 32).

Wachowicz (2006) enfatiza que o processo emancipatório da Comarca do Paraná envolveu apenas grupos políticos dos altos escalões imperiais. Não houve, de fato, envolvimento dos políticos ou da população local. O autor sugere que, “como consequência” (p. 30), os moradores não desenvolveram um sentimento de unidade e identidade⁴ com a terra, pois a emancipação não havia sido conquistada pelo clamor de lutas nem de objetivos em comum, pelo contrário, os cidadãos foram apenas avisados por decreto.

³ O mercado do Prata compreendia basicamente Buenos Aires e Montevideu.

⁴ Na visão de Hall (2004) essa identidade pode ser caracterizada como concepção sociológica clássica da identidade, na qual “a identidade é formada na ‘interação’ entre os sujeitos e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”. (HALL, 2004, p.11) Mas Hall (2004) critica essa perspectiva e propõe outra visão de identidade, a pós-moderna, na qual o sujeito apresenta várias identidades, até mesmo conflitantes e são fluidas, “a identidade é formada e transformada continuamente” (p. 13). Embora reconhecendo as divergências no conceito de identidade usado neste estudo Hall (2004) e o de Wachowicz (2006), não posso prescindir das contribuições significativas que Wachowicz fez para a compreensão do período estudado.

O Paraná acabou herdando o problema da região do Contestado⁵ - uma região de terras disputada entre Paraná e Santa Catarina. A elite paranaense entendia que tendo recebido o Contestado junto com a emancipação, a região pertencia, por direito, ao estado do Paraná, por isso não deu atenção ao caso. Em 1901 Santa Catarina reivindicou judicialmente a região ganhando a causa em 1904. O estado do Paraná elaborou uma defesa, mas em dezembro de 1909, o Supremo Tribunal Federal, novamente deu ganho de causa à disputa judicial para Santa Catarina. Wachowicz (2006) sugere que isso gerou profunda “comoção” (p. 35) sobre a população paranaense.

Após ter perdido a região do Contestado, os paranaenses perceberam que precisavam se organizar e despertar de seu “sono letárgico” (WACHOWICZ, 2006, p.35), e isso aconteceu. Logo se uniram sob o domínio da emoção e criaram na região do Contestado - o Estado das Missões, pois havia um entendimento de que se a região não pertencia mais ao Paraná, não deveria também pertencer a Santa Catarina. Assim, constituíram uma Junta Provisória que foi apoiada pelo governo do Paraná. O autor ressalta ainda que nesse período algumas lideranças Paranaenses perceberam que a principal deficiência da sociedade ervateira, era a falta de uma intelectualidade e entenderam que era importantíssima a criação de uma Universidade na capital do estado. Tal instituição acabaria com essa deficiência, evidenciada pela perda do Contestado. Nesse sentido, entendo que a Universidade trouxe uma identificação para os paranaenses e ajudou (e ainda ajuda) a constituir as identidades do povo do Paraná.

Em 1916, a Junta Provisória convenceu o governo de Santa Catarina a fazer um acordo com o Paraná. Assim o Paraná recuperou o chamado “sudoeste paranaense”. Wachowicz (2006) sugeriu que esse episódio não devolveu a totalidade da região do Contestado para o Paraná, mas criou na

⁵ No escopo desta monografia não pretendo discorrer nem analisar a Guerra do Contestado. Para aprofundamentos sobre este episódio, consulte, por exemplo, a dissertação de Dalfré, Liz Andréa “Outras narrativas da nacionalidade: o Movimento do Contestado” apresentada ao programa de pós-graduação em história da UFPR em 2004.

população um sentimento regionalista, que fez nascer “uma identidade paranaense”⁶ (p. 36).

Nesta seção abordei o contexto político, que influenciou na constituição de identificações (HALL, 2004) com a universidade e na percepção da necessidade da sociedade Paranaense produzir seus próprios intelectuais. Inicialmente uma emancipação do Estado por decreto, sem participação popular, não foi absorvida pela população local. Relatei ainda a percepção da elite paranaense sobre a necessidade de produzir sua própria intelectualidade. Um resumo desse momento histórico encontra-se na figura 1. Na próxima seção trato de outro aspecto que influenciou e fez crescer a necessidade de fundação de uma Universidade.

⁶ Lembrando que para Hall (2004) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente”. (p.13) Nesse sentido reitero que a ideia do nascimento de “uma identidade” proposta por Wachowicz (2004) não é a utilizada neste trabalho.

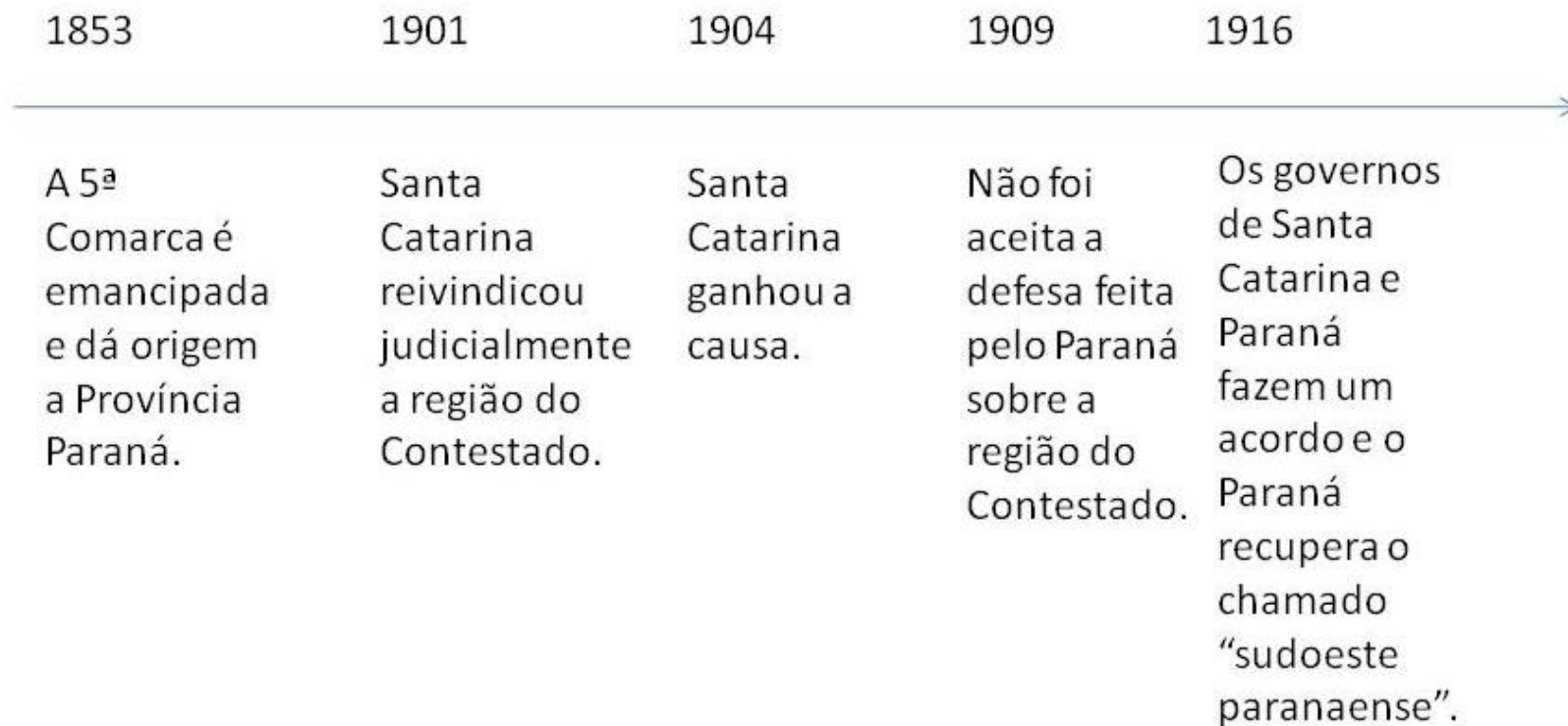


FIGURA 1: Resumo da História do Paraná desde a emancipação política em 1853 até a recuperação do sudoeste paranaense (1916) na disputa do Contestado com Santa Catarina.
 FONTE: O autor, 2011.

1.2 A Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná

Nesta seção abordo a influência da Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná para a fundação da Universidade do Paraná (UP), mas para isso retrocedo aos anos de 1882, momento paralelo ao Contestado. Em seguida discuto a primeira tentativa de fundação de uma Universidade em Curitiba, realizada por Rocha Pombo.

Wachowicz (2006) considera que o momento inicial de constituição da Escola de Artes e Indústria do Paraná⁷ foi 1882, com a chegada em Curitiba do jovem artista português Antonio Mariano de Lima, com 24 anos de idade, vindo do Rio de Janeiro, com a finalidade de decorar o teatro São Teodoro⁸. Em 1887, com a ajuda do presidente Visconde de Taunay, Antonio Mariano abriu a Escola de Artes e Indústrias em Curitiba. Mas, embora a maioria das Escolas fosse para o atendimento as elites, o ideário filosófico do artista não permitiu que essa escola fosse apenas destinada aos filhos das famílias abastadas, ele desejou que as portas de sua escola também fossem abertas para os filhos dos operários da cidade.

Em 1891 o Governo Geral promulgou dois decretos nos dias 2 e 10 de janeiro, que davam maior liberdade para a iniciativa privada, em relação a cursos superiores, que antes estavam ligados ao Estado. Isso incentivou o morretense José Francisco da Rocha Pombo, que paralelamente a Escola de Artes e Indústria do Paraná e conhecendo essa experiência de grande êxito, lançou uma “empreitada utópica: fundar uma Universidade em Curitiba” (WACHOWICZ, 2006, p. 40). Para tanto ele reivindicou junto ao governo estadual a promulgação de lei que autorizasse a criação de uma Universidade em Curitiba. Em 3 de dezembro de 1892 o Governo Geral lançou mais um

⁷ Wachowicz aborda a Escola de Belas Artes e Indústria do Paraná com nomes variados ao longo do texto, sem explicar se o nome foi mudado diversas vezes ou não. Uma pesquisa mais específica sobre isso precisa ser realizada, mas foge ao escopo do meu trabalho.

⁸ O Teatro São Teodoro situava-se à rua Dr Muricy, mesmo terreno da atual Biblioteca Pública do Paraná, depois foi reinaugurado com o nome de Theatro Guayrá.

decreto complementar aos dois primeiros e assim, em 1892 a lei estadual reivindicada foi promulgada e pode ser implementada.

Em 1892, Rocha Pombo assenta a pedra fundamental da Universidade no Largo Ouvidor Pardinho, mas a proposta de criação não recebeu apoio político e fracassou. Depois disso, Rocha Pombo, mudou-se para o Rio de Janeiro e nunca mais voltou ao Paraná.

Mesmo que a proposta de criação de uma Universidade no Paraná não tenha recebido apoio em 1892, a Escola de Artes e Indústria continuava tendo grande êxito e, Wachowicz (2006) revela que no ano de 1897, Vítor Ferreira do Amaral passou a vice-diretor da escola de Belas Artes e Indústria do Paraná.

A escola manteve seu sucesso, tanto que em 1898 a escola contava com sete cursos e desde a sua criação (1887) até 1899, 2448 alunos já haviam passado por ela. Além disso, também havia promovido 11 exposições pelo estado e uma no Rio de Janeiro e fora premiada na exposição de 1893 em Chicago, Estados Unidos.

Em 1906, Mariano de Lima mudou-se para Manaus deixando sua esposa D^a Maria Aguiar de Lima na direção da Escola de Belas Artes e Indústria do Paraná. Mas, mesmo com a saída do seu fundador, a escola mandou para a Europa dois de seus melhores alunos: João Zaco Paraná e João Turin, que posteriormente tornaram-se escultores reconhecidos no Paraná.

Outro fato interessante é que em 1910 foi criada a Escola de Aprendizes Artífices (EAA), em Curitiba, atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Wachowicz (2006) sugere que embora as duas escolas estivessem se desenvolvendo paralelamente em 1910, no ano seguinte, Dona Maria Aguiar de Lima, a diretora da escola de Belas Artes e Indústria do Paraná, contraiu uma doença que fez com que ela mudasse da capital e, por isso, não conseguiu mais manter a escola, mesmo que ainda houvesse grande número

de alunos e professores, no entanto, parece que a criação da EAA também acelerou o fechamento da Escola de Artes e Indústria.

A criação dessas duas Escolas em Curitiba parece ter sido mais um momento de identificação (HALL, 2004) para os paranaenses, e esta gerou novas necessidades, entre elas a necessidade da existência, da “invenção” (Latour, 2001) de uma Universidade na cidade. Latour (2001) usa o conceito de invenção para explicar processos históricos como o caso dos microorganismos e Pasteur. Aproprio-me deste conceito para analisar o processo histórico de criação da Universidade do Paraná. Para Latour (2001) invenção é

um momento de *concrecência*, ...a ativação de um potencial já existente. O tempo de nada serviria e a história seria vã. A descoberta-invenção-construção... exige que cada um dos artigos de sua associação receba o *status* de mediação, isto é, de ocorrência que não seja nem uma causa completa nem uma completa conseqüência nem inteiramente um meio, nem inteiramente um fim. (p 177 e 178)

1.3 A Invenção da Universidade do Paraná

Em 1901 foi promulgado um código que retirou as concessões obtidas pelos três decretos de 1891 e 1892, mencionados na seção anterior e, assim os cursos superiores voltavam a ser monopólio estatal, porque nos três decretos anteriores (de 2 e 10 de janeiro 1891 e 3 de dezembro de 1892) o Governo Federal havia autorizado o ensino superior privado no Brasil, mesmo que isso tenha ocorrido apenas em um período curto.

Em 1911 foi promulgada a Lei Rivadávia (Decreto nº 8659 de 5 de abril de 1911) que liberou e desoficializou o ensino superior, ou seja, o ensino superior novamente poderia ser particular e não vinculado ao governo.

Antes da Lei Rivadávia, já se discutia a necessidade de uma universidade em Curitiba, mas só após a publicação da Lei é que paralelamente, na sociedade Curitibana, dois grupos começaram se mobilizar para criar - ou inventar (LATOURE, 2001) - uma universidade no Paraná. O primeiro foi o de Vítor Ferreira do Amaral e companheiros, que realizou sua primeira reunião no dia 11 de junho de 1912. Eles fundaram o jornal “Commercio do Paraná”, que também seria responsável pela cobertura aos eventos universitários que se seguiriam. O segundo grupo trabalhou de forma autônoma e também começou a pensar a invenção (LATOURE, 2001) de uma universidade. Esse era encabeçado pelo médico Dr. Nilo Cairo da Silva, militar adepto do positivismo. Nos primeiros meses os dois grupos trabalharam com a mesma ideia separadamente, no entanto, foi a fusão entre eles que possibilitou a consolidação desta. De acordo com Wachowicz, (2006, p. 51) se os dois grupos não tivessem se unido, provavelmente a Universidade não passaria das primeiras iniciativas.

Os dois grupos formaram uma comissão para a estruturação da Universidade e montaram os estatutos da instituição, baseados em estatutos que regiam a iniciativa de Universidade em São Paulo (p. 52). A proposta inicial é que a Universidade fosse fundada no dia 1º de janeiro de 1913 e, para isso, no início de dezembro de 1912, a comissão convidou o governador Carlos Cavalcanti de Albuquerque para ministrar uma das cadeiras do Curso de Engenharia. Cavalcanti sugeriu que a data inaugural fosse antecipada para o dia 19 de dezembro, dia da emancipação do Paraná e segundo Vítor Ferreira do Amaral em seu discurso na sessão solene do primeiro aniversário da Universidade, disse que essa data foi habilmente escolhida, pois representaria também a emancipação intelectual do Estado (p. 59). Assim, no dia 19 de dezembro de 1912, às 13 horas, no salão das sessões do Congresso Legislativo. Vítor Ferreira do Amaral presidiu a “Assembléia Geral dos Lentes” (p. 54)⁹, Nilo Cairo e Daltro Filho secretariaram a sessão. Neste mesmo dia foi eleita a primeira diretoria constituída por Vítor Ferreira do Amaral (Diretor); Euclides Beviláqua (Vice-diretor); Nilo Cairo da Silva (Secretário); Daltro Filho

⁹ Lentes refere-se aos docentes da instituição.

(Subsecretário); Flávio Luz (Tesoureiro) e Hugo Gutierrez de Simas (Bibliotecário)¹⁰. Carlos Cavalcanti foi aclamado diretor honorário.

Entendo que esse episódio pode ser interpretado a partir do conceito de invenção em Latour (2001), pois universidades já existiam em outros países e mesmo em outras cidades do Brasil universidades começavam a ser organizadas, mas em Curitiba isso foi possível, pois esse grupo não desistiu da ideia, apesar dos percalços. Anteriormente, a ideia de Universidade já havia experimentado “outras vidas” (LATOURE, 2001, p.177) na mente de Rocha Pombo, mas sua nova “concretização pode ser datada localizada e oferecida” (p. 177) a sociedade paranaense em 1912. Nesse sentido, a Universidade do Paraná foi “inventada” (LATOURE, 2001) pelo grupo liderado por Vítor Ferreira do Amaral e Nilo Cairo.

Após a assembléia de fundação, Vítor Ferreira do Amaral alugou um casarão situado a Rua Comendador Araújo nº 42 que se tornou a sede da Universidade. Em 1º de fevereiro de 1912 abriram-se as inscrições para o exame de admissão e o primeiro aluno a se inscrever foi Plácido e Silva, para o Curso de Direito¹¹. Em 1912 a Universidade tinha 94 estudantes.

Em 1913 a sede alugada já era muito pequena e em agosto do mesmo ano a prefeitura doou um terreno para a Universidade, situado próximo a atual Praça Santos Andrade, fora do eixo central da época. As obras para a nova sede iniciaram-se em seguida, pois no início de 1914 o casarão já não comportava de maneira satisfatória todos os alunos. Como as obras da nova sede estavam adiantadas e já existiam salas prontas, os estudantes reivindicavam a mudança, mas o Diretor queria uma inauguração solene do edifício. E, segundo Wachowicz (2006) alguns estudantes de Engenharia tiveram uma “idéia atrevida” (p.67), e no dia 12 de abril de 1914, simularam um princípio de incêndio, em um barracão existente atrás do casarão. Naquele momento não havia aulas, mas quando os gritos de FOGO! FOGO! ecoaram,

¹⁰ Uma lista com o nome dos conselheiros pode ser encontrada no anexo 1

¹¹ A lista de cursos segundo Westphalen (1987) está no anexo 2

os estudantes saíram imediatamente para a rua, carregando os móveis na cabeça e fizeram a mudança para a nova sede. Em 10 de julho de 1914 a Universidade já havia se instalado por completo no novo prédio. Nesse mesmo ano, na antiga sede da Universidade, foi inaugurada a Maternidade de Curitiba, que depois passaria a se chamar Vítor Ferreira do Amaral.

No entanto, a nova sede, em frente a atual praça Santos Andrade, tinha inúmeros problemas: ficava fora do eixo central da cidade na época; estava em frente do depósito de lixo da prefeitura (hoje Praça Santos Andrade). Além disso, ali também começava os brejos e grotas que terminavam no rio Belém, o que dificultava o acesso ao prédio, de quem vinha pela rua XV de Novembro.

Além dos problemas estruturais da nova sede havia também uma crise econômica que o Paraná e o Brasil enfrentavam devido à 1ª Guerra Mundial entre os anos de 1913 a 1915. No entanto, os relatórios de Vítor Ferreira do Amaral mostravam que a condição financeira da Universidade era favorável devido à receita de contribuição dos alunos e previa que mesmo com as dificuldades da época o futuro seria tranquilo. Wachowicz (2006) sugere que o diretor não imaginava que o pior ainda estaria por vir, não só quanto à questão financeira, mas também quanto à própria sobrevivência da Universidade, pois em 11 de março de 1915 o governo federal aprovou a lei Maximiliano (decreto 11.530), que foi um golpe duríssimo para a Universidade. Wachowicz (2006) relata que o objetivo da lei era extinguir as três Universidades livres existentes no Brasil criadas a partir da Lei Rivadávia, por que:

As autoridades educacionais federais não viam com simpatias que pequenas capitais como Curitiba e Manaus, através da iniciativa privada, se antecipassem aos próprios centros brasileiros como Rio de Janeiro, por exemplo. Por isso, a Lei Maximiliano, ao mesmo tempo em que forçava a extinção dessas três Universidades, já colocava no art. 6º a determinação legal de que o governo federal fundasse no Rio de Janeiro, quando achasse oportuno, uma Universidade. (p.105)

A Universidade do Paraná era mais bem estruturada que outras também recém-criadas na mesma época, como as de Manaus e de São Paulo, tanto que essas duas não conseguiram estabelecer estratégias de resistência (FOUCAULT apud CASTRO, 2004) e fecharam as suas portas como universidade. Por outro lado, a Universidade do Paraná continuou em funcionamento e até ampliou o número de alunos, já que o fechamento da Universidade de São Paulo fez com que muitos estudantes migrassem para Curitiba e isso contribuiu para as finanças. No entanto, três exigências da Lei Maximiliano fizeram a Universidade sucumbir:

- a. Retorno do sistema de equiparação das instituições. A fim de que os diplomas e/ou títulos expedidos pudessem concorrer com os congêneres emitidos pelas escolas oficiais;
- b. A cidade sede do curso superior deveria ter no mínimo cem mil habitantes;
- c. Somente após cinco anos de funcionamento é que uma escola superior poderia requerer equiparação. (WACHOWICZ, 2006, p 83)

A Universidade do Paraná não satisfazia nenhuma dessas exigências, pois: não havia nenhuma Universidade Pública para fazer a equiparação de diplomas; Curitiba tinha somente 66 mil habitantes (de acordo com um recenseamento realizado por um dos fundadores) e a Universidade estava em funcionamento há apenas três anos. Descumprindo assim as três exigências legais. Com isso, no ano de 1918 a Universidade do Paraná, enquanto tal sucumbiu, mas para não fechar as portas foi dividida em três Faculdades (de Medicina, de Direito e de Engenharia). Isso pode ser interpretado de duas formas: a primeira seria a fragilidade de sua constituição, que não conseguiu se manter a partir das exigências da Lei Maximiliano. A segunda é a de que a universidade valeu-se de uma estratégia de resistência (FOUCAULT apud CASTRO, 2004) para se manter.

Entendo que, apesar de a Universidade ter sido dividida em três Faculdades, apresentava uma direção comum as três instituições, assim a

Universidade não desapareceu efetivamente, por isso coadunado com a ideia de “resistência” em Foucault. Segundo Castro (2004) “A possibilidade de resistência, para Foucault, não é essencialmente da ordem da denúncia moral ou da reivindicação de um direito determinado, mas da ordem estratégica e da luta.” (p. 387). Esse conceito é mais próximo do que a administração da Universidade realizou, ou seja, a resistência para sobreviver. Os administradores usaram de subterfúgios contra a ordem constituída para continuarem com a Universidade aberta e quando os seus esforços foram derrotados, não se deram por vencidos totalmente, pois poderiam ter fechado as portas, como as Universidades de Manaus e São Paulo fizeram que era o fato mais simples a ser feito, mas ao invés disso, dividiram a Universidade em três Faculdades, agregadas numa única diretoria e continuaram lutando até que ela fosse novamente restaurada na década de 1940.

Westphalen (1987) aponta que desde o processo de separação em 1918 nenhum curso foi criado nas três Faculdades até a restauração como Universidade em 1946. No entanto, em 1938 foi inventada uma nova Faculdade em Curitiba e também outros Institutos Superiores com novos cursos criados durante o período de separação, posteriormente todos se integrariam a Universidade, quando esta foi restituída.

Nessa seção discorri sobre os primeiros anos do século XX e as Leis que facilitaram e sucumbiram com um projeto de Universidade no Paraná e sobre a brecha dada pela Lei Rivadávia, para alguns intelectuais paranaenses, já que desoficializava o ensino superior e que conseqüentemente permitiu que a iniciativa privada tivesse chance nesse setor.

Os principais fatos deste período foram:

- 1) A Lei Rivadávia desoficializava o ensino superior e, a iniciativa privada, a partir dos intelectuais paranaenses vislumbrou chances nesse setor.

- 2) Dois grupos de intelectuais começaram a trabalhar separadamente em busca do mesmo objetivo: a criação/invenção de uma Universidade em Curitiba, que só foi alcançado quando esses grupos uniram forças.
- 3) A Universidade do Paraná foi fundada em 19 de dezembro de 1912.
- 4) As finanças e a procura pela Universidade do Paraná transcorriam bem até a Promulgação da Lei Maximiliano em 1915, que retirou várias das concessões feitas pela lei anterior e, assim, a universidade encontrou uma estratégia de resistência para sobreviver, dividindo-se em três faculdades.

A figura 2 ilustra o resumo realizado sobre este período.

Na próxima seção discorro sobre o período em que a Universidade, existiu na forma de três Faculdades (de Direito, de Engenharia e de Medicina).

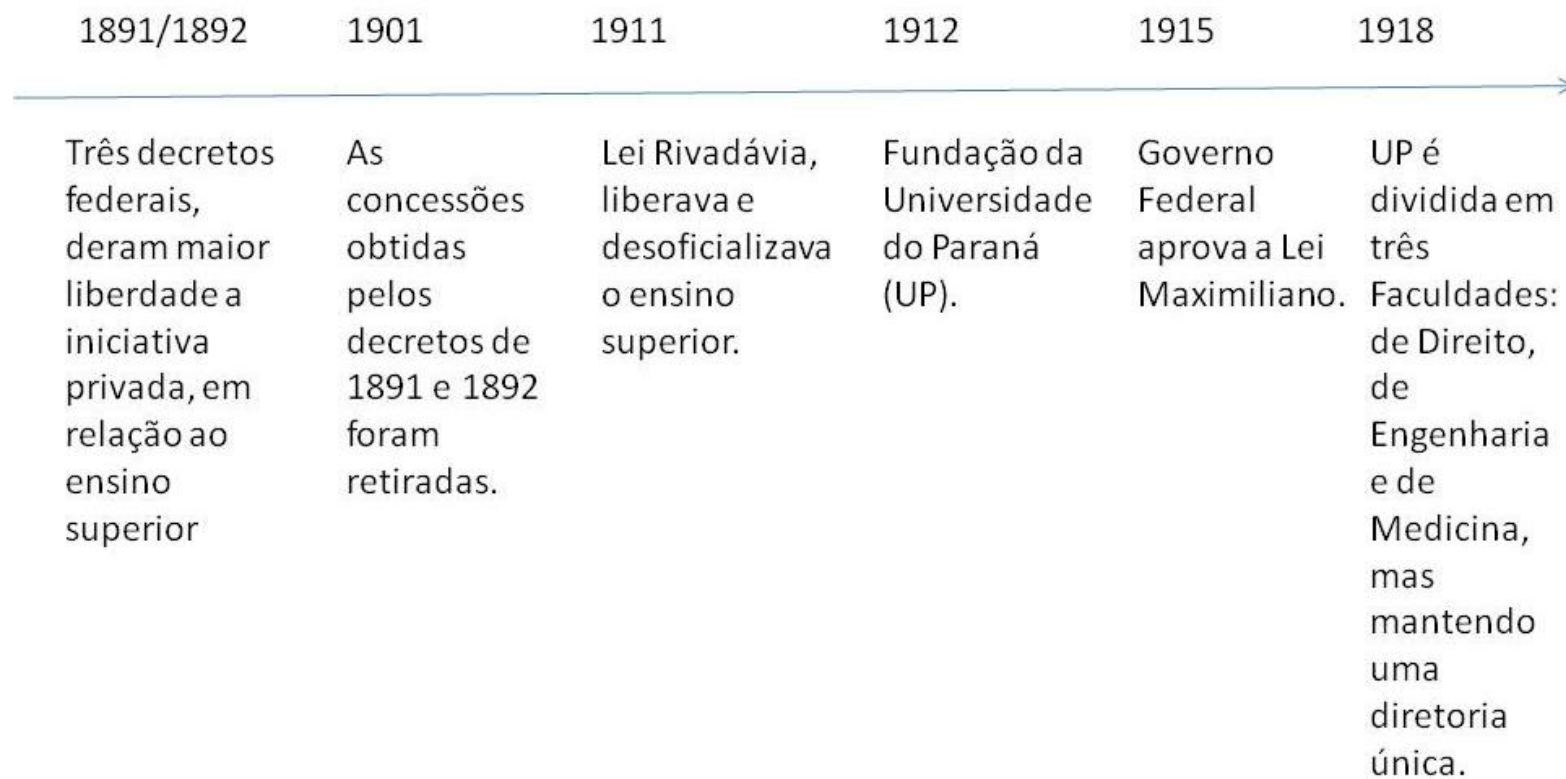


FIGURA 2: Resumo da legislação sobre o Ensino Superior e a divisão da universidade do Paraná em três faculdades. Linha do tempo entre 1891 a 1918. FONTE: O autor, 2011.

1.4 As primeiras Greves, a Recomposição e a Federalização da Universidade do Paraná

Nesta seção abordo as primeiras greves estudantis que ocorreram na Universidade, de 1915 até a sua federalização em 1950, revisitando 35 anos da história da Universidade meu objetivo é discutir, a partir de uma perspectiva de identidades (HALL, 2004), alguns eventos que podem ter colaborado na constituição dos currículos da Universidade de uma forma geral incluindo os currículos do curso de História Natural de maneira especial. Pois segundo Silva (2005) o currículo é:

Lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo de forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (p. 150)

Entendo que currículo é mais do que a grade curricular, são as lutas e o jogo de forças e poder entre suas diversas instâncias. Na Universidade do Paraná, nas três Faculdades desmembradas ou na recomposição da Universidade, as diversas lutas de estudantes, funcionários e professores influenciaram na constituição dos currículos.

A primeira greve da Universidade do Paraná ocorreu em 1915 e foi conduzida pelos estudantes de alguns cursos que reivindicavam que o mês de junho fosse considerado férias, na época conhecido como as *férias de São João* (WACHOWICZ, 2006, p. 137). A partir daí essas férias passaram a integralizar o calendário acadêmico.

No ano de 1920 as Faculdades de Direito (em 29 de julho) e de Engenharia (em 6 de agosto) conseguiram a equiparação do Governo Federal, ou seja, as Faculdades haviam sido equiparadas com instituições de ensino superior oficiais, assim os diplomas ou certificados provenientes delas tinham o mesmo valor de um congênere proveniente de escola oficial e os estudantes não precisariam mais fazer provas de equiparação após formados, para

comprovar se poderiam ou não exercer a função. Para a Faculdade de Medicina essa equiparação ocorreu em 1922, isso também abolia os testes de comprovação de suficiência para o caso de transferência de instituição ou após o término do curso.

No mesmo ano (1922) houve uma tentativa de recomposição da Universidade conduzida por João Ribeiro de Macedo Filho, no primeiro Congresso de Ensino realizado no Rio de Janeiro, mas a tentativa não chegou a termo. Posteriormente, outras tentativas voltariam a ocorrer, mas foi em 1946 que as Faculdades voltariam a compor a Universidade do Paraná. Tornando oficial, o que já vinha ocorrendo de fato, pois a Universidade do Paraná se manteve ao longo dos anos em um processo de resistência (FOUCAULT apud CASTRO, 2004), sem ter deixado de existir enquanto tal, ou seja, embora legalmente separadas, as faculdades tinham ações e decisões conjuntas sob o comando de Vítor Ferreira do Amaral, mantendo-se como uma Universidade.

Em 1925, foi deflagrada a segunda greve, que ocorreu em solidariedade aos estudantes de São Paulo e Rio de Janeiro. Foi a primeira greve estudantil de âmbito nacional, ocorrendo mesmo sem existir uma entidade nacional para coordená-la.

Wachowicz (2006) relata que em outubro de 1931 estudantes de Direito deflagraram greve para reivindicar questões internas, como a aprovação por média (p. 141). Isso motivou estudantes de outros estados e acabou gerando uma greve nacional de estudantes de Direito. Os estudantes paranaenses orgulhavam-se desse fato. Outra greve ocorreu em 1937, motivada pelo aumento das taxas escolares, que foram elevadas durante as férias de verão, os grevistas conseguiram que a taxa fosse diminuída em 50%. Até a federalização da Universidade, não há mais notícias de movimentos paredistas do corpo discente.

Em 1929 as Faculdades estavam com sérios problemas financeiros. Wachowicz (2006) sugere que isso era devido a crise de 1929 somada a falta

de atenção dada as faculdades que foram renegadas pelo interventor¹² e perderam apoio estadual. Durante os quinze anos do regime de Estado Novo, iniciados em 1930 com o golpe de Getúlio Vargas, mesmo o Brasil passando por um período de industrialização e novas leis para os trabalhadores, as Faculdades paranaenses não obtiveram os mesmos níveis de investimentos, se comparadas com as do Rio Grande do Sul, por exemplo.

Foi somente após a queda do regime do Estado Novo que as relações entre o Paraná e o Governo Federal mudaram e com isso a Universidade do Paraná foi restaurada em 1946, sendo reconstituída pelas três Faculdades iniciais e mais a de Filosofia, Ciências e Letras que havia sido fundada em 1938 de forma autônoma.

O Artigo primeiro do Estatuto da Universidade reitera suas principais finalidades (UFPR, 1948)

... é uma Universidade livre equiparada, e tem por finalidade: manter e desenvolver o ensino nos institutos que a compõem; trabalhar pelo aperfeiçoamento do ensino no País; incentivar a pesquisa e a cultura científica, literária, filosófica e artística; concorrer para o engrandecimento material e espiritual da Nação. (p. 7)

E era constituída por quatro Faculdades: Direito, Medicina, Engenharia (fundadas em 19 de dezembro de 1912) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (fundada em 16 de fevereiro de 1938).

Em 1947, o interventor Brasil Pinheiro Machado deu suporte financeiro a Universidade por meio de dois decretos e a instituição contava com 3.033 estudantes. Assim, a ideia seguinte seria a da federalização. Essa ideia contou com o empenho das comunidades acadêmica e política paranaenses e, em 4 de dezembro de 1950, a Lei nº 1.254 foi promulgada e a Universidade do Paraná foi federalizada, tornando-se Universidade Federal do Paraná. Nesse

¹² O interventor Manoel Ribas foi nomeado por Getúlio Vargas.

sentido, a perspectiva de currículo como conjunto de forças que se digladiam e se impõem e sobrepõem, se formam e reformam e constituem identidades (SILVA, 2005) é retomada.

Nesta seção discorri sobre o processo de recomposição da Universidade do Paraná, desde a primeira greve estudantil em, passando por seu desmembramento em três Faculdades em 1918, até a Federalização em 1950. Os principais fatos foram:

- 1) As greves ajudaram a constituir currículos com férias em julho, aprovação por média e redução de taxas e mensalidades.
- 2) A universidade do Paraná foi dividida em três faculdades em 1918.
- 3) As estratégias de resistência (FOUCAULT apud CASTRO, 2004), utilizadas pela diretoria para poder se manter, pois as decisões eram tomadas de forma conjuntas a estrutura de universidade se manteve.
- 4) Depois de anos de tentativas frustradas e problemas com os Governos Estadual e Federal em 1946, após a queda do Regime Novo a Universidade do Paraná, foi recomposta, já contando com a incorporação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, fundada em 1938.
- 5) A luta pela unificação da Universidade do Paraná foi mais demorada do que a da federalização e esse intento chegou a termo em 1950.

1.5 Origem da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná

Nesta seção discorro sobre a origem da Faculdade de Ciências e Letras do Paraná e sobre a implementação do curso de História Natural em Curitiba.

Westphalen (1988) realizou um estudo sobre os Cinquenta anos da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná ela cita Omar Gonçalves da Mota, Carlos de Paula Soares e Homero de Melo Braga como três mentores da criação. A partir da ideia, os três convidaram outros colegas e congregaram 31 professores que fundaram a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná em 1938, com um Instituto de Educação em anexo.

A maioria daqueles professores era oriunda das Faculdades de Direito, Engenharia e Medicina da Universidade do Paraná, e da Escola Agrônômica do Paraná. Outros eram membros do Círculo de Estudos Bandeirantes e havia também sacerdotes católicos.

A reunião de fundação ocorreu no Salão Nobre do edifício da Universidade do Paraná, no dia 26 de fevereiro de 1938 e foi presidida pelo Professor Omar Gonçalves da Mota (WESTPHALEN, 1988, p. 19). Nessa reunião, uma Diretoria provisória foi proposta e aceita. A diretoria era presidida pelo Professor Omar Gonçalves da Mota, diretor, Carlos de Paula Soares, vice-diretor, e Homero de Melo Braga, secretário¹³.

A nova Faculdade era constituída por três departamentos (Filosofia, Ciências e Letras) e um Instituto Superior de Educação que ficava em anexo. Logo após a fundação foram abertas vagas para os cursos de Filosofia, Ciências Químicas, Geografia e História, Ciências Sociais e Políticas e o curso Superior de Educação. Mas por motivo não elucidado em Westphalen (1988), o Instituto Superior de Educação não se concretizou.

As primeiras provas vestibulares ocorreram de 5 a 9 de abril de 1938 e havia 20 vagas para cada curso. Em 3 de maio foi ministrada a aula inaugural

¹³ Uma lista das diretorias subsquentes da Faculdade podem ser encontradas no Anexo 3

proferida pelo Padre Jesus Ballarin tendo presentes 19 alunos: 12 homens e 7 mulheres.

Segundo a autora, a Faculdade era livre, ou seja, o Governo não poderia impor as suas normas, e particular, assim os seus recursos vinham das mensalidades pagas por seus estudantes. No início funcionou provisoriamente no edifício do Congresso Legislativo Estadual, mas depois do rompimento político entre o Professor Omar Gonçalves da Motta e o Interventor Manuel Ribas, a Faculdade perdeu a sua sede provisória e precisou se dividir, sendo instalada precariamente em três locais distintos, uma parte junto às três Faculdades (que eram a Universidade do Paraná), outra no Círculo de Estudos Bandeirantes e a terceira em um edifício particular do Professor Homero de Melo Braga.

Em seu primeiro ano, a nova Faculdade já estava tendo problemas, tanto para o atendimento de todas as exigências do Decreto-lei nº 421, de 11 de maio de 1938, quanto para se manter financeiramente, pois perdeu o contrato com o Governo do Estado que proveria os fundos para manter o curso complementar do Ginásio Paranaense. Sem esse contrato a faculdade passou a ter sérios problemas financeiros e corria o risco de ser fechada, mas mesmo assim abriu inscrições para as provas vestibulares de 1939 e ainda criou o curso de Letras Clássicas e Português. Naquele ano os problemas que assombravam a instituição foram resolvidos: para cumprir as exigências legais foram feitas alterações no regimento. Para resolver os problemas financeiros os professores José Loureiro e Padre Jesus Ballarin, fizeram um contato com a União Brasileira de Educação e Ensino dos Irmãos Maristas, e na seqüência, assinaram um contrato no qual os Irmãos manteriam Faculdade.

Nas provas vestibulares de 1940, abriram-se inscrições para os cursos já existentes e também para Matemática, Letras Neolatinas e Letras Anglogermânicas. No mesmo ano a União Brasileira de Educação e Ensino construiu um edifício com amplo espaço, situado entre as ruas XV de Novembro, Marechal Deodoro, Tibagi e Conselheiro Laurindo. O edifício foi

alugado para a Faculdade e entregue no dia 5 de dezembro. Assim, as vagas de todos os cursos foram aumentadas para 40.

No ano seguinte entrou em funcionamento o curso de Didática que atendia a todas as licenciaturas. Em 1942 o Decreto nº 9.776, de 23 de junho criou o curso de História Natural. Em 1943 foi criado o curso de Física, último previsto pelo regimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, completando assim o quadro de cursos.

O curso de História Natural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná foi criado na mesma época que o da Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (WORTMANN, 1996). Mais a frente discorro sobre os dois cursos.

Em 1º de abril de 1946 a Universidade do Paraná foi recomposta e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi absorvida por ela, mas ainda no sistema privado. Só em 4 de dezembro de 1950 é que a Lei nº 1.254 federalizou a Universidade do Paraná.

Em 1956 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, mudou-se provisoriamente para o local destinado à Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (edifício D. Pedro II, situado a rua Dr. Faivre), enquanto esperava sua sede ficar pronta. Esta só foi concluída 2 anos depois e foi chamada de Edifício Dom Pedro I, compondo o que hoje denominamos de Complexo Reitoria ou Campus Reitoria.

Neste capítulo busquei resgatar aspectos das origens da UFPR, até a sua federalização, a partir dos conceitos de *identidade* (HALL, 2004) *invenção* (LATOUR, 2001) e *resistência* (FOUCAULT apud CASTRO, 2004). Esse contexto forneceu as bases para a constituição do curso de História Natural. No próximo capítulo abordo as origens do curso de História Natural e os seus sucessores: a Licenciatura em Ciências Biológicas e em Ciências, e os cursos de Ciências Biológicas versão 1992 e Ciências Biológicas versão 2008.

2. DE HISTÓRIA NATURAL A CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Neste capítulo apresento a organização de diferentes currículos dos cursos de História Natural, Licenciatura em Ciências, Licenciatura em Ciências Biológicas e Ciências Biológicas (versão 1992 e versão 2008). O objetivo é re-visitatar as diferentes propostas curriculares dos cursos de História Natural, Ciências e Ciências Biológicas da UFPR, especialmente no que tange as disciplinas da Licenciatura, ou disciplinas de bacharelado que tenham alguma interface com a formação pedagógica dos professores. Meu foco é observar as diferentes grades curriculares, buscando atravessamentos que possibilitaram ressignificações coletivas e desterritorializantes que entremeiam os campos de poder do bacharelado e da licenciatura. A noção de campo em Bourdieu (apud PERRELI, 1996) refere-se a um espaço social no qual os agentes participantes interagem de acordo com as posições que ocupam.

Usando tal noção, proponho a divisão deste capítulo em cinco seções que analisam momentos diferentes do curso e suas lutas no campo. A primeira intitulada “O curso de História Natural” busca preencher algumas lacunas a partir dos fragmentos de informações sobre o curso e grades curriculares por meio de informações documentais complementadas com entrevistas realizadas com três egressos do curso que se tornaram professores da UFPR; a segunda seção intitulada “Curso de Licenciatura em Ciências” aborda o curso de Licenciatura de modalidade curta que ocorreu paralelamente ao curso de História Natural e de Licenciatura em Ciências Biológicas e que existiu quase que exclusivamente no período da ditadura militar; a terceira contempla o curso de “Licenciatura em Ciências Biológicas (1971-1991)” e discorre sobre um período mais tecnicista do curso; a quarta seção “Ciências Biológicas (1992-2007)” remonta á um período que acirra a ênfase na formação Lógico-empirista do pesquisador; e a quinta “Ciências Biológicas (2008-...)” aborda as linhas de fuga do currículo atual.

2.1 O curso de História Natural

O curso de História Natural foi criado em 1942 (WESTPHALEN, 1988). Mas só abriu vagas para as provas vestibulares do ano de 1943, apresentando duas modalidades: Bacharelado e Licenciatura, sendo estabelecido um formato curricular conhecido como 3+1, pois os primeiros três anos eram destinados as disciplinas de bacharelado e o último ano contemplava disciplinas da licenciatura.

O formato curricular 3+1 permaneceu até o final do curso, e isso aparece na fala de alguns entrevistados, como a do professor Dr. Iglénir Cavalli¹⁴ que relembra sua formação comentando como obteve diplomação nas duas modalidades. O professor ingressou no curso em 1962 e concluiu em 1965 um excerto de seu comentário foi transcrito abaixo:

...tinha sim essa diferença, eu não tenho segurança, mas eu na verdade completei o curso com a licenciatura. E realmente tinha bacharel, pois alguns colegas se formavam em bacharel no terceiro ano e alguns continuavam pro quarto ano. Então tinha as duas opções.

O Catálogo da Universidade Federal do Paraná (UFPR, 1973a) menciona as principais competências da profissão: “Aos Licenciados competia, como atividade profissional, o ensino de História Natural no nível secundário (ginásio e colégio), enquanto que aos Bacharéis a pesquisa, como naturalistas” (p.55). Os primeiros bacharéis¹⁵ em História Natural graduaram-se em 1945. No ano seguinte, 1946, quase todos os diplomados no ano anterior¹⁶ foram então licenciados em História Natural.

¹⁴ A transcrição de toda a entrevista pode ser lida no Anexo 11

¹⁵ Westphalen (1988) lista os seguintes nomes na primeira turma: Angelo Mizael Camatta; Demétrio Nahirniak; Ernesto Juvenal; Geraldo José da Silva; Julio Pawluk; Osvaldo de Sousa; Ralph João George Hertel; Rudolf Bruno Lange; Ruth Maria Küster (p. 95)

¹⁶ Exceto Demétrio Nahirniak que licenciou-se em 1949.

No que se refere as matrículas realizadas a cada ano por alunos ingressantes a partir das provas vestibulares para o curso de História Natural não consegui dados precisos. Há três fontes não oficiais e com distinções entre elas. Tais fontes foram compiladas na Tabela 1 descrita a seguir.

Os dados apresentados na primeira coluna da Tabela 1 foram levantados pela atual secretária da coordenação do curso de Ciências Biológicas da UFPR sem fonte explicitada. Uma compilação desses dados foi reproduzida na primeira coluna intitulada “Levantamento da Secretaria do curso”. Tais dados iniciam em 1943 e vão até 1956, mas não há indicações de quantos estudantes se inscreveram no ano de 1946.

Os dados apresentados na segunda coluna da Tabela 1, e intitulados “Fotocópias de Anuários” foram encontrados em documentos fotocopiados¹⁷ de Anuários da UFPR e que a Coordenação do curso de Ciências Biológicas preservou. Estas fotocópias indicam até o ano de 1964, mas não tem informações sobre o ano de 1945.

Os dados apresentados na terceira coluna da tabela 1 foram apresentados no livro de Westphalen (1988) abrange as inscrições para todas as provas vestibulares¹⁸.

A compilação desse conjunto de fontes resultou na tabela 1, apresentada a seguir:

¹⁷ Esses documentos são fotocópias de páginas de anuários da Universidade e neles há a referência de qual anuário equivale, anotado a lápis.

¹⁸ Westphalen(1988) usa o termo provas vestibulares que foi adotado nesta monografia.

Ano	Levantamento da Secretaria do curso	Fotocópias de Anuários	Westphalen 1988
1943	14	14	14
1944	11	11	10
1945	9	- ¹⁹	9
1946	- ²⁰	-	-
1947	19	19	19
1948	35	35	35
1949	19	19	19
1950	58	58	58
1951	59	59	59
1952	26	54	54
1953	33	35	35
1954	30	30	30
1955	21	21	21
1956	31	31	31
1957	-	32	32
1958	-	49	49
1959	-	92	92
1960	-	88	88
1961	-	84	84
1962	-	97	97
1963	-	116	116
1964	-	112	112
1965	-	-	126
1966	-	-	101
1967	-	-	105
1968	-	-	108
1969	-	-	111
1970	-	-	99
1971	-	-	153

TABELA 1: Número de estudantes inscritos para as provas vestibulares do curso de História Natural.

FONTES: primeira coluna: levantamento feito pela secretaria do curso, sem referência conhecida; segunda coluna: fotocópias de anuários encontrados na secretaria do curso; terceira coluna: livro de Westphalen (1988)

Há algumas inconsistências observáveis entre as três bases de dados. A primeira é no ano de 1944, em que os documentos e o texto apresentam um aluno a mais do que o mencionado por Westphalen (1988); nos anos de 1945 e

¹⁹ Não encontrei dados sobre este ano nos documentos.

²⁰ Não encontrei dados sobre este ano no texto.

46, uma das fontes não apresenta o dado, mas os outros dois dados são idênticos; outra discrepância foi observada nos dados de 1952, pois o “Levantamento” (primeira coluna) menciona 26 alunos matriculados, mas as demais fontes sugerem que foram matriculados 54 estudantes. Além disso, no ano de 1953, novamente o “Levantamento” (primeira coluna) indica número diferente de matriculados (33), enquanto os outros dois, apresentam 35. A partir do ano de 1965, restam somente os dados do livro de Westphalen (1988). Como mencionado anteriormente, nenhuma das fontes é oficial. Além disso, vários anuários (que aparentemente foram fotocopiados) e os dados reproduzidos na coluna 2 não foram localizados, de qualquer forma a Tabela 1 nos dá uma boa noção de como as matrículas oscilaram ao longo dos anos, e tendo momentos de alta e também de baixa de matrículas. Mas, a partir de 1963, aparentemente o número de matriculados aumentou. No entanto, não obtive dados de evasão dos cursos.

No que tange ao reconhecimento legal da profissão, é interessante notar o Curso de História Natural já existia desde 1942, mas só foi reconhecido em 05 de abril de 1945, pelo Decreto nº 18.293, publicado no Diário Oficial da União de 11 de abril de 1945.

Segundo Westphalen (1987) em seu primeiro ano de funcionamento o curso contava com os seguintes catedráticos: Homero de Melo Braga, Biologia Geral; Padre Jesus Moure, Zoologia; Carlos Stellfeld, Botânica; Ludwig Hans Weber, Mineralogia e Petrografia; Joaquim Monteiro Martins Franco, Geologia e Paleontologia

No anexo 4 compilei cátedras propostas para cada ano do curso, nas grades curriculares do curso de História Natural de 1946, de acordo com o anuário (UFPR, 1948, p 99,100 e 102) e também de 1969, 1970, 1971 e 1972²¹. Não localizei informações referentes a alterações curriculares embora algumas informações possam ser inferidas a partir do anuário e dos

²¹ Lembrando que nestes anos não encontrei os anuários, somente as páginas com referência aos anuários anotadas a lápis nas fotocópias. Estas fotocópias estão depositadas na Secretaria do Curso de Ciências Biológicas.

documentos encontrados na secretaria. Também não localizei o primeiro currículo nem mesmo a grade curricular do curso, de 1942, mas em função das características da época é possível inferir que poucas alterações devem ter ocorrido entre 1942 e 1946.

No tocante a formação do naturalista, as entrevistas com seus egressos revelaram uma formação mais abrangente, no sentido da generalidade de informações que iam desde petrologia e mineralogia até antropologia (conforme mencionado na entrevista da professora Marilene Terezinha Dzieciol Gonçalves), mas na visão dos egressos era mais aprofundada, pois havia menos disciplinas, o curso ocorria em dois turnos e foco era na formação do naturalista. No entanto, eles comentaram que a formação dada não possibilitava identificação direta nem com a pesquisa, nem com a docência

- A professora Vilma Barra comenta em dois trechos:

...mas em termos de conteúdo o curso de História Natural era muito bom. Eu não posso dizer que o de Biologia agora não seja, pois eu não tive mais contato, né. Mas o de História Natural, ele era mais abrangente, sabe. Você tinha uma visão maior das ciências, por exemplo.

...tivemos excelentes professores, mas a ênfase realmente era...nem sei te dizer, porque biólogo não se falava, né. Mas a ênfase também não era no pesquisador, fazendo agora uma retrospectiva, a ênfase era realmente no conteúdo, mas não se preocupava assim com o futuro, com o emprego que a gente fosse ter, porque tinha que ser professor de ciências nos colégios, né. Mas não havia essa preocupação da Universidade em formar o professor como já falei.

- E o professor Iglénir Cavalli:

...porque o enfoque é diferente, nós éramos mais formados a nível de (sic) ser um Naturalista, o próprio curso dizia isso e hoje é o biólogo, mais especificamente.

Segundo Westphalen (1988) a estrutura organizacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi adaptada da Faculdade Nacional de Filosofia, presente no Rio de Janeiro. Por outro lado, Ayres (2009) sugere que foi na Universidade de São Paulo que se constituiu o primeiro modelo para formação de professores no Brasil, conhecido como “modelo 3 + 1” (p. 15), pois os estudantes realizariam três anos de estudos específicos e só após isso, realizariam um ano de formação pedagógica. Lembrando que foi somente após a criação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que aquela instituição “passou a ser considerada o modelo para a formação de professores em todo o Brasil.” (p. 17)

Ayres (2009) lembra que até 1941 os estudantes podiam cursar as matérias pedagógicas simultaneamente com as específicas, mas nesse ano o Decreto-Lei 3.454/41 acaba por proibir essa simultaneidade (p. 17), o que institucionalizou a cronologia do “modelo 3 +1”.

As informações que obtive sobre as grades curriculares do curso de História Natural por meio do anuário de 1948 e das outras fontes, são importantíssimas para a história do curso. Como anedota, relato que em minha visita ao Núcleo de Assuntos Acadêmicos (NAA) da UFPR obtive de uma funcionária em conversa informal a seguinte orientação para encontrar os documentos históricos da UFPR: “pra encontrar currículos mais antigos você terá que participar de uma sessão espírita”, o que evidencia um descompasso com a preservação de documentos históricos. Isso chamou minha atenção para o descaso da instituição com a preservação de documentos que remontam a própria história da Universidade Federal do Paraná. Um funcionário do Arquivo Geral da UFPR mencionou que pode ser que os currículos estejam guardados lá, mas como existem milhares de caixas armazenadas ali sem catalogação seria extremamente difícil localizar tais documentos, se é que de fato foram depositados ou ainda estão lá. Em contrapartida, investigando o Curso de História Natural da Universidade de São Paulo, que aparentemente foi utilizado como base para a criação do currículo

do curso de História Natural da UFPR²², a história daquele parece ter sido mais bem preservada e estudada, pois há inclusive uma página na internet²³ que resume sua história e apresenta a primeira lista de cátedras.

A última turma de História Natural da UFPR formou-se em 09 de dezembro de 1972, com um total de 25 bacharéis e apenas 3 licenciados. Além disso, é importante notar que o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas surgiu em 1970, mas até 1972 ainda havia estudantes de História Natural.

Uma funcionária do curso de Ciências Biológicas, em depoimento informal mencionou que existe a possibilidade de que alguns estudantes tenham ingressado no curso de História Natural, mas acabaram se diplomando em Licenciatura em Ciências Biológicas, devido a troca de currículo durante a sua estada na UFPR e as adequações propostas naquele momento. Nas trocas de currículo subsequentes a esta, e que menciono nos itens a seguir, houve momentos em que estudantes de diferentes currículos coexistiram (e ainda coexistem) na Universidade, eu sou um deles.

É importante mencionar que durante a existência desse curso, houve o golpe militar no Brasil em 1964, que influenciou sobremaneira a educação brasileira, por meio de várias políticas educacionais. O governo militar foi caracterizado por grandes repressões contra os estudantes e os professores.

O professor Iglénir Cavalli egresso do curso também faz uma menção a essa época:

²² Isso é inferência minha baseada em dois fatos: primeiro a Universidade de São Paulo (USP) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP já haviam sido criada nesta época; segundo porque há relatos anteriores de Wachowicz (2006) de que os planos do início do Século XX da extinta Universidade de São Paulo haviam servido de base para a criação da Universidade do Paraná. Nesse sentido é possível inferir que o currículo da Faculdade Nacional de Filosofia foi influenciado pelo do Curso de História Natural da Universidade de São Paulo, que serviu de base para o curso com o mesmo nome na UFPR.

²³ Informações sobre o curso de História natural da USP podem ser visualizadas na URL: <http://www.ib.usp.br/ibhistoria/50anos/1934curso.htm>

...aquilo eu acho que era muito importante e isto é uma questão não curricular, mas uma questão de envolvimento dentro de um grupo. Era um grupo filosoficamente mais consistente até por isso e politicamente mais consistente até por isso e por causa da época, pois quando saí do curso estávamos em plena revolução e ideologicamente era mais consistente e eu percebo que hoje não existe esse tipo de contexto, pelo que os alunos possam efetivamente estar num conjunto mais coeso. Essa é a impressão que eu tenho.

Durante o período da ditadura militar o MEC fez acordos com a United States Agency for International Development (USAID). Alguns estavam relacionados aos níveis de ensino primário e secundário, o que, segundo Lira (2010) provocou mudanças na estrutura da educação brasileira, aproximando-a dos modelos estadunidenses (caracterizados como tecnicistas). Priorizaram-se assim a profissionalização para o Ensino de segundo grau, com a perspectiva de que os estudantes seriam inseridos rapidamente no mercado de trabalho (LIRA, 2010).

No caso da educação superior também houve reformulações que seguiram a mesma perspectiva. Lira (2010), menciona que a ditadura militar requisitou que as universidades atendessem as demandas de indústrias de capital estatal e privado. Assim, houve ênfase para cursos de ciências e tecnologias e para o ensino na pós-graduação, que rapidamente se desenvolveu.

Em 1965, durante esse período, um novo curso foi implementado, a Licenciatura em Ciências, considerado como licenciatura de curto prazo, ou Licenciatura Curta e ocorreu paralelamente ao curso de História Natural. Na seção a seguir, discorro sobre tal curso que foi extinto na década de 1990.

2.2 Curso de Licenciatura em Ciências

O curso de Licenciatura em Ciências foi criado durante o período da ditadura militar na modalidade de Licenciatura Curta, contendo quatro períodos (ou semestres letivos) com a perspectiva de “formação de professores polivalentes, com possibilidade de ministrar mais de uma disciplina, para enfrentar o problema da falta de professores, principalmente no interior” (UFPR, 1973a, p.67). A data de início desse curso de é variável de acordo com o documento que se analisa, mas para o Catálogo do Instituto de Biologia (UFPR, 1973a) este curso foi criado em 1965 por meio do parecer 81/65 (c. especial) do Conselho Federal de Educação.

Com a perspectiva do professor “polivalente”, o catálogo apresenta na seção “Atuação Profissional” as disciplinas de ensino fundamental para as quais os Licenciados em Ciências tinham habilitação profissional, ou seja, a habilitação que seria registrada na carteira profissional do MEC²⁴ a partir da diplomação do licenciado. A habilitação restringia-se ao 1º ciclo²⁵ nas disciplinas de: Iniciação à Ciência, Ciências Físicas e Biológicas e Matemática. (UFPR, 1973a, p.67). No entanto, o catálogo deixava claro que havia carência de professores no Brasil e abria a possibilidade de ação dos licenciados em ciências, em outros ciclos (ou níveis de ensino).

Por outro lado, enquanto não houver número suficiente de professôres com Licenciatura Plena, e sempre que se registre esta falta, os da Licenciatura em Ciências poderão lecionar no 2º. Ciclo as disciplinas estudadas no Currículo (p. 67)

O texto também deixava clara a possibilidade do estudante da Licenciatura em Ciências de complementar seus estudos na Licenciatura em Ciências Biológicas, tornando os dois cursos interligados: “Posteriormente, os

²⁴ As carteiras profissionais com especificação de habilitação profissional para professores foram extintas pela LDB 1996.

²⁵ Primeiro ciclo correspondia a 1ª. A 4ª. Série do curso ginásial ou atualmente equivalente ao 6º. Ao 9º. Ano.

seus licenciados podem obter os créditos necessários à licenciatura que os habilite ao ensino do ciclo Colegial ou Superior.” (p. 67)

Nos documentos depositados na coordenação do Curso de Ciências Biológicas encontrei fragmentos de informações sobre colação de grau do curso de Licenciatura em Ciências. E, em 1968 cinco estudantes colaram grau nessa modalidade; em 1969 dois estudantes; em 1970 dois estudantes e em 1971 um estudante.

Quanto a duração desse curso a Resolução 1/72 do Conselho Federal de Educação previa uma duração mínima de três períodos e máxima de quatro anos. No entanto, de acordo com o Catálogo do Instituto de Biologia (UFPR, 1973a) “o Colegiado de Curso estipulou como duração mínima 2 anos” (p. 69), mas ainda assim, mantinha-se a modalidade de Licenciatura curta.

Moreira (1986) engrossa a fila dos críticos a esse tipo de Licenciatura afirmando que: “A brevidade desses cursos impõe uma dinâmica de trabalho “objetiva”, uma rotina de pouco questionamento e uma abordagem ao conteúdo que freqüentemente não ultrapassa o nível superficial. (p.75)”

Essa análise somada aos comentários de Lira (2010) sobre o período da ditadura militar iniciada em 1964 reitera a vertente tecnicista que as instituições superiores de educação brasileira estavam imbuídas durante aquele período.

A grade curricular deste curso pode ser visualizada no anexo 5. E chama a atenção que mesmo sendo um curso exclusivamente de licenciatura, havia apenas quatro disciplinas da área educacional sendo que três delas eram ofertadas no último período e uma no período anterior. Assim, está claro que o modelo 3+1 também foi o modelo de formação desse curso. Vale lembrar que esse curso começou a funcionar 40 anos após o estabelecimento do modelo 3+1 para a formação de professores na Educação Brasileira na Universidade de São Paulo.

Outro aspecto interessante do curso de Licenciatura em Ciências foi ele ter surgido em um momento de interface entre o ocaso do curso de História Natural e a aurora do Curso de Ciências Biológicas. Não localizei a data exata

da formatura da última turma do curso de Ciências, mas ela deve ter ocorrido no início da década de 1990. No que se refere a filosofia do curso de Licenciatura em Ciências e a do curso de História Natural, percebo que eram muito distintas. Enquanto o curso de História Natural pretendia formar naturalistas, pessoas com uma ampla visão de mundo havia também uma perspectiva mais bucólica e idealizada de Natureza, presente naquele currículo e na visão de seus egressos. Já o curso de Licenciatura em Ciências, apresentava uma clara perspectiva tecnicista que se impregnou na educação brasileira, ao longo da Ditadura Militar, que se consolidou na LDB 5692/71, pois a ideia era formar professores rapidamente, para suprir a falta destes nos níveis primário e secundário. No entanto, para além das variadas interpretações sobre a perspectiva tecnicista na educação, gostaria de apontar que as intenções para o país durante período de ditadura e a carência extrema de professores, colocava o curso de História Natural ainda mais na berlinda, pois levantou novas demandas, escancarou o problema da formação de professores e indiretamente mostrou que o curso de História Natural formava um tipo de profissional que já não atendia mais as novas demandas do país. Assim, era preciso “inventar” (LATOIR, 2001) um outro modelo de formação, uma outra Licenciatura era premente.

É interessante notar que outra configuração para um curso de Licenciatura em Ciências foi pensada na UFPR recentemente, e o curso foi reaberto no Setor²⁶ Litoral²⁷, com uma perspectiva distinta de formação de professores daquele curso da década de 1960, por ser um curso pleno. O atual curso de Licenciatura em Ciências tem entrada anual e em função do caráter distinto daquele Setor, um estudo específico sobre as demandas, origens e projeto curricular deveriam ser realizados, mas não fazem parte do escopo desta Monografia.

²⁶ A Universidade Federal do Paraná é setORIZADA e foi uma das únicas que se manteve assim após o período da ditadura. Outras universidades são normalmente divididas em faculdades e institutos.

²⁷ O Setor Litoral é uma criação recente da Universidade, o mais novo setor e tem características *sui generis*. Atende as demandas do litoral do Paraná, e congrega diversos cursos, mas não se submeteu a departamentalização, estrutura mais comum nas Universidades Brasileiras.

Na seção seguinte, passo a descrever a Licenciatura em Ciências Biológicas.

2.3 Licenciatura em Ciências Biológicas (1971-1991)

Em 1970, durante o regime militar, por meio do parecer nº 107, o Conselho Federal de Educação criou o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e extinguiu o curso de História Natural, devido “as exigências do inevitável processo de especialização” (UFPR, 1973, p 457), pois era necessária uma carga maior de disciplinas voltadas à biologia e assim a conseqüente diminuição da carga voltada à geologia. Assim, o antigo curso de História Natural deixou de existir e o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas foi inventado (LATOURE, 2001) este foi inserido no Setor de Ciências Biológicas. Outro curso do mesmo setor era o de Licenciatura em Ciências que permaneceu na Universidade até a década de 1990.

Segundo Westphalen (1988) outro aspecto que contribuiu para esta mudança foi a Reforma Universitária de 1968 (Decreto-Lei 5540/69), que extinguiu Faculdades isoladas incorporando-as as universidades.

De acordo com o Catálogo Geral da UFPR (UFPR, 1973) o principal objetivo da profissão era: “Ministrar o ensino e o treinamento profissional no campo das Ciências Biológicas, visando à formação de profissionais docentes, técnicos e pesquisadores.” (p 457). E a atuação profissional do graduado (Licenciado) era:

Aos Licenciados em Ciências Biológicas está reservado o Ensino de Biologia, em suas diferentes áreas, nos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus, e ensino de Ciências Físicas e biológicas no 1º grau.

Obtido o título de Licenciado ou Bacharel, abrem-se oportunidades para estudos de Pós-graduação em várias áreas da Biologia, que possibilitem o ingresso na investigação científica e no magistério de nível superior. (p 458)

Os objetivos e a atuação profissional mencionados mostram que o caráter do curso mudou, em relação ao seu precursor, que pretendia formar o naturalista. É interessante notar que o primeiro parágrafo refere-se ao papel dos licenciados e enfatiza a docência e, mesmo não tendo a modalidade bacharelado disponível, o catálogo informa o leitor que nesta modalidade, (juntamente com a licenciatura), “abrem-se oportunidades para estudos de pós-graduação... e o ingresso na investigação científica”. Chama a atenção o texto inserir a modalidade de bacharelado, que não existia no curso, no parágrafo que sugere estudos de pós-graduação. Isso me permite inferir que para o ingresso na investigação científica e no magistério superior os licenciados não precisariam se identificar com a licenciatura, interpreto isso como uma dicotomia entre ensino e pesquisa e, de forma implícita, a desvalorização da licenciatura. Além disso, coadunando com o momento social o currículo passou a apresentar enfoque tecnicista propondo uma formação de professores, técnicos e pesquisadores especializados. Assim formar-se-iam professores especializados em técnicas de docência, técnicos para os variados ramos e pesquisadores especializados em determinada área biológica.

A formação profissional passou então a ser mais especializada colocando enfoque apenas nas áreas da biologia, diferentemente do Naturalista, que apresentava uma visão generalista, conhecendo também geologia, mineralogia, e petrologia.

Isso é evidenciado em um trecho da entrevista do professor Iglénir:

Foi uma formação excelente, um curso muito consistente, com um corpo docente muito bom, foi ótimo, gostei muito e tinha uma variabilidade maior de possibilidades, por exemplo: geologia, mineralogia, petrologia e isto que caracterizava a História Natural, depois que se passou pra biologia essas

disciplinas não fizeram mais parte. Foi muito bom...uma formação sólida.

Isso é evidenciado em um trecho da entrevista da professora Marilene:

Por isso que eu to dizendo que eu achei que o currículo do curso de biologia ficou mais fraco. Daí o que eles colocaram? Eles colocaram física, não que não seja necessário, mas não te forma pro que a gente precisa da física, pra entender muita coisa. Precisa da biofísica, da matemática, da estatística, né. Mas eu...eu acho que, com isso, o curso não ficou sendo técnico e nem biólogo, porque você tirou as horas importantes da parte biológica e deu pra área tecnológica. Então nesse sentido, a biologia perdeu, em relação ao nosso curso de História Natural.

O Catálogo da UFPR (1973) menciona que a Lei nº 140 de 1971 ainda estava em tramitação para regulamentar a profissão do naturista e do biologista. Mas foi apenas em 03 de setembro de 1979, 8 anos depois que outra lei (n.º 6.684) foi sancionada e regulamentou somente a Profissão de Biólogo. A mesma lei instaurou também o Conselho Federal de Biologia (CFBio) e os Conselhos Regionais de Biologia (CRBios) (CRB, s.d.). Por ter sido o dia que regulamentou a profissão, as associações de biólogos existentes na época escolheram a data para representar o Dia Nacional do Biólogo.

O Setor de Ciências Biológicas foi criado pela Reforma Universitária de 12 de setembro de 1973 e publicado em Diário Oficial de 13/09/73 – Decreto nº. 72.782 e funcionava junto com o Setor de Agrárias no campus Agrárias, mas também havia departamentos instalados no campus Reitoria, como a Botânica, a Genética e a Zoologia. Já a Anatomia e a Bioquímica estavam instaladas no campus da Praça Santos Andrade.

Em outubro de 1979 a UFPR inaugurou a nova sede do Setor de Ciências Biológicas no Campus Centro Politécnico tendo como Diretor o Prof. Milton Miró Vernalha e os departamentos de Anatomia, Botânica, Fisiologia, Genética, Parasitologia e Microbiologia, Zoologia, Citologia, Bioquímica.

Lentamente os departamentos iniciaram mudanças com a ajuda dos professores.

Um quadro, com os nomes dos coordenadores do curso pode ser visualizado no Anexo 6 e as grades curriculares que existiram durante esse período (1971-1991) podem ser encontrados no Anexo 7.

Uma das diferenças desse currículo com o de História Natural estava em seu formato, dividido em semestres e não em anos, aproximando-se mais da perspectiva conferida ao curso de Licenciatura em Ciências. Outro ponto era a característica das disciplinas, que deixaram de ser de caráter mais amplo como as do curso de História Natural e começaram a concentrar-se mais nas áreas da biologia, eliminando mineralogia e petrologia e desmembrando as grandes áreas da biologia em várias disciplinas tais como: protozoários e helmintos, vertebrados, botânica fisiológica e sistemática, etc.

Apesar das várias diferenças do currículo no que tange as disciplinas específicas, havia similaridade com o currículo da História Natural na área da licenciatura, pois a proporção de disciplinas pedagógicas no novo currículo se manteve em 1/8. De acordo com a legislação vigente os cursos de Licenciatura deveriam ter uma carga horária de 1/8 em disciplinas pedagógicas, mesmo considerando que a quantidade de disciplinas era insuficiente para a formação de professores, um acréscimo dessa carga horária seria bastante improvável, pois demandaria uma discussão que envolveria apenas a expansão da parte pedagógica. Além disso, 1/8 da carga de disciplinas pedagógicas permitia a manutenção do modelo 3 + 1.

Já as quatro disciplinas pedagógicas presentes na última grade curricular de História natural (Prática de Ensino, Didática, Psicologia da Educação e Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Grau) foram desmembradas em cinco disciplinas no primeiro currículo de Licenciatura em Ciências Biológicas, pois a disciplina de Prática de Ensino foi dividida em: Prática de Ensino na Área de Ciências e Prática de Ensino de Biologia. Para manter a proporção de 1/8 outras disciplinas da área específica foram ofertadas.

A reforma curricular de 1979 inseriu mais uma disciplina pedagógica perfazendo seis, pois a disciplina Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Grau foi dividida em duas: Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau e Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau. Um resumo das disciplinas ofertadas nos diferentes anos foi proposto no quadro abaixo:

Anos	1974	1975	1978	1979	1986	1989
Disciplinas oferecidas	43	44	44	47	49	49
Disciplinas Educação	5	5	5	6	6	6
Proporção	1/8	1/8	1/8	1/7	1/7	1/7

QUADRO 1: Disciplinas pedagógicas ofertadas nos currículos

FONTE: Adaptado das Resoluções Nº 21/74, 79/75, 48/78, 39/79, 46/86 e 47/89.

Assim não houve grandes alterações no modelo 3+1 (proporção de 1/8 de carga horária) na grade curricular desse período desde a última versão da grade do curso de História Natural.

Ainda foi curioso notar a formação daqueles que coordenavam o curso e o setor. Por exemplo, o prof. Sebastião Vicente Castro era médico. E o primeiro diretor do Setor de Ciências Biológicas, prof. Milton Miró Vernalha, era formado em direito. Será que isso pode ser interpretado como ausência de líderes graduados na área? Ou eram pessoas da confiança dos gestores da época, afinal durante o período ditatorial a Universidade não fazia eleições nem para a coordenação de cursos e nem para a direção dos Setores. Este ponto precisa ainda de maiores esclarecimentos e só os que vivenciaram esta época é que podem trazer outros olhares e vozes para a interpretação daquele momento. Na próxima seção discuto as grades curriculares a partir da década de 1990.

2.4 Ciências Biológicas (1992-2007)

No final da década de 1980 e início de 1990 o curso de Ciências Biológicas passou por uma reformulação e em 1992 foi implantada uma nova grade curricular que apresentava duas modalidades: Licenciatura (que habilitava para o Ensino de Ciências e de Biologia) e Bacharelado (que habilitava para diversas frentes de trabalho). Nessa época o curso passou a disponibilizar 100 vagas, com duas entradas de estudantes, uma em cada semestre do ano (50 vagas para cada semestre).

Malheiros (2006) comenta que:

Com a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os Cursos de Licenciatura começaram a passar por adequações e posteriormente poderão ocorrer reformas no sentido de aperfeiçoar a execução de seus objetivos na formação de profissionais que promovam a cidadania. (p. 33)

A autora refere-se à reformulação curricular de 2008, tratarei sobre ela na próxima seção.

Com o surgimento da modalidade Bacharelado, a perspectiva de formação rápida e superficial para professores e técnicos proposta na lei 5692/71 perdeu força e a perspectiva de formação de pesquisadores passou a ser incentivada e acirrou-se o entendimento de que pesquisadores eram os Biólogos graduados no Bacharelado e que passavam para a pós-graduação nas áreas específicas. A formação de pesquisadores na área de educação ainda não era amplamente entendida ou reconhecida e foi colocada em segundo plano na grade curricular desse período. Um exemplo disso foi a criação das disciplinas de “Estágio” e “Estágio EM” em todos os departamentos do Setor de Ciências Biológicas, mas não nos departamentos do Setor de Educação, assim só era possível inscrever-se para orientação de monografia na modalidade bacharelado, já que não existiam essas disciplinas de

orientação de monografia nos departamentos do Setor de Educação. Então se algum estudante desejasse fazer monografia na área educacional, deveria primeiramente convencer um orientador de um dos departamentos do Setor de Ciências Biológicas e solicitar a um professor do Setor de Educação que ficasse como co-orientador do trabalho. Já na licenciatura algumas disciplinas foram criadas em uma tentativa para a ampliação da formação do licenciado. Trabalhando no então denominado Departamento de Métodos e Técnicas da Educação²⁸ do Setor de Educação, Christiane Gioppo, em conversa informal, lembra que o curso de Ciências Biológicas foi a última Licenciatura da Universidade a criar a disciplina de Metodologia do Ensino, que apareceu pela primeira vez no currículo desse curso de 1992. Um trecho da conversa da professora Vilma Barra corrobora esse fato:

...nós tentamos mudar o currículo e acrescentamos metodologia do ensino de ciências, né, nós não tínhamos metodologia na época, separamos prática de ensino de ciências, de prática de ensino de biologia. Achamos realmente, essa parte pedagógica foi melhorando ao longo do tempo.

Gioppo também comenta que em uma tentativa de ampliar reflexões teórico-filosóficas entre os graduandos, os professores do Setor de Educação propuseram à coordenação e a comissão de reformulação curricular a inserção de uma disciplina que discutisse a Filosofia da Ciência, além de incorporar as disciplinas já existentes outras como: Metodologia da pesquisa científica; Seminários de Ensino e Pesquisa, que apresentavam interface entre ensino e pesquisa, mas não falavam diretamente em educação.

As grades curriculares desse período podem ser visualizadas no anexo 8. Nota-se que o curso de Ciências Biológicas manteve a característica de ser dividido em semestres e não em anos, como era em História Natural, o que se perpetuou até hoje.

Sobre a carga disponível de disciplinas pedagógicas:

²⁸ Atualmente intitulado departamento de Teoria e Prática de Ensino

Anos	1992	1994	1997	2001²⁹	2002³⁰
Disciplinas oferecidas	49	46	47	47	48
Disciplinas Educação	8	8	8	7	8
Proporção	1/6	1/5	1/6	1/6	1/6

QUADRO 2: Disciplinas pedagógicas ofertadas nos currículos

FONTE: Adaptado das Resoluções Nº 13/92, 98/94, 08/9, 36/01 e 68/02.

Nessa reforma curricular as disciplinas pedagógicas aumentaram para oito, três novas disciplinas foram criadas: Iniciação ao Trabalho Científico, Seminários de Ensino e Pesquisa e Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia. Na reforma anterior havia seis disciplinas mas as duas disciplinas de Estrutura e Funcionamento do Ensino que estavam separadas em 1º e 2º Graus voltaram a ser reunidas novamente. No entanto, o modelo de execução das disciplinas pedagógicas pouco mudou da perspectiva de 3 + 1, tendo apenas as disciplinas de Seminários de Ensino e Pesquisa e Metodologia da Pesquisa Científica nos primeiros semestres, maquiando o 3 + 1, e isso permaneceu até 2007, mais de 70 anos após a criação deste modelo.

É importante lembrar também que até o início dos anos 1990 ainda existiam alguns estudantes do curso de Licenciatura em Ciências, que já estava finalizando suas últimas turmas para ser extinto. Então a grade curricular que acabamos de descrever só coexistiu com a Licenciatura em Ciências durante seus primeiros anos.

²⁹ As disciplinas Iniciação ao Trabalho Científico e Seminários de Ensino e Pesquisa foram transformadas em Metodologia da Pesquisa em Educação para Ciência

³⁰ Surgiu a disciplina Atividades Complementares.

2.5 Ciências Biológicas (2008-...)

No ano de 2008, foi implantado um novo currículo que trouxe mudanças na implementação das horas de estágios de docência, fazendo com que a disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Ciências e em Biologia passasse de semestral a anual. Houve ainda divisões entre aulas práticas e aulas de estágio. No entanto, ao longo da discussão de reformulação havia um descontentamento sobre o modelo curricular vigente, entre os docentes do curso e um interesse em ampliar a reformulação, de forma que ela abrangesse todo o currículo, e não apenas a porção da licenciatura, e foi o que ocorreu. Nessa mudança curricular até a duração do curso foi alterada, passando de quatro para cinco anos. Outra alteração foi na estrutura do curso que passou a apresentar um núcleo comum ao longo dos três primeiros anos. Depois disso, o estudante precisa optar por cursar uma das duas modalidades, ministrada nos dois últimos anos. As opções são: cursar a Licenciatura ou o Bacharelado (sendo que essa modalidade passou a apresentar duas ênfases: a Diversidade Biológica e Processos Moleculares Biológicos). Assim, o estudante que optar pelo bacharelado também deve escolher entre uma delas. Assim a modalidade de Licenciatura passou a apresentar o modelo 3 + 2 agora, já que nos três primeiros anos só há duas disciplinas pedagógicas, o que pode ser interpretado apenas como uma adequação do modelo convencional 3+ 1.

Na versão anterior o Curso era de caráter integral com aulas nos três períodos (manhã, tarde e noite). Havia duas entradas uma no primeiro e outra no segundo semestre de cada ano. Para cada entrada abriam-se 50 vagas. Na versão atual todos os estudantes ingressam no 1º semestre, mas ao se inscrever no vestibular, devem optar pelo turno manhã ou noite (60 vagas em cada período, totalizando 120 vagas).

A coordenação do curso está localizada no campus Politécnico no Setor de Ciências Biológicas desde 1980. Atualmente este setor apresenta 10 departamentos (Anatomia, Biologia Celular, Bioquímica e Biologia Molecular,

Botânica, Educação Física, Farmacologia, Fisiologia, Genética, Patologia Básica e Zoologia) além de unidades de apoio como Biotério, Centro de Microscopia Eletrônica, Centro de Educação e Desportos, Coleções Científicas (Coleção Entomológica Padre Jesus Santiago Moure e Herbário), os Museus de Ciências Naturais e de Anatomia e o PROEV (Projetos Especiais de Vídeo). Mas algumas disciplinas continuam sendo ofertadas em diversos campi, especialmente os da Reitoria e das Ciências Agrárias.

Ao observar esta versão da grade curricular percebo grande disparidade no jogo de poder dentro do curso, pois os professores pesquisadores na área biológica têm mais voz tanto no número de disciplinas, quanto nas diferentes coordenações que o curso já teve ao longo dos anos. Isso se repete na oferta de disciplinas optativas. Ao somarmos essas percepções a constância do modelo 3 + 1 na grade curricular do curso ao longo de sua história temos um resultado que pode ser interpretado pelas disputas de poder no *campo* (BOURDIEU apud PERRELLI, 1996), em que existe um jogo de forças e o grupo de maior poder, imprime as suas vontades. Pela história do curso a pesquisa de caráter lógico-empirista é a que prevalece. Em detrimento de outras vertentes como as hermenêuticas ou crítico-dialéticas, mais presentes nas ciências humanas, que discutem a formação de professores e outras epistemologias de pesquisa como as de caráter filosófico, sociológico e educacional, que, deveriam ser dominantes pelo menos entre os estudantes que cursam a licenciatura.

Nesse capítulo abordei os diferentes momentos do curso de Ciências Biológicas e os suas variadas grades curriculares, mostrando que o modelo 3 + 1 foi uma constante nessas grades e a decisão sobre a reformulação curricular e a criação de disciplinas está atrelada ao jogo de poder no *campo* (BOURDIEU apud PERRELLI, 1996) existente dentro do curso.

3. DISCUTINDO ALGUNS ACHADOS

No primeiro capítulo dessa monografia abordei as diferentes fases vividas pela sociedade paranaense que convergiram para a necessidade da invenção da Universidade do Paraná. Discorri também sobre as dificuldades que esta instituição passou, ocasionadas por mudanças na legislação que ora favoreceram e ora dificultaram sua consolidação. Abordei também a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na qual o curso de História Natural, antecessor do atual curso de Ciências Biológicas foi gestado. Para analisar essas criações, adotei os conceitos de invenção (LATOURE, 2001), identidade (HALL, 2004) e resistência (FOUCAULT apud CASTRO, 2004).

No segundo capítulo discorri sobre os Cursos de História Natural, Licenciatura em Ciências, Licenciatura em Ciências Biológicas e Ciências Biológicas, desde suas criações, passando por diferentes perspectivas e grades curriculares até chegar a grade curricular de Ciências Biológicas que está em vigor atualmente. Para analisar esses diferentes períodos me apropriei do conceito de *campos* em Bourdieu (BOURDIEU apud PERRELLI, 1996).

No mesmo capítulo resgato o estudo de Wortmann (1996) sobre o curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nele a autora aborda que o currículo de História Natural, também apresentava o modelo 3 + 1, pois "...no ano de 1945 foi criado um quarto ano de estudos, o curso de Didática, para habilitar à atividade docente;..."(p. 84). A grande alteração da História Natural para as Ciências Biológicas ocorreu com apenas um ano de diferença em relação a UFPR, efetivando-se em 1972 (p. 87). Uma das análises da autora é que a maioria das cátedras do antigo curso de História Natural da UFRGS se manteve sem alterações significativas no nome, carga horária ou conteúdos ministrados desde a época de sua criação. Da mesma forma que no Rio Grande do Sul, as novas disciplinas que surgiram no Curso de Ciências Biológicas da UFPR na década de 1970 também praticamente não mudaram e poucas disciplinas novas foram inseridas nos currículos.

Quanto a questão metodológica, Wortmann (1996) mencionou que na UFRGS as cátedras se mantiveram com poucas alterações durante as mudanças de grade curricular. No caso da UFPR as entrevistas com os estudantes do curso de História Natural permitiram perceber que mesmo alterando significativamente o nome, a carga horária e até mesmo os conteúdos da disciplina, alguns professores permaneceram ministrando-as com poucas, ou nenhuma alteração. Em outras palavras, a metodologia e o conteúdo abordado dependia basicamente do docente e não de sua ementa. Nesse quesito, pude vivenciar ao longo de minha formação, que isso ainda é bastante presente na UFPR. Mesmo na última reformulação curricular que ocorreu recentemente ainda existem inúmeras disciplinas com perspectivas tradicionais, voltadas exclusivamente à apresentação da taxonomia e nomenclatura. Por outro lado, é preciso ressaltar que já é possível observar disciplinas e professores que romperam com esta lógica, como as de biologia histórica, biologia do desenvolvimento e ciências ambientais.

O quadro 3 apresenta o número de disciplinas pedagógicas existentes nos anos de 1946; 1969; 1970; 1971 e 1972.

Disciplinas	1946	1969	1970	1971	1972
Didática Geral	X				
Didática Especial	X				
Psicologia Educacional	X				
Administração Escolar	X				
Fundamentos Biológicos da Educação	X				
Didática		X		X	X
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º grau				X	
Psicologia da Educação		X		X	X
Prática de Ensino		X	X		X
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus					X

QUADRO 3: Nome das disciplinas pedagógicas ofertadas em História Natural.
 FONTE: O autor.

Não há como fazer uma análise referente a proporção horas-aula das disciplinas pedagógicas existentes em História Natural, pois encontrei as disciplinas ofertadas, mas não consegui encontrar as respectivas cargas horárias e nem pistas, assim não tenho nem como fazer inferências.

O quadro 4, apresentado a seguir, elenca cada reforma curricular dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas ou de Ciências Biológicas e a carga horária das disciplinas pedagógicas.

Disciplinas	1974/ 1975	1979/1986/ 1989	1992/1994/ 1997	2001	2002	2008/ 2010
Didática	60 h	60 h	60 h	60 h	60 h	60 h
Psicologia da Educação	60 h	60 h	60 h	60 h	60 h	
Prática de Ensino na Área de Ciências	60 h	60 h				
Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Ciências			90 h	90 h	90 h	
Prática de Ensino de Biologia	60 h	60 h				
Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Biologia			90 h	90 h	90 h	
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	60 h		60 h			
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau		60 h				
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau		60 h				
Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio				60 h	60 h	
Seminário de Ensino e Pesquisa			30 h			
Iniciação ao Trabalho Científico			30 h			
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia			90 h	90 h	90 h	
Metodologia da Pesquisa em Educação para a Ciência				60 h	60 h	
Atividades Formativas					120 h	
Fundamentos da Educação Ambiental						60 h

QUADRO 4: Carga horária das disciplinas pedagógicas ofertadas em cada currículo.
 FONTE: O autor.

Assim, a partir de 1974 é possível fazer uma análise comparativa das reformas curriculares. Um primeiro aspecto é que pouco mudou efetivamente, desde 1974 até 2001, na proporção de disciplinas propedêuticas e pedagógicas. Uma análise superficial poderia mostrar que o número de horas das disciplinas pedagógicas quase duplicou ao longo dos anos, passando de 300 horas para 510 horas e, a partir de 1989, o estudante poderia aumentar ainda mais essa carga, pois foram incluídas optativas pedagógicas no currículo. No entanto, ao observar a porcentagem das cargas horárias das disciplinas pedagógicas ao longo dos anos, pode-se ter uma ideia mais consistente sobre o papel da licenciatura nas grades curriculares do curso de Ciências Biológicas. A Tabela 2, a seguir, apresenta esses dados.

Anos	Carga horária total	Carga horária licenciatura	% (carga horária licenciatura)
1974/1975	2715	300	11,05
1979/1986/1989	2955	360	12,18
1992/1994	3225	510	15,81
1997/2001	2165	510	16,11
2002	3165	630	19,91

TABELA 2: Porcentagem de carga horária de Licenciatura nos diferentes currículos.

Fonte: O autor.

Nos currículos dos anos de 2008 e 2010 há uma disponibilidade de 120 horas na carga total de 2235, contabilizando 5,37% do ciclo comum do curso, sem contar os últimos dois anos da modalidade de Licenciatura que apresenta mais 1200 horas entre disciplinas e estágios, para completar a formação total de 3455 horas mínimas do curso. Depois de levantar esses dados e comparar a porcentagem dos primeiros currículos, 1974/1975, em 11,05% e no de 2001 em 16,11%, a quantidade de disciplinas pedagógicas é baixíssima. Nesse sentido, posso inferir que a formação do professor permanece secundarizada até mesmo na versão curricular que deveria atender a Lei de diretrizes e Bases da Educação no que tange a formação do professor. Se avaliarmos o último currículo, analisando as 1200 horas de formação da parte de Licenciatura mais as 120 horas do ciclo comum, 38,21% do curso é voltado para disciplinas e/ou estágios nessa área. Assim é perceptível um aumento considerável em relação aos outros currículos, mas ao observar que as duas ênfases do bacharelado, apresentam apenas 3,47 % de matérias pedagógicas isso tem um

impacto ínfimo na formação daqueles profissionais, pois os bacharéis que desejarem seguir a carreira acadêmica terão que ministrar aulas nas universidades em que vierem a trabalhar, sem ter tido uma formação para a docência estruturada e bem qualificada.

A Tabela 3 apresenta a carga horária de disciplinas optativas ofertadas pelo Setor de Educação, a partir do ano de 1974 até 2001³¹.

	1974	1975	1978	1980	1987	1989	1992	1994	1997	2001	2002
Carga mínima de Optativas mencionada nas instruções curriculares	180	180	180	180	195	195	180	180	180	180	180
Carga Horária total das Optativas Disponíveis	-- ³²	885	885	870	930	2745	4800	5100	5385	5820	5820
Optativas ofertadas pelo Setor de Educação	0	0	0	0	0	435	765	840	990	765	765
Optativas ofertadas por outros departamentos	--	885	885	870	930	2310	4035	4260	4395	5055	5055

TABELA 3: Carga horária de optativas ofertadas.
 FONTE: O autor.

A partir do olhar das disciplinas optativas, a tabela permite visualizar que a licenciatura não tinha expressão nos primeiros currículos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (até 1987), pois não ofertava nenhuma disciplina optativa para o curso de Ciências Biológicas. Foi somente na sexta versão curricular, em 1989 que as primeiras disciplinas optativas começaram a ser ofertadas. E a partir dali, houve um aumento das disciplinas ofertadas na

³¹ Para construir esta tabela, detive-me apenas no período mencionado porque os documentos curriculares da História Natural, contém apenas o nome das cátedras, sem a carga horária correspondente, além disso, é bom lembrar que naquela época as disciplinas eram anuais e não semestrais.

³² Os documentos consultados indicam a existência de disciplinas optativas, mas não há especificação da carga horária de cada uma.

educação, até 1997, mas em 2001 essa oferta voltou a diminuir, o que indica sobrecarga de trabalho dos professores dos departamentos da Educação, que deixam de ofertar disciplinas optativas para cumprir as cargas horárias obrigatórias, com o aumento do número de horas nas licenciaturas.

Ao comparar a carga horária de disciplinas optativas voltadas ao Bacharelado com as voltadas para a Educação percebi que a carga horária para a licenciatura disponível ainda é muito menor.

Considerando que a grade atual tem uma das ênfases na Licenciatura, ainda há grandes defasagens nessa área. Ao estudar a história e as diferentes versões curriculares percebi que a formação de professores é secundarizada, e aparentemente, as mudanças curriculares não têm conseguido superar este problema. Ainda que se possa reconhecer a melhoria, com a criação da ênfase na Licenciatura, percebo que o novo modelo resume-se a ampliação da licenciatura de 3+1 para 3 + 2, pois os três primeiros anos são comuns as três ênfases (núcleo comum) e há somente duas disciplinas pedagógicas (Fundamentos da Educação Ambiental e Didática). Para Bourdieu (Apud PERRELI, 1996), o campo é um espaço social no qual os agentes participantes interagem de acordo com as posições que ocupam, e, no caso do curso de Ciências Biológicas o grupo que tem mais status e poder, ou seja, o grupo mais forte é dos pesquisadores da área biológica, que impõem suas vontades sobre o grupo com maior fragilidade, em função de número e status que nesse caso são pesquisadores da educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho apresentei as versões curriculares que os diversos cursos que se aproximam da área de Ciências Biológicas (História Natural, Licenciatura em Ciências e Licenciatura em Ciências biológicas) criou/ inventou durante as suas variadas fases, mas para isso fiz uma introdução sobre o contexto de origem e criação da UFPR e de suas fases até surgir o curso de História Natural em 1942, antecessor do curso atual de Ciências Biológicas. Durante o capítulo sobre a história da UFPR, abordei dois conceitos: *invenção* de Latour (2001) que utilizei discorrendo sobre a constituição da necessidade de criação de uma universidade em Curitiba e o de *resistência* (FOUCAULT apud CASTRO, 2004) que usei para analisar o período em que a Universidade dividiu-se em três Faculdades, subordinadas a um único reitor, como estratégia de sobrevivência. Utilizei também o conceito de identidade (HALL, 2004), para mencionar as identificações dos paranaenses que congregaram um grupo de pessoas que tinham intenções similares e conseguiram criar e conduzir um projeto de universidade para o Paraná.

Após essa contextualização histórico-temporal, passei a apresentar os diferentes currículos (SILVA, 2005) do curso de Ciências Biológicas, desde o seu antecessor, o curso de História Natural. Nessa busca encontrei os currículos de 1974 para cá, em versões homologadas que estavam disponíveis na secretaria do curso e também no NAA. Antes desse período, de 1943 a 1974, o levantamento foi bem mais difícil, pois encontrei somente um anuário da Universidade com a grade curricular de 1946. Havia também quatro páginas depositadas na secretaria do curso, referentes as grades curriculares de História Natural de 1969, 1970, 1971 e 1972 e algumas informações sobre este período em livros, sugerindo que o modelo era o 3 + 1. Nesta pesquisa percebi que a proposta conhecida como 3 + 1 permaneceu praticamente inalterada no curso de História Natural e informações sobre reformas curriculares foram mencionadas nas entrevistas, mas a documentação das

mudanças não foi encontrada, e será necessário aprofundar esse aspecto em outros estudos.

Separei a história do curso de Ciências Biológicas em quatro fases diferentes: curso de História Natural; curso de Licenciatura em Ciências Biológicas; curso de Ciências Biológicas (versão 1992) e curso de Ciências Biológicas (versão 2008). O primeiro curso apresentava disciplinas anuais e era dividido em duas modalidades: bacharelado e licenciatura, com um currículo mais generalista focado na formação do naturalista, apresentando também várias disciplinas da área das Ciências Geológicas e no tradicional “modelo 3 + 1”, os três primeiros anos para as disciplinas de bacharelado e o último ano para as disciplinas de licenciatura.

No Brasil dos anos 70 houve uma grande mudança e os cursos de História Natural, passaram a se chamar Ciências Biológicas e assim em 1971 começava a segunda fase do curso, apresentando apenas uma modalidade: licenciatura. O curso passou a ser dividido em semestres e não mais em anos, como no período anterior. A ênfase continuou nas disciplinas ditas do bacharelado e o modelo do curso não fugiu do tradicional 3 + 1, só que as poucas disciplinas de licenciatura estavam dispersas em alguns semestres e não condensadas apenas no último ano (dois últimos semestres).

Na terceira fase o curso apresentava duas modalidades: licenciatura e bacharelado, mas continuou a ser dividido em semestres e foram adicionadas algumas disciplinas ofertadas pelo Setor de Educação, como Metodologia do Ensino em Ciências e Biologia com carga horária de 90 horas, sendo que o modelo 3 + 1 se manteve de forma mascarada, pois as disciplinas referentes à licenciatura continuavam dispersas em alguns semestres e não apenas localizadas nos dois últimos. As três primeiras fases do curso apresentaram a mesma duração mínima, quatro anos, o que facilitou uma comparação em relação ao modelo 3 + 1 que se manteve em todas elas, apesar de terem tentado mascará-lo nas duas últimas. Quando este modelo foi inventado na década de 30 começaram também as políticas voltadas a formação de

professores no Brasil, pois não se tinha nada em relação a isso antes (AYRES, 2009). Tal modelo continuou até 2007, último ano da terceira fase.

No final da terceira fase discuti o modelo 3+1 a partir do conceito de *campo* (BOURDIEU apud PERRELI, 1996). Com este conceito argumento que esse modelo se manteve ao longo dos anos e perpassou tanto as grandes reformulações (nos anos de 1971 e 1992) no curso de Ciências Biológicas, quanto as pequenas modificações pontuais que ocorreram durante esse período, assim a estrutura se manteve. Foi a partir de 1971 que o modelo curricular de formação de professores “3+1” foi mascarado. Isso levanta uma questão: Por que não conseguimos alterar o modelo mesmo com as exigências legais? Minha interpretação é que não houve alteração porque havia uma disputa de poder entre o bacharelado e a licenciatura e o *campo* ficou estabelecido.

A quarta fase ou atual começa com o currículo atual e não foi analisada a fundo, já que o curso é recente e a primeira turma ainda não completou as disciplinas, portanto é necessário que daqui há algum tempo, outros estudos possam voltar a este currículo para elaborar análises em relação aos currículos anteriores. O currículo atual apresenta cinco anos de duração e o estudante pode escolher cursar entre: Licenciatura ou Bacharelado (o bacharelado dividido em duas ênfases: Diversidade Biológica e Processos Moleculares Biológicos). Então os estudantes que escolherem Bacharelado, em qualquer das ênfases, terão em cinco anos apenas duas disciplinas pedagógicas. Já o estudante que escolher seguir Licenciatura nos três primeiros anos também terá as mesmas duas disciplinas no núcleo comum e só nos dois últimos anos poderá cursar outras disciplinas pedagógicas.

Este estudo não pretendeu analisar qual grade curricular foi ou é melhor, entre todas as levantadas, no entanto os dados me apontaram que o modelo curricular “3 + 1” de formação de professores manteve-se de forma mascarada, e no novo currículo aparece como 3+2, no entanto a proporção de disciplinas pedagógicas e propedêuticas aumentou, pois havia 1/8 de disciplinas pedagógicas e em 2002 passou a ser de 1/6.

O prof Iglénir Cavalli ressaltou em sua entrevista a anacronia de uma comparação entre currículos:

Olhe... este... esta é uma comparação muito difícil de ser feita, talvez não de para fazer porque são situações absolutamente diferentes. Imagine você em 1962/65 o conhecimento que se tinha era completamente diferente do conhecimento que se tem hoje. Quando entrei no curso faziam 9 anos que o Watson e Crick tinham descrito e apresentado o modelo tridimensional da molécula do DNA e naquela época essa informação demorava a chegar, então nós só fomos começar a ter esta informação 10 anos depois. Hoje não, em 1980 com o avanço da biologia molecular foi... a coisa mudou completamente. Então é muito diferente, não posso dizer se é melhor ou pior, mas é diferente. E não dá pra fazer uma comparação consistente.

O que posso afirmar é que a formação de professores no currículo atual de Ciências Biológicas ainda se assemelha ao modelo 3 + 1, proposto na década de 40 e ai fica uma dúvida: Se este modelo permaneceu por tanto tempo então será que é o melhor para a formação profissional de professores? É preciso que outros estudos investiguem mais profundamente tais modelos e sua manutenção na formação docente.

Considero também que ainda há inúmeras lacunas que foram abertas aqui e permaneceram sem dados. Espero que outros estudos possam retomá-las, especialmente no que concerne ao período de existência do curso de História Natural, da UFPR.

REFERÊNCIAS

AYRES, A.C.M. Formação de professores: breve histórico e novos desafios. Ensino de Ciências: saberes escolares & saberes científicos. Nilópolis, CEFETEQ, 1 Ed. 2009 p. 11-24

BURMESTER, A.M.O.(org) et al. **UFPR 90 anos em construção**. Curitiba. UFPR. 2002

CASTRO. E. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte, Autêntica. 2004. p. 387

CRB (Conselho Regional de Biologia). Disponível em: www.crbio01.org.br/cms/index.php?secao=6&subsecao=0&completo=1#inicio. Acesso em: 13/10/2011

DALFRÉ, L. A. Outras narrativas da nacionalidade: o Movimento do Contestado. Apresentada ao programa de pós-graduação em história da UFPR em 2004. Disponível em: www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Lizandreadupre.pdf Acesso em: 05/09/2011

Dicionário online de português. Disponível em: www.dicio.com.br/ensurroar/ Acesso em: 14/09/2011

Documentos depositados na secretaria do Curso de Ciências Biológicas.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2004

LATOURE, B. **A Esperança de Pandora**. Bauru, EDUSC, 2001

LIRA, A. T. N. **A Legislação de Educação no Brasil durante a Ditadura Militar (1964 – 1985): Um Espaço de Disputas**. Programa de Pós-Graduação em História UFF, Niterói. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2010

MALHEIROS, I. J. A. Os Temas Sociais Contemporâneos e sua Representação junto aos Formandos e Egressos do Curso de Ciências Biológicas da UFPR. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade Federal do Paraná, não publicada. Curitiba: Setor de educação da UFPR, 2006

MOREIRA, A. M. A Questão das Ênfases Curriculares e a Formação do Professor de Ciências. 1986 Disponível em: http://plato.if.usp.br/~fep0358n/texto_1.pdf Acesso em: 20/10/2011

PERRELI, M. A. S. **A transposição didática no Campo da Indústria Cultural: um estudo dos condicionantes dos conteúdos dos livros didáticos de ciências.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996

SILVA, T.T. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte. Autêntica. 2ª Ed. 2005

UFPR (Universidade Federal do Paraná). **Anuário da Universidade Federal do Paraná 1946/1947.** Curitiba. 1948

UFPR (Universidade Federal do Paraná). **Catálogo Geral.** Curitiba: Mimeo. 1973. p 454-460.

UFPR (Universidade Federal do Paraná). **Catálogo Instituto de Biologia.** Curitiba: Mimeo, 1973a.

WACHOWICZ, R. C. **A Universidade do Mate:** história da UFPR. Curitiba. UFPR. 2ª Ed., 2006

WESTPHALEN, C. M. **Universidade Federal do Paraná: 75 anos.** Curitiba. SBPH-PR, 1987

WESTPHALEN, C. M. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná: 50 Anos.** Curitiba. SBPH-PR, 1988

WORTMANN, M.L.C. Do Curso de Ciências Naturais da Universidade de Porto Alegre ao atual Curso de Ciências Biológicas da universidade Federal do Rio grande do Sul: examinando a trajetória de um currículo universitário. IN: **Epistême: filosofia e história das ciências em revista.** Volume 1, número 2 Porto Alegre, 1996. p: 79 – 103

ANEXOS

Anexo 1

Conselheiros da Primeira Gestão da Universidade do Paraná em 1912:

- Conselho Econômico:

Pamphilo de Assunção, Reinaldo Machado e Arthur Martins Franco.

- O Conselho Superior do curso de Direito:

Benjamin Lins, Manoel D. Vieira Cavalcanti Filho, Afonso Alves de Camargo, Manoel Barreto Vieira de Alencar e Cláudio P. Ferreira dos Santos.

- O conselho superior do curso de Engenharia:

João Moreira Garcez, Adriano Goulin, Manoel Lustosa, João David Pernetta. Plínio Monteiro Tourinho, Cândido Ferreira de Abreu e José Niepce da Silva.

- O Conselho Superior dos Cursos de Obstetrícia e Odontologia:

João Evangelista Espíndola, Abdon Petit Carneiro, Arthur Obino e Antônio Virgolino Brazil.

Anexo 2

Primeiros cursos da Universidade do Paraná:

- Segundo Westphalen (1987) os primeiros cursos da Universidade foram Direito, Engenharia Civil, Farmácia e Odontologia (p.57). Em 1914 iniciou-se o Curso de Medicina. O Curso de Agronomia chegou a ser criado no mesmo ano, mas quando a Universidade foi desintegrada esse curso foi assumido pelo governo do Estado e só em 1918 foi criada a Escola Superior de Agricultura.
- Segundo Westphalen (1988) no primeiro ano de funcionamento a Universidade abriu vagas para Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia Civil, Farmácia, Odontologia, Obstetrícia e Comércio e no ano seguinte (1914) abriria vagas para Medicina e Cirurgia (p.16).

Anexo 3

Segundo Westphalen 1988, essas foram as Diretorias da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

- Provisória 1938:

Omar Gonçalves da Motta-Diretor

Carlos de Paula Soares- Vice-diretor

Homero de Melo Braga- Secretário

- Mandato 1939/1942:

Brasil Pinheiro Machado- Diretor

Padre Jesus Ballarin- Vice-diretor

Homero de Melo Braga- Secretário

- Mandato 1942/1945:

Brasil Pinheiro Machado- Diretor

Padre Jesus Ballarin- Vice-diretor falecido em 6 de julho de 1942 e em 28 de agosto do mesmo ano substituído por José Loureiro Fernandes

Rosário Mansur Guérios- Secretário

- Mandato 1945/1948:

Brasil Pinheiro Machado- Diretor

Manuel Lacerda Pinto- Vice-diretor

Rosário Mansur Guérios- Secretário

- Mandato 1948/1951:

Brasil Pinheiro Machado- Diretor licenciado em 3 de março de 1948, para o exercício de mandato legislativo federal, substituído por

José Loureiro Fernandes- Vice-diretor

Rosário Mansur Guérios- Secretário

- Mandato 1951/1953:

Homero Batista de Barros- Diretor

Francisco illanueva- Vice-diretor

Rosário Mansur Guérios- Secretário deixa a Secretária em abril de 1952, em virtude de novos Estatutos.

- Mandato 1953/1955:

Homero Batista de Barros- Diretor

- Mandato 1956/1958:

Homero Batista de Barros- Diretor

- Mandato 1959:

Francisco José Ribeiro- Diretor

- Mandato 1959/1962:

Homero Batista de Barros- Diretor

- Mandato 1962/1965:

Homero Batista de Barros- Diretor

- Mandato 1965/1968:

Homero Batista de Barros- Diretor

- Mandato 1968/1971:

Brasil Pinheiro Machado- Diretor

Anexo 4

Currículo 1946			
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Introdução Especial à Filos	Biologia Geral	Zoologia	Didática Geral
Biologia Geral	Zoologia	Botânica	Didática Especial
Zoologia	Botânica	Geologia	Psicologia Educacional
Botânica	Petrografia	Paleontologia	Administração Escolar
Mineralogia			Fundamentos Biológicos da Educação

QUADRO 5: grade curricular de História Natural de 1946

FONTE: adaptado do Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná de 1948, sobre o ano de 1946.

Currículo 1969			
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Botânica	Biologia (Histologia e Genética),	Botânica (Sistemática de Fanerógamas)	Paleontologia
Biologia	Botânica	Biologia	Botânica (Fisiologia Vegetal)
Mineralogia	Zoologia	Geologia	Prática de Ensino
Físico-química	Petrologia	Zoologia (Fisiologia Animal)	Optativas
Química Orgânica	Bioquímica	Didática	
	Psicologia da Educação		

QUADRO 6: grade curricular do curso de História Natural de 1969

FONTE: adaptado da grade curricular de História Natural de 1969, encontrado depositado na secretaria do curso de Ciências Biológicas.

Currículo 1970			
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Técnica de Microscopia	Biologia (Histologia e Genética),	Biologia	Paleontologia
Biologia	Botânica	Geologia	Botânica
Mineralogia	Zoologia	Zoologia (Fisiologia Animal)	Prática de Ensino
Física I	Petrologia	Didática	Genética
Química I	Bioquímica		
Matemática			
Genética Básica			

QUADRO 7: grade curricular do curso de História Natural de 1970

FONTE: adaptado da grade curricular de História Natural de 1970, encontrado depositado na secretaria do curso de Ciências Biológicas.

Currículo 1971			
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Botânica	Biologia II	Biologia III	Paleontologia
Biologia	Botânica Geral	Botânica Sistemática	Botânica (Fisiologia Vegetal).
Zoologia	Zoologia II	Zoologia (Fisiologia Animal)	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º grau
Petrologia	Genética I e II	Genética	Genética IV
Bioquímica	Geologia		Didática
	Botânica Econômica		Estudo de Problemas Brasileiros
Genética Básica			Psicologia da Educação

QUADRO 8: grade curricular do curso de História Natural de 1971

FONTE: adaptado da grade curricular de História Natural de 1971, encontrado depositado na secretaria do curso de Ciências Biológicas.

Currículo 1972			
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Botânica	Biologia II	Biologia III	Paleontologia
Biologia I (Citologia e Genética)	Botânica	Botânica Sistemática	Fisiologia Vegetal
Zoologia	Zoologia	Zoologia (Fisiologia Animal)	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1 e 2º graus
Mineralogia	Bioquímica	Genética II	Genética IV
Físico-Química	Petrologia	Histologia e Embriologia	Didática
Química Orgânica			Estudo de Problemas Brasileiros
Genética I			Psicologia da Educação
			Prática de Ensino
			Geologia

QUADRO 9: grade curricular do curso de História Natural de 1972

FONTE: adaptado da grade curricular de História Natural de 1972, encontrado depositado na secretaria do curso de Ciências Biológicas.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SECTOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CURRÍCULO DE HISTÓRIA NATURAL - 1971

PRIMEIRA SÉRIE

Botânica
Biologia
Zoologia
Bioquímica
Petrologia

SEGUNDA SÉRIE

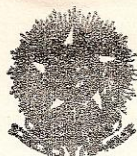
Botânica Geral
Biologia II
Genética I II
Geologia
Botânica Econômica
Zoologia II

TERCEIRA SÉRIE

Histologia
Biologia III
Zoologia (Fisiologia Animal)
Botânica Sistemática
Genética

QUARTA SÉRIE

Estudo de Problemas Brasileiros
Psicologia da Educação
Paleontologia
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau
Didática
Genética IV
Botânica (Fisiologia Vegetal).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CURRÍCULO DE HISTÓRIA NATURAL - 1972

PRIMEIRA SÉRIE

Botânica
Biologia I (Cit. e Gen.)
Mineralogia
Físico-Química
Química Orgânica
Genética I
Zoologia

SEGUNDA SÉRIE

Botânica
Bioquímica
Petrologia
Biologia III
Zoologia

TERCEIRA SÉRIE

Biologia III
Botânica Sistemática
Genética II
Histologia e Embriologia
Zoologia (Fisiologia Animal)

QUARTA SÉRIE

Fisiologia Vegetal
Genética IV
Geologia
Paleontologia
Didática
Psicologia da Educação
Prática de Ensino
Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1º e 2º Graus

Anexo 5

Grade curricular do curso de Licenciatura em Ciências

Currículo 1973			
1º período	2º período	3º período	4º período
Biologia Celular	Histologia e Embriologia Geral	Botânica Geral III	Botânica geral VI
Ecologia Geral	Anatomia Sistêmica e Topográfica	Zoologia II	Fisiologia Animal I
Botânica geral I	Botânica Geral II	Fisiologia Geral	Desenho Geométrico
Física I	Zoologia I	Química Orgânica I	Estudos dos Problemas Brasileiros II
Química Geral I	Geologia I	Geologia II	Didática Geral
Calculo e geometria Analítica I	Calculo e geometria Analítica II	Fundamentos da Matemática I	Prática de Ensino (Estágio)
Orientação Bibliográfica	Introdução a Química Orgânica	Psicologia da Educação	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º grau
Desportos e Recreação	Física II	Estudos dos Problemas Brasileiros I	Desportos e Recreação
	Desportos e Recreação	Desportos e Recreação	

QUADRO 10: Grade curricular do curso de Licenciatura em Ciências
FONTE: adaptado de UFPR (1973a)

Anexo 6

Coordenador(a)	Ano
Bernadete Lucas de Oliveira	1972-1973
Sebastião Vicente Castro	1974-1980
Bernadete Lucas de Oliveira	1981-1984
Rosemari Canestraro de Paula	1985-1986
Edno Alves de Souza	1987-1991

QUADRO 11: Nome dos coordenadores do curso de 1972 a 1991

FONTE: Anotações sobre o curso, encontradas na secretaria do curso.

Anexo 7

Grades curriculares do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas:

Período	Matérias	1974 ³³
1º	Citologia	60
	Botânica I- Geral	75
	Química Geral I	75
	Física I	60
	Bioestatística	90
	Educação Física	30
2º	Histologia e Embriologia I Geral	90
	Botânica V- Morfológica	60
	Biofísica I	60
	Anatomia I	90
	Química Orgânica Geral	90
	Educação Física	30
3º	Botânica VIII- Fisiológica	60
	Zoologia II (Prot. e Helm.)	90
	Bioquímica I	75
	Genética I- Geral	90
	Educação Física	30
4º	Botânica VI- Sistemática	105
	Zoologia III (Invertebrados)	90
	Microbiologia I- Geral	90
	Genética VII- Aplicada	90
5º	Ecologia	45
	Zoologia IV (Artrópodes)	90
	Vetores Biológicos e Endemias Rurais	45
	Psicologia da Educação IV	60
	Fisiologia I Geral	45
	Evolução	15
	Estudos de Problemas brasileiros I	30
6º	Fisiologia V- Comparada	60
	Geologia I	60
	Botânica VII- Econômica	30
	Zoologia V (Cordados)	90
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	60
	Estudos de Problemas brasileiros II	30

³³ É importante notar que as datas são referentes ao ano que a Resolução foi aprovada e publicada, no entanto, a mudança ocorre na entrada subsequente.

7º	Paleontologia I	75
	Fitogeografia	30
	Zoologia VI (Zoogeografia)	15
	Prática de Ensino na Área de Ciências	60
	Didática I- Teoria	60
	Higiene Escolar	60
8º	Prática de Ensino de biologia	60
	Disciplinas Optativas	180

QUADRO 12: grade curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de 1974.
 FONTE: Adaptado Resolução nº 21/74

Períodos	Matérias	1975	1978	1979
1º	Botânica Geral I	90	90	90
	Química Geral I	75	75	75
	Introdução a Física	90	90	90
	Complementos de Matemática I	60	60	60
	Educação Física	30	30	30
2º	Citologia, Histologia e Embriologia Geral	105	105	-
	Citologia I	-	-	105
	Geologia	60	60	60
	Ecologia	45	45	45
	Química Orgânica Geral	75	75	75
	Bioestatística	60	60	60
	Educação Física	30	30	30
3º	Botânica Morfológica	60	60	60
	Biofísica	75	75	75
	Bioquímica I	75	75	-
	Introdução a Bioquímica	-	-	60
	Complementos de Matemática II	60	60	60
	Educação Física	30	30	30
	4º Período			
	Botânica Fisiológica	60	60	60
	Anatomia Geral	90	90	90
	Microbiologia I- Geral	90	90	90
	Protozoários e Helmintos	90	90	90
	5º Período			
	Botânica Sistemática	105	105	105
	Invertebrados	90	90	90
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	60	60	-
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º	-	-	60
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º	-	-	60
	Fisiologia Geral	60	60	60

	Genética Geral I	90	90	90
	Estudos de Problemas brasileiros I	30	30	30
6º	Fisiologia Comparada	60	60	60
	Psicologia da Educação IV	60	60	60
	Botânica Econômica	30	30	30
	Artrópodes	90	90	90
	Vetores Biológicos e Endemias Rurais	45	45	45
	Genética geral II	90	90	90
	Estudos de Problemas brasileiros II	30	30	30
7º	Paleontologia Geral	90	90	90
	Fitogeografia	30	30	30
	Cordados	90	90	90
	Prática de Ensino na Área de Ciências	60	60	60
	Evolução	45	45	45
	Didática Teoria	60	60	60
	Higiene Escolar	30	30	30
8º	Prática de Ensino de biologia	60	60	60
	Zoogeografia	30	30	30
	Disciplinas Optativas	180	180	180

QUADRO 13: grades curriculares do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de 1975, 1978, 1979.

FONTE: Adaptado das resoluções nº 79/75, nº 48/78 e nº 39/79.

Períodos	Matérias	1986
1º	Citologia	105
	Botânica Geral I	90
	Química Geral I	75
	Introdução a Física	90
	Educação Física	30
	Complementos de Matemática I	60
2º	Histologia e Embriologia	105
	Botânica Morfológica	60
	Biofísica	75
	Química Orgânica Geral	75
	Complementos de Matemática II	60
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º	60
	Educação Física	30
3º	Botânica Fisiológica	60
	Anatomia Geral	90
	Protozoários e Helmintos	90
	Geologia I	60

	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º	60
	Educação Física	30
4º	Botânica Sistemática	105
	Invertebrados	90
	Introdução a Bioquímica	60
	Psicologia da Educação IV	60
	Paleontologia geral	90
	Bioestatística	60
5º	Microbiologia Geral	90
	Artrópodes	90
	Genética Geral I	120
	Fisiologia Básica	60
	Didática I	60
	Higiene Escolar	30
	Estudos de Problemas brasileiros I	30
6º	Fisiologia Comparada	60
	Genética Geral II	90
	Ecologia	45
	Cordados	90
	Prática de Ensino na Área de Ciências	60
	Imunologia	45
	Estudos de Problemas brasileiros II	30
7º	Zoogeografia	30
	Botânica Econômica	30
	Prática de Ensino de biologia	60
	Evolução	45
	Vetores Biológicos e Endemias Rurais	45
8º	Fitogeografia	30
	Disciplinas Optativas	195

QUADRO 14: grade curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de 1986.
 FONTE: Adaptado resolução nº 46/86.

Períodos	Matérias	1989
1º	Citologia	105
	Botânica Morfológica I	90
	Química Geral I	75
	Introdução a Física	90
	Educação Física	30
	Complementos de Matemática I	60
2º	Histologia e Embriologia Geral	105
	Botânica Morfológica II	60
	Biofísica	75
	Química Orgânica Geral	75
	Complementos de Matemática II	60
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º	60
	Educação Física	30
3º	Botânica Sistemática I	45
	Anatomia Geral	90
	Protozoários e Helminhos	90
	Bioquímica Geral	60
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º	60
	Bioestatística	60
	Educação Física	30
4º	Botânica Sistemática II	60
	Invertebrados	90
	Psicologia da Educação IV	60
	Genética Geral I	120
	Higiene Escolar	30
5º	Microbiologia Geral	90
	Artrópodes	90
	Botânica Fisiológica	60
	Genética Geral II	90
	Didática I	60
	Estudos de Problemas brasileiros I	30
6º	Fisiologia Básica para Licenciatura em Ciências Biológicas	60
	Geologia I	60
	Ecologia	45
	Cordados	90
	Evolução	45
	Prática de Ensino na Área de Ciências	60
	Imunologia	45
	Estudos de Problemas brasileiros II	30

7º	Zoogeografia	30
	Botânica Econômica	30
	Prática de Ensino de biologia	60
	Paleontologia geral	90
	Fisiologia Comparada	60
	Vetores Biológicos e Endemias Rurais	45
8º	Fitogeografia	30
	Disciplinas Optativas	195

QUADRO 15: grade curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de 1989.
 FONTE: Adaptado Resolução nº 47/89

Anexo 8

Grades curriculares de Ciências Biológicas (versão 1992):

Período	Matérias	1992	1994	1997	2001	2002 ³⁴
1º	Química Geral I	75	75	75	75	75
	Introdução a Física	90	90	90	90	90
	Botânica I	90	90	-	-	-
	Botânica Estrutural	-	-	90	90	90
	Anatomia Geral I	90	90	90	90	90
	Complementos de Matemática	60	60	-	-	-
	Cálculo com Geometria Analítica	-	-	60	-	-
	Cálculo Diferencial e Integral I	-	-	-	60	60
	Educação Física	30	30	30	30	30
2º	Biofísica	75	75	75	75	75
	Botânica II	90	90	-	-	-
	Botânica Criptogâmica	-	-	75	75	75
	Bioestatística	60	60	60	60	60
	Bioquímica Básica	75	75	75	75	75
	Citologia	105	-	-	-	-
	Biologia Celular II	-	120	120	120	120
	Química Bio-Orgânica	45	45	45	45	45
3º	Iniciação ao Trabalho Científico	30	30	30	-	-
	Metodologia da Pesquisa em Educação para a Ciência	-	-	-	60	60
	Botânica III	75	75	-	-	-
	Botânica Criptogâmica II	-	-	90	90	90
	Zoologia I	90	90	90	90	90
	Embriologia Geral e Comparada	60	60	60	60	60
	Histologia Geral	105	-	-	-	-
	Histologia Geral II	-	90	90	90	90
	Microbiologia Geral	90	90	90	90	90
4º	Botânica IV	75	75	-	-	-
	Botânica Fanerogâmica	-	-	90	90	90
	Zoologia II	90	90	90	90	90
	Genética Geral I	120	-	-	-	-
	Genética Geral III	-	105	105	105	105
	Fisiologia Geral e Humana	90	90	90	90	90
	Seminário de Ensino e Pesquisa	30	30	30	-	-
	Geologia I	60	60	-	-	-
	Geologia Aplicada a Biologia	-	-	60	60	60
5º	Botânica V	75	75	-	-	-
	Fisiologia Vegetal	-	-	75	75	75

³⁴A partir de 2002 a disciplina Atividades Formativas com 120 horas passou a integrar o currículo de Licenciatura sem período definido.

	Zoologia III	90	90	90	90	90
	Genética Geral II	90	90	90	90	90
	Ecologia I	60	60	-	-	-
	Ecologia III	-	-	45	45	45
	Imunologia	45	45	45	45	45
	Psicologia da Educação	60	60	60	60	60
6º	Zoologia IV	90	90	90	90	90
	Biogeografia	60	60	60	60	60
	Ecologia II	60	60	60	60	60
	Parasitologia para Ciências Biológicas	45	45	45	45	45
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	60	60	60	-	-
	Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio	-	-	-	60	60
	Didática I	60	60	60	60	60
	Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia	90	90	90	90	90
7º	Fisiologia Animal Comparativa	90	90	90	90	90
	Estudos de Problemas Brasileiros I	30	30	-	-	-
	Paleontologia Geral	90	90	90	90	90
	Evolução	45	60	60	60	60
	Higiene Escolar	30	30	-	-	-
	Saúde escolar	-	-	30	30	30
	Introdução à Filosofia da Ciência	45	45	45	45	45
8º	Estudos de Problemas Brasileiros II	30	30	-	-	-
	Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Biologia	90	90	90	90	90
	Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Ciências	90	90	90	90	90
	Disciplinas Optativas	180	180	180	180	180
	Estágio EM	300	300	300	300	300

QUADRO 16: grades curriculares do curso de Ciências Biológicas de 1992, 1994, 1997 e 2001.

FONTE: Adaptado Resolução nº 13/92, nº 98/94, nº 08/97 e nº36/01.

Ano(h)	1992		1994	
	Licenciado	Bacharel	Licenciado	Bacharel
Formação Básica	2550	2550	2550	2550
Formação Complementar ³⁵	225	195	225	195
Formação Pedagógica ³⁶	450	---	450	---
Formação Específica ³⁷	---	480	---	480
Formação Total	3225	3225	3225	3225

QUADRO 17: carga horária do curso de Ciências Biológicas de 1992 e 1994.

FONTE: Adaptado Resolução nº 13/92 e nº 98/94.

Ano(h)	1997		2001	
	Licenciado	Bacharel	Licenciado	Bacharel
Formação Básica	2550	2550	2550	2550
Formação Complementar ³⁸	165	135	165	135
Formação Pedagógica	450	---	450	---
Formação Específica	---	480	---	480
Formação Total	3165	3165	3165	3165

QUADRO 18: carga horária do curso de Ciências Biológicas de 1997 e 2001.

FONTE: Adaptado Resolução nº 08/97 e nº36/01.

³⁵ As disciplinas de Introdução à Filosofia da Ciência, iniciação ao trabalho Científico, Seminário de Ensino e Pesquisa, Estudos de problemas Brasileiros I e II e Educação Física faziam parte da formação complementar dos dois currículos e a disciplina Higiene Escolar/Saúde Escolar pertencia apenas ao currículo da Licenciatura.

³⁶ As disciplinas de Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus, Psicologia da Educação, Didática I, Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Ciências e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Biologia pertencem somente ao currículo da licenciatura.

³⁷ O currículo do bacharelado exigia o cumprimento de 180 horas de disciplinas optativas e mais 300 horas de estágio obrigatório.

³⁸ A partir de 1997 as disciplinas de Estudos de Problemas Brasileiros I e II deixaram de integralizar o currículo.

Anexo 9

Grades curriculares de Ciências Biológicas (versão 2008):

Períodos	Matérias: Ciclo Básico- Núcleo Comum	2007	2010
1º	Biologia Celular e Farmacologia	90	90
	Biologia Histórica	45	45
	Biologia de Campo I	75	75
	Fundamentos Metodológicos da biologia	30	30
	Química Geral	60	60
	Cálculo Diferencial e Integral I	60	60
	Seminário I	15	15
2º	Bioquímica para Biologia I	60	60
	Biologia de Vírus, Procariotas e Fungos	105	105
	Anatomia e Histologia Comparada	90	90
	Física para Biologia	30	30
	Biofísica Básica	30	30
	Biologia do Desenvolvimento	60	60
3º	Bioquímica para Biologia II	60	60
	Morfologia de Plantas Vasculares	60	60
	Ecologia Básica	60	60
	Metazoa I	45	45
	Fundamentos da Educação Ambiental	60	60
	Genética I	75	75
	Seminário II	15	15
4º	Biologia de Protistas e Plantas Avasculares	90	90
	Didática	60	60
	Genética II	60	60
	Geologia Aplicada a Biologia	60	60
	Genética de Populações	30	30
	Metazoa II	60	60
5º	Metazoa III	75	75
	Evolução I	60	60
	Fisiologia das Plantas Vasculares	60	60
	Fisiologia Animal	120	120
	Biogeografia	45	45
	Seminário III	15	15
6º	Paleontologia	60	60
	Projeto Integrado I – Saúde Escolar e Comunitária	60	60
	Sistemática de plantas vasculares	90	90
	Ciências Ambientais	60	60
	Metazoa IV	75	75
	Imunologia	30	30

QUADRO 19: grades curriculares do curso de Ciências Biológicas de 2008 e 2010.

FONTE: Adaptado Resolução nº 55/07 e Portaria nº 022/2010.

Períodos	Matérias: Modalidade Licenciatura	2007	2010
7º	Organização do trabalho Pedagógico na Escola	60	60
	Metodologia de ensino de Ciências e Biologia	60	60
	Psicologia da educação	60	60
	Metodologia da pesquisa Educacional	60	60
	Política e Planejamento da Educação Brasileira	60	60
	Comunicação em Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS		60
8º	Instrumentação para o ensino de Astronomia	45	45
	Oficinas Didáticas em Física	45	45
	Instrumentalização para o ensino de Química ³⁹ (escolher 2)	60	60
	Tópicos Integrados em Anatomia e fisiologia Humanas	75	75
	Projeto integrado em Sexualidade, Corpo e Gênero (escolher 1)	X ⁴⁰	75
	Estágio Supervisionado em Contextos Interativos na Educação	60	60
	Práticas em Genética para os Ensinos Fundamental e Médio	60	60
Evolução para os Ensinos Fundamental e Médio (escolher 1)	60	60	
9º	Prática de Docência em Ensino de Ciências e Biologia I e II (anual)	210	210
	Trabalho de Conclusão de Curso I	45	45
10º	Trabalho de Conclusão de Curso II	45	45

QUADRO 20: grades curriculares do curso de Ciências Biológicas de 2008 e 2010.

FONTE: Adaptado Resolução nº 55/07 e Portaria nº 022/2010.

³⁹ A partir da Portaria Nº 022/2010, a disciplina Instrumentalização para o Ensino de Química passou a ser obrigatória.

⁴⁰ A Resolução Nº 55/07 não informa a carga horária da disciplina Projeto Integrado em Sexualidade, Corpo e Gênero.

Períodos	Matérias: Modalidade Bacharelado ⁴¹	2007	2010
7º	Biologia Molecular para Biologia	60	60
	Métodos em Biologia Comparada	60	60
	Bioestatística	60	60
	Diversidade Biológica⁴²		
	Biologia de Campo II	60	60
	Biologia da Conservação	60	60
	Coleções Biológicas e taxonomia	45	45
	Ecologia de Populações e Comunidades	90	90
	Sistemática Filogenética	60	60
	Estudos de Impacto Ambiental (EIA/RIMA)	-	75
	Biologia de Processos Moleculares⁴³		
	Biologia Celular Avançada	90	90
	Genética humana	60	60
	Evolução Molecular	60	60
	Farmacologia Geral	60	60
Fisiologia geral e Humana	60	60	
8º	Optativas		
	Estágio Supervisionado em Biologia I		150
9º	Estágio em Biologia ⁴⁴	300	300
	Estágio Supervisionado em Biologia II		150
10º	Estágio em Biologia	300	

QUADRO 21: grades curriculares do curso de Ciências Biológicas de 2008 e 2010.
 FONTE: Adaptado Resolução nº 55/07 e Portaria nº 022/2010.

⁴¹ Em 2007 o Bacharelado passou a ser dividido em dois segmentos: Diversidade Biológica e Biologia de Processos Moleculares. O estudante ingressa em um tronco comum e no 4º. Ano deve optar entre um desses segmentos.

⁴² Em 2007 o estudante deveria escolher 3 matérias entre as oferecidas. Em 2010 o currículo exige que o estudante totalize 180 horas.

⁴³ idem.

⁴⁴ A disciplina é anual mesmo com o currículo semestralizado.

Anexo 10

Entrevista Vilma Maria Marcassa Barra:

Legenda:

E- entrevistador (no caso eu)

P- professora entrevistada

C- professora Christiane Gioppo



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Setor de Educação

Departamento de Teoria e Prática de Ensino.

ANEXO 3 – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM
TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM

Eu, Silma M. Marassa Bara, portador da carteira de identidade número 258.161/PR (órgão emissor e Unidade da Federação), autorizo o uso de minha imagem e diálogos (em forma de texto ou em exposição de trechos da gravação) para fins de pesquisa em Trabalho de Conclusão de Curso e para divulgação e apresentação desse trabalho, em seu formato integral ou em partes. Este estudo é supervisionado pela professora Christiane Gioppo.

Curitiba, 25 de Outubro de 2011

Silma M. Bara

Assinatura

E- Qual o seu nome?

P-Meu nome é Vilma Maria Marcassa Barra

E- E a sua formação?

P-Bom... você diz no nível universitário?

E-É... e se teve mais alguma pós.

P-Eu fiz então o Curso de História Natural... e me formei em 1970. Na verdade a turma com a qual eu me formei, não foi com a qual eu fiz o vestibular. Porque eu fiz o vestibular e casei logo em seguida e parei 4 anos e tive que retomar desde o primeiro ano, né. Então daí foi 67,68,69 e 70, quando nos formamos. E depois eu fiz especialização aqui no Setor de Educação, para começar a lecionar e quando eu fiz concurso, depois eu fiz mestrado também em educação e currículo, arte e concentração era currículo naquela época, aqui no Setor de Educação. E depois, mais recentemente, acabei em 200, eu fiz o doutorado em Santiago de Compostela em educação também.

E- E poderia contar um pouco mais sobre a sua formação acadêmica no curso de História Natural?

P-Bom... eu fiz História Natural é muito interessante, porque eu não me lembro, não se falava em licenciatura naquela época, sabe? Então nós tínhamos disciplinas pedagógicas, já existiam, mas, é, eram bem diferentes das que estão agora, né. A gente não tinha esse nível de exigência, eu me lembro que nós tínhamos didática, com o professor Voysk, que foi um dos fundadores do Setor de Educação, tínhamos psicologia da educação, que era com a professora Pórcia, também uma das fundadoras do Setor de Educação e depois tivemos prática de ensino, mas prática de ensino era só de nome, porque nós nunca demos uma aula, nós nunca aprendemos a fazer um plano de ensino, nós nunca fizemos estágio, é, único colégio que nós fomos visitar foi o colégio o Estadual, que um dos professores que era professor de prática de ensino, ele era professor lá e nos levou pra conhecer o colégio, mas nunca aprendemos nada, é, relacionado a sala de aula, por exemplo, esse projeto que

vocês estão participando aqui e outras oportunidades que vocês tem hoje com a professora Christiane, nós não tínhamos, era prática de ensino. E então essa parte, digamos assim, direcionada a formação de docente, foi muito fraca, tanto que depois, eu e mais outros professores, professora Aracy, acho que a professor Christiane nem estava aqui ainda, professor Gastão, professor Zaor e outros que... e outro coordenador também, que agora eu não me lembro, que foi muito dedicado, eu não lembro o nome dele agora, nós tentamos mudar o currículo e acrescentamos metodologia do ensino de ciências, né, nós não tínhamos metodologia na época, separamos prática de ensino de ciências, de prática de ensino de biologia. Achamos realmente, essa parte pedagógica foi melhorando ao longo do tempo.

E- E essa mudança foi de 92, é isso?

P-Eu não me lembro a data... realmente eu não me lembro..não me lembro a data quando foi, só sei que quando foi nós trabalhamos tanto, fizemos tanto, brigamos ,entre aspas, tantas vezes, mas não sei te dizer quando foi. Mas na época que eu estava, então a gente, nós tínhamos... tivemos excelentes professores, mas a ênfase realmente era...nem sei te dizer, porque biólogo não se falava, né. Mas a ênfase também não era no pesquisador, fazendo agora uma retrospectiva, a ênfase era realmente no conteúdo, mas não se preocupava assim com o futuro, com o emprego que a gente fosse ter, porque tinha que ser professor de ciências nos colégios, né. Mas não havia essa preocupação da Universidade em formar o professor como já falei. Agora nós tínhamos disciplinas que exigiam muito, né, a genética que era com o professor Newton Freire-Maia e depois com a Elendi que casou com ele. Nós tínhamos biologia celular com a professora Maria de Lourdes Zanardini que está viva até hoje e lembra de todos nós pelo nome, imagine você que maravilha, né. E que me doou muitos dos livros que deixei aqui, foi ela que doou, materiais do laboratório também foi ela que doou. Então nós tínhamos a parte de zoologia também com o professor Ivon, mineralogia, zoologia com o professor Salamuni, então a formação era muito boa, tá, a formação era muito boa nesse quesito, assim, mais amplo, né. Mas a parte pedagógica, realmente

deixou muito a desejar. Eu fui aprender a ser professora, na prática e com colegas do curso de pedagogia, que já eram formados.

C- É... só retomando aquela questão da modificação que vocês fizeram no currículo, eu acho que eu já peguei algumas dessas modificações em 80...em 78, 82, porque eu fiz prática de ciências, mas não tinha metodologia, tinha prática de ciências e prática de biologia, mas não tinha metodologia.

P- Metodologia é mais recente, realmente.

E- Eu acho que a prática de ciências e biologia já tem a partir de 74.

P- É...eu acho que quando foi criada a licenciatura, né?

E- É...a licenciatura...

P- A licenciatura, pois é, então eu acho que daí que essas disciplinas se tornaram obrigatórias.

E- Você ainda tem algum documento do currículo ou lista de disciplinas daquela época?

P- Pois é, eu devo ter...o difícil vai ser encontrar, a última vez que eu peguei, foi quando eu tive que fazer o *curriculum vitae*, pra eu me candidatar ao doutorado, né. Então eu tive que achar e devo ter em casa, eu não...vou tentar, mas não te prometo encontrar, mas vou procurar lá e se encontrar é claro que eu passo pra você, tem pelo menos o nome das disciplinas.

E- E a senhora fez o curso de História Natural, como a senhora descreve o curso de História Natural comparado com o currículo de biologia hoje.

P- Olha... é difícil sabe...a gente fazer uma análise assim... fria, né. Eu acredito que, como eu falei, para a formação de docente o curso de Biologia hoje é bem melhor, mas em termos de conteúdo o curso de História Natural era muito bom. Eu não posso dizer que o de Biologia agora não seja, pois eu não tive mais contato, né. Mas o de História Natural, ele era mais abrangente, sabe. Você tinha uma visão maior das ciências, por exemplo. Eu não sei se os alunos

de hoje em dia sabem alguma coisa de mineralogia, por exemplo, nós tínhamos, nós classificávamos todas aqui, eu tinha várias rochas, exemplares de rocha, é, ainda tão aí?

C-(inaudível)

P-Ainda tão aí. A gente fazia coleção de rocha, sabe. Era uma professora, não me lembro o nome da professora agora, mas era uma professora, inclusive, muito exigente, sabe. Mas as aulas eram muito técnicas, nós ficávamos ali e eu me lembro que tinha um pouco de dificuldade, porque usava muita matemática e eu tive péssima formação de matemática. Mas então essa parte de zoo..de mineralogia e de geologia, que era com o professor Salamuni. Eu acho que isso, assim, enriqueceram muito o currículo da gente, sabe. Então, eu sei que não dá pra juntar tudo, né, porque se não ia ficar 6,7 anos no curso. Mas achei que faltou também, já que a gente sai professor de ciências, né. Faltou também um pouco dessa parte, agora na formação dos biólogos, digamos assim. Em compensação apareceram outras disciplinas, né.

E- Gostaria de saber se houve alguma mudança no currículo de história Natural, enquanto era aluna ou depois, quando dava aula?

P- Não e quando eu comecei a dar aula, já não era mais História Natural, já era Biologia. Daí eram essas as disciplinas pedagógicas, que surgiram e as outras, não se tinha mais geologia, não se tinha mais mineralogia.

C- Na verdade a ideia era assim que quando você tava no curso de História Natural, teve alguma reformulação?

P- Não, eu não me lembro. Pode ter tido, mas eu não me lembro.

E- E você fez algum tipo de estagio na licenciatura?

P- Não, nenhum. Foi o que eu te disse, nós só fomos conhecer o colégio Estadual, mas nunca demos uma...

C- Mas tinha uma disciplina chamada prática de ensino?

P- É tinha... tinha prática de ensino, mas era só teoria e nunca fomos apresentados a um plano de aula.

C-E a teoria era sobre o que?

P- Não me lembro, foi assim tão insignificante, que eu não lembro nada. Só me lembro da visita ao colégio, mas a gente nunca aprendeu a fazer um plano de aula, sabe. Nunca aprendemos técnicas de ensino, nada disso. É...n a verdade, eu fui aprender isso com a professora (inaudível) que era aqui do Setor de Educação também, era pedagoga e que era do Instituto de Educação, se não me engano era coordenadora e me convidou pra dar aula lá. E aí foi com ela que eu comecei a dar aula e foi com ela que eu aprendi a fazer tudo isso, né. Plano de aula, a escolher, porque a gente entrava na sala de aula dos colégios querendo imitar e reproduzir o que a gente tinha aprendido na Universidade, sabe. Então muitas das aulas com certeza eram chatérrimas, porque, eu não sei como que é zoologia agora e botânica, mas a gente só aprendia a classificação, né, taxonomia. Então a gente repetia isso na sala de aula também. Então... talvez ainda o povo(inaudível), porque eu me lembro, algum tempo atrás se fez uma pesquisa no Brasil todo, não me lembro quem foi que fez a pesquisa, mas acho que foi lá da USP. Depois de matemática, a disciplina mais detestada no segundo grau era biologia. Justamente por causa da decoreba e nós tivemos isso na Universidade, então a gente repetia na escola, na sala de aula aquilo. (inaudível) Aí quando eu fiz uma especialização aqui, que foi com a professora Maria de Lourdes... ela... ela... e nós começamos a aprender foi treinamento em microensino. Aí que nós começamos aprender as habilidades (inaudível). Aí sim a gente tinha que dar aulas, planos de ensino, tinha que ver que habilidades a gente ia ter e nesse curso de especialização tinha muitos professores aqui da universidade, do curso de Pedagogia, então nós trocamos muitas ideias. Aí foi que eu aprendi bastante e foi aí que eu comecei a me interessar mais pela educação. Porque, na verdade... vou ser sincera agora com vocês, nem a Christiane sabe disso, eu queria fazer o mestrado em Zoologia e eu já tinha passado no mestrado em Zoologia, eu tava começando a fazer, naquele tempo pra você se candidatar ao mestrado, você deveria fazer 6 meses com a professora Danucia e a gente

tinha que fazer um estagio 6 meses com ela, pra daí você se candidatar ao mestrado em Zoologia que era com o Padre Moure ainda, eu fiz, passei e fiz um ano no Mestrado em Zoologia. Mas aí meu marido foi transferido pra outro lugar e eu fui com ele, nesse meio tempo eu fui convidada pra dar aula no Instituto de Educação e logo em seguida fui convida pra fazer um concurso pra cá. Vim pra cá, aí eu achei que não tinha mais sentido, eu tinha que estudar tanto aqui pra ser professora aqui, que continuar com o mestrado em Zoologia e completamente afastado, coisas completamente diferentes, né. Então abri mão do mestrado em zoologia e fiquei aqui e depois abriu o mestrado em educação e acabei fazendo mestrado em educação e fiquei aqui. Mas antes de eu trabalhar aqui no setor de educação eu dava aula como professora voluntária, não era nem auxiliar, era voluntária, sem ganhar nada em biologia celular com a professora Maria de Lourdes Zanardini, ela fazia o mestrado, então eu e a professora Clorice, só que eu dava as aulas práticas e teóricas e a professora Clorice dava as aulas práticas comigo. Então na verdade, a minha cabeça e a minha formação toda me levava pra continuar lá na biológicas, mas por coisas que a gente não sabe explicar eu acabei vindo pro Setor de Educação, gostei e acabei ficando aqui e aprendi muitíssimo, acredito que me realizei muito mais do que se tivesse ficado na zoologia, porque meu mundo se expandiu muito mais, do que mestrado em zoologia, que eu ia estudar inseto.

E-A senhora já comentou que na formação profissional de professor o currículo atual é melhor do que o de história Natural.

P- Ah sim, sem dúvida.

E- E do pesquisador, você comentou que era melhor também o... o de história Natural era melhor, porque dava uma visão mais ampla do que o curso atual ou...

P- Dava uma visão mais ampla, mas não dava muita oportunidade pra você fazer pesquisa, nada disso, sabe. Não tinha claro... os alunos recém formados não tinha muitas possibilidades, não tinham esses projetos todos que tem hoje, né. Projeto final de curso tem outros ali que a professora Christiane mostrou de iniciação científica. Não existia nada disso, então na verdade era

um paradoxo, era formado pra trabalhar mais como cientista e que talvez com o mestrado, porque doutorado nem se fala, porque eram pouquíssimos mestrados que existiam na época. Mas a gente sai de lá pra ser professor, porque você não tinha outro local de trabalho, acabava sendo professor do estado ou de escolas particulares.

E- Eu gostaria de saber se tem alguma... gostaria de contar alguma passagem especial que lembra de sua época de estudante, que pode contribuir para a compreensão do currículo de Historia Natural.

P-Deixa eu ver se lembro... bom... uma coisa que me marcou muito sempre, foi o nível de exigência da professora Maria de Lourdes Zanardini de biologia celular, ela era extremamente exigente e ela era extremamente dura, mas ela é uma pessoa fantástica, ainda é uma pessoa fantástica. E eu aprendi muito de como ser professora com ela, mas ela como modelo, não que ela tivesse assim me ensinado, ensinado digamos assim formalmente, informalmente a gente aprendeu com ela, porque ela exigia um respeito muito grande dos alunos e nós a respeitávamos muito. E quando ela tava no mestrado, que eu fiquei como professora voluntaria na disciplina dela, eu aprendi muito pela supervisão dela, na forma de eu ensinar, principalmente nessa questão de organização e de exigência com os alunos também. Não sei agora, se você acharia isso ruim, mas no meu tempo, por exemplo, a questão do horário, do respeito ao horário era extremamente importante, a professora Maria de Lourdes, 10 minutos depois ela fechava a porta e ninguém entrava mais. Então eu aprendi com ela a ser extremamente rigorosa comigo mesma e com meus os alunos na questão do horário. As minhas aulas sempre começavam no horário e eu sempre estava antes em sala de aula, esperando os alunos. E isso me serviu também de lição para a minha vida, se eu chegar atrasada num compromisso é porque alguma coisa muito seria aconteceu. Isso foi assim influencia da professora Maria de Lourdes e depois foi assim até muito emocionante pra mim, porque apesar dela sempre ter me tratado muito bem e ter me convidado, convidado não, eu fui perguntar pra ela se eu poderia conseguir o estágio, ela me aceitou e me deixou como a professora voluntária. Mas isso é uma memória que eu tenho muito boa dessa ligação com ela, que

quando ela se aposentou ela me deixou todos os livros dela, todos os livros dela sabe, revistas da SPBC que ela tinha muitas revistas e quando eu estava fazendo o meu mestrado, eu precisei entrevistar em São Paulo, conversar com a professora Miriam (não entendo) que era muito amiga da professora Maria de Lourdes. Até depois fizemos um encontro aqui que a professora Miriam esteve aqui e convidei a professora Maria de Lourdes para elas se reencontrarem. Então, não que os outros professores não tenham sido bons, claro nem todos são perfeitos, mas a professora Maria de Lourdes foi uma pessoa que me marcou muito na função de docente e essa ligação que ela teve comigo, que até foi inesperada pra mim, pelo fato de ela deixar... nós tínhamos ali todos os...o material de laboratório que eu tinha ali, tudo isso, lâminas, tudo, foi ela que doou tudo aqui para o laboratório, quando soube que eu tava montando o laboratório aqui nesta sala.

E- Eu gostaria de saber se eu não fiz alguma pergunta que a senhora considera que seria importante mencionar ou não.

P- Não...eu acho só que hoje, vocês alunos tem muito mais oportunidades, do que nós tínhamos na época, sabe. Na época a distância entre o professor e nós alunos era muito grande, então o professor dava aula e não tinha esse envolvimento que to tendo agora com a professora Christiane e vocês desenvolvendo todos esses projetos, né. Mesmo tendo ou não tendo CAPES ou tendo ou não tendo financiamento, eu vejo... mesmo eu antes de me aposentar,nós conseguimos fazer o laboratório aqui de ensino. Então nós tínhamos mais contato com os alunos, do que naquela época, mesmo aqui com os professores do Setor de Educação, havia uma distância, uma distância, não que fossem mal educados ou fossem grosseiros ou não fossem interessados pela gente, não, não, era aquele professor/aluno, formalidade um respeito muito grande, quando eu conto isso, parece assim... percebe que eu to velha, mas olhe lá, a professora Pórcia, que dava aula de Psicologia não permitia que nós viéssemos de calça comprida, a gente tinha que vir de saia, assistir as aulas dela. Viu só, de saia. Então existia toda uma formalidade, né. E as aulas eram com alunos de outros cursos também, não eram só de biologia, acho que por isso que elas ficavam assim muito amplas. Pra nós que éramos de outra

área, então ninguém gostava, ninguém eu acho que estou exagerando, mas 99% dos meus colegas de História Natural é...gostavam das aulas aqui do Setor de Educação, a gente achava que era conversa fiada, entende? Porque lá a gente era muito mais exigido do que aqui. Então acho que isso mudou, acho que aqui, o Setor de Educação, criou um novo status, os professores agora interagem mais com os alunos e acho que os alunos também passaram a valorizar muito mais o Setor de Educação, do que na época nós valorizávamos. Acho que isso foi uma importância muito grande pro curso e pros alunos, pensando neles enquanto professores e como pessoas, pois mesmo se você é pesquisador você tem que ser pessoa, precisa aprender a desenvolver as suas versatilidades do tratamento com o outro, tem que descer do pedestal, que alguns professores lá de História Natural tinham, se situavam em um pedestal. Nós tínhamos um professor, não quero citar o nome aqui, que ele dizia “Bom dia!” e falava do começo ao fim, às vezes virado pro quadro, escrevendo, acabava o tempo dele, que eram às vezes 4 horas de aula de uma mesma disciplina, virava, dizia “Até logo” e ia embora, então não tinha essa interação. Isso eu achei que é um aspecto ruim que eu me lembro, acho que agora melhorou, não sei dos professores de lá agora mais, que não tenho mais contato, mas conhecendo o professor Ives, conhecendo o professor Rosenir e a professora Marilene, eu acho que eles se aproximaram mais dos alunos, do que os professores de antigamente.

E- Eu gostaria de saber assim, aqui tem 4 currículos de História Natural que a gente achou e não sei se você poderia falar se vivenciou algum deles ou não.

(arquivo de áudio acabou)

Anexo 11

Entrevista Iglénir João Cavalli:

Legenda:

E- entrevistador (no caso eu)

P- professor entrevistado



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Setor de Educação

Departamento de Teoria e Prática de Ensino.

ANEXO 3 – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM
TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM

Eu, ARLENIR JOÃO CAVALLI, portador da carteira de identidade número 392.365 PR (órgão emissor e Unidade da Federação), autorizo o uso de minha imagem e diálogos (em forma de texto ou em exposição de trechos da gravação) para fins de pesquisa em Trabalho de Conclusão de Curso e para divulgação e apresentação desse trabalho, em seu formato integral ou em partes. Este estudo é supervisionado pela professora Christiane Gioppo.

Curitiba, 26 de outubro de 2011

Assinatura

E- Bom dia! Obrigado por ficar interessado na entrevista.

P- É um prazer pra mim.

E- Primeiramente queria saber qual o seu nome?

P- Iglenir João Cavalli

E- Qual a sua formação? Se fez aqui na UFPR História Natural, se fez pós-graduação?

P- Fiz História Natural aqui, fiz mestrado aqui no departamento e fiz doutorado no departamento de genética na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E- Daí você entrou quando em HN?

P- 1962

E- e você terminou o curso quando?

P- 1965

E- Nessa época era os 3 primeiros anos eram bacharel o ultimo ano licenciatura ou já estavam misturadas as matérias?

P- Não, eu acho que...eu não lembro exatamente, mas eu acho que não...tinha sim essa diferença, eu não tenho segurança, mas eu na verdade completei o curso com a licenciatura. E realmente tinha bacharel, pois alguns colegas se formavam em bacharel no terceiro ano e alguns continuavam pro quarto ano. Então tinha as duas opções.

E- Daí você poderia comentar um pouco sobre a sua formação acadêmica no curso de HN?

P- Foi uma formação excelente, um curso muito consistente, com um corpo docente muito bom, foi ótimo, gostei muito e tinha uma variabilidade

maior de possibilidades, por exemplo: geologia, mineralogia, petrologia e isto que caracterizava a História Natural, depois que se passou pra biologia essas disciplinas não fizeram mais parte. Foi muito bom...uma formação sólida.

E- As pessoas comentaram ontem, já que algumas matérias que foram retirados, pra quando tornou biologia, faz falta na formação do biólogo. Poderia descrever um pouquinho as disciplinas que fez? Se lembra alguma que chamou a atenção ou não?

P- Eu acho que todas elas eram excelentes, muito boas. Existia a zoologia, botânica, disciplinas que vocês têm mesmo agora na biologia, a genética e elas eram excelentes e as outras partes também: geologia, mineralogia e petrologia. Não tem uma em particular, o conjunto era muito consistente.

E- E o senhor tem algum documento, currículo ou lista de disciplinas daquela época?

P- Eu devo ter o histórico escolar, só que já não sei mais onde que ele está exatamente. Mas que tenho, tenho, devo ter, tenho tudo guardado.

E- Qualquer coisa se o senhor achar, poderia emprestar pra eu fotocopiar.

P- Posso, claro.

E- Obrigado. O senhor lembra se houve alguma mudança de currículo durante quando você fez História Natural?

P- Não, eu não me lembro, se houve... acredito que não...se houve, houve uma mudança pontual e não a nível curricular.

E- E tem alguma disciplina que você considera importante que pertencia a História Natural e não tenha na biologia hoje?

P- Olha... eu achava muito importante geologia, uma disciplina assim que era muito motivante, mas fica difícil você fazer uma avaliação de 40 anos e

agora, nós vivemos numa outra realidade. Talvez essas disciplinas hoje não se encaixassem de uma forma efetiva do currículo hoje, porque o enfoque é diferente, nós éramos mais formados a nível de ser um Naturalista, o próprio curso dizia isso e hoje é o biólogo, mais especificamente.

E- É que depois que o curso de HN foi transformado em biologia e geologia.

P-Biologia e a geologia, já existia a geologia, mas só que ficou mais...houve uma distinção mais clara dessas duas opções.

E-E o senhor teve alguma formação como professor em HN?

P- Sim... eu comecei a dar aula com 16 anos, no ensino que hoje é chamado de ensino fundamental, ensino primário na Colônia Muricy em São José dos Pinhais, pra chegar lá eu não podia ir e voltar, então ia no domingo e voltava no sábado, então isso foi muito bom. E logo depois, ainda estava terminado o curso em 1964 passei a dar aula de biologia no Colégio Estadual do Paraná. E dei aula de biologia de 1964 a 1970, quando mudaram o currículo do ensino médio na época, é eu achei que já não funcionava mais, daí eu fiquei só na Universidade, mas na verdade foi o melhor período da minha vida profissional no Colégio Estadual do Paraná de 1964 a 1970, isso eu não tenho a menor dúvida, no magistério, isso é indiscutível.

E- E o senhor entrou quando na UFPR pra dar aula?

P- Eu entrei no curso em 1962, em 1963 entrei como estagiário no laboratório de biologia geral com a professora Maria de Lourdes Zanardini e o professor (inaudível). E em 1964 passei pra genética, com o professor Marçalo, Francisco Antonio Marçalo, ele estava criando o laboratório de citogenética humana e passei a trabalhar com ele. Então um ano e meio antes da conclusão do curso eu já estava aqui na genética. Integrado já no grupo.

E-E o senhor fez algum estágio ligado a licenciatura durante ou curso ou não?

P- Não, isto... não fiz nenhum estágio desses. Eu fiz um curso de oceanografia, que foi muito gratificante, em toda a costa brasileira, mas nenhum específico na área de licenciatura.

E- E agora fazendo uma comparação entre os dois currículos, a mudança pra ciências biológicas trouxe mais vantagens ou desvantagens pra formação profissional do professor de biologia.

P- Olhe... este... esta é uma comparação muito difícil de ser feita, talvez não de para fazer. Porque são situações absolutamente diferentes, imagine você em 1962/65 o conhecimento que se tinha era completamente diferente do conhecimento que se tem hoje, quando entrei no curso faziam 9 anos que o Watson e Crick tinham descrito e apresentado o modelo tridimensional da molécula do DNA e naquela época essa informação demorava a chegar, então nós só fomos começar a ter esta informação 10 anos depois. Hoje não, em 1980 com o avanço da biologia molecular foi... a coisa mudou completamente. Então é muito diferente, não posso dizer se é melhor ou pior, mas é diferente. E não dá pra fazer uma comparação consistente.

E- Então você acredita que os currículos estão formados... estão baseados no que está ocorrendo no momento?

P- Ah sim, no momento

E- Então não tem como comparar?

P- Não tem como.

E- Aquele currículo era o melhor para aquele momento e esse currículo deve ser o melhor para este momento?

P- Sem duvidas e você não dá pra fazer uma comparação em termos qualitativos. Hoje você tem muito mais informações evidentemente, porque faz... tá dentro do contexto da revolução científica.

E- Um dos quesitos que o pessoal levantou foi o computador, que com a internet a velocidade é muito mais rápida.

P- Exatamente... acabei de te falar que as informações consistentes sobre o DNA apareceu aqui 10 anos após ter sido publicado, hoje você teria isso...

E- Então... você gostaria de contar alguma passagem especial que lembra da sua época como estudante, que pode contribuir para a compreensão sobre o currículo daquela época.

P- Não, eu acho que não... eu não lembro assim alguma coisa mais focalizada, que chamasse atenção que pudesse.

E- E você acha que existe alguma pergunta que eu não fiz e que acha importante mencionar.

P- Em termos de vida acadêmica, aquela época era muito interessante, porque você tinha uma turma de alunos, que você entrava com ela e saía com ela e hoje isto é um pouco disperso pelo que vejo, pois muitos, por causa dessa periodização ele... aquilo eu acho que era muito importante e isto é uma questão não curricular, mas uma questão de envolvimento dentro de um grupo, era um grupo filosoficamente mais consistente até por isso e politicamente mais consistente até por isso e por causa da época, pois quando saí do curso estávamos em plena revolução e ideologicamente era mais consistente e eu percebo que hoje não existe esse tipo de contexto, pelo que os alunos possam efetivamente estar num conjunto mais coeso. Essa é a impressão que eu tenho.

E- Dizem que os alunos ficam só em panelinhas e acabam se dispersando.

P- Não sei bem se são panelinhas, mas aquele agrupamento de 4 anos era muito importante, você caminhava em grupo, agora as posições estão mais individualizadas, talvez por causa da época que nós vivemos, época política, época ideológica ou talvez o currículo facilite esse tipo de situação.

E- Encontrei alguns currículos um num anuário aqui de 1946 e na coordenação um de 69/70/71 e 72. Pro senhor dar uma olhada se era parecido ou se participou de algum deles.

(gravação acabou)

Anexo 12

Entrevista Marilene Terezinha Dzieciol Gonçalves:

Legenda:

E- entrevistador (no caso eu)

P- professora entrevistada

C- professora Christiane Gioppo

V- professora Vilma Barra



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Setor de Educação

Departamento de Teoria e Prática de Ensino.

ANEXO 3 – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM
TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM

Eu, Marilene Terezinha Dzeziel Gonçalves portador da carteira de identidade número 6.19.017 (PR) (órgão emissor e Unidade da Federação), autorizo o uso de minha imagem e diálogos (em forma de texto ou em exposição de trechos da gravação) para fins de pesquisa em Trabalho de Conclusão de Curso e para divulgação e apresentação desse trabalho, em seu formato integral ou em partes. Este estudo é supervisionado pela professora Christiane Gioppo.

Curitiba, 25 de outubro de 2011

Assinatura

E- Então, qual o seu nome?

C- Boa tarde!

E- Boa tarde!

P- Primeiro, boa tarde! O meu nome é Marilene Teresinha... Gonçalves.

E- E a sua formação? Fez qual curso, aonde e se fez alguma especialização.

P- Eu fiz HN aqui na federal, eu sou filhota da federal, né. Porque eu fiz HN aqui, daí fiz a pós-graduação e mestrado em entomologia, na área de morfologia, aqui na federal também e trabalhei aqui até me aposentar. Então eu entrei menina e sai coroa, bem velha daqui. Com muito prazer.

E- E você começou o curso de HN... você entrou quando no curso?

P- Eu entrei em 1967.

E- E se formou?

P- Em 1970.

E- Poderia contar um pouco sobre a sua formação acadêmica no curso de HN.

P- Ummm, como você quer que eu fale sobre...

C- Disciplinas...

E- Disciplinas que você teve... se fez algum estágio.

P- Na época, a grande diferença que eu senti como estudante e depois como professora, porque dei aula pro curso de Ciências Biológicas e pra todos os outros cursos da área biológicas, na verdade trabalhei com todos os cursos da áreas de biológicas, de biologia até medicina, todos passaram pelo meu

departamento e com todos eles eu trabalhei. Mas especialmente no de Ciências Biológicas, o que eu senti foi uma melhoria na medida que o aluno pode se integrar já ao curso, ao trabalho, dentro dos vários departamentos, na verdade na época não éramos divididos em departamentos, era Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, né, da Universidade Federal do Paraná. Quando eu estava me formando, acho que logo em seguida a nossa formatura, acho que foram divididos em setores, Setor de Ciências Biológicas, Setor de Tecnologia, setor em fim, sabe em setores.

C- Na década de 1970, isso?

P- Isso.

C- E isso por causa do que será? Alguma coisa específica da ditadura?

P- Eu não sei, olha, honestamente eu nunca soube, acho que foi uma reunião nacional, que levou a subdivisão das Universidades Federais em setores, não deixou de existir faculdades, porque aqui era chamado de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e passou a se chamar então de Universidade Federal como um todo.

V- Nós tínhamos aula aqui.

P- É, nós tínhamos aqui, nós tivemos do sétimo, aqui do setor que agora é o Setor de Educação, funcionava do sétimo andar até o décimo primeiro era o curso de Ciências Biológicas. Em 1971, quando eu comecei... eu comecei a estagiar aqui, na própria Universidade, no departamento de histologia, na verdade eu comecei na genética, fazer pós-graduação na genética, prestei, a gente fazia um exame. Meu grande sonho quando entrei em História Natural era ser geneticista, mas nem sempre aquilo que você estabelece, sempre fui uma pessoa de estabelecer metas na minha vida, mas nem sempre aquilo que você estabelece, você consegue seguir, por circunstâncias outras, talvez foi a única coisa que não fui muito firme, não fui muito durona, na verdade e não segui esse meu sonho, porque quando eu entrei, fiz vestibular para História Natural, eu vim pra Universidade pra fazer História Natural e nenhum outro

curso interessava. Por quê? Porque eu queria fazer genética, eu no secundário tive professores muito bons, eu fui aluna, criação do Colégio Estadual do Paraná e nós tínhamos um excelente currículo e excelentes professores e entre esses excelentes professores eu tive uma professora magnífica de biologia e que me fez, me despertou esse amor pela genética e pelo Doutor Freire-Maia. Meu sonho antes de fazer o vestibular, era entrar na Universidade para ter aula com ele e com isso também, meu sonho não se concretizou, pela simples razão... o Doutor Freire-Maia ele dava aula do terceiro ano, porque não era períodos como vocês fazem, era primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano. E o Doutor Freire- Maia dava aula no terceiro e quarto ano de genética e isso é também um outro diferencial pra se discutir, quando se separou, quando se formou o curso de Ciências Biológicas, porque nós não tínhamos genética em um ou dois anos, nós tínhamos nos 4 anos, nós tínhamos genética geral, depois a gente tinha genética... que entrava...eu não lembro como chamava a segunda genética, depois a gente tinha genética medica e daí a gente tinha no ultimo ano era estatística, onde nós aplicávamos os conhecimentos de estatística em cima das amostras de genética. Então, era realmente um curso de genética muito mais aprofundado que eu fiz, do que hoje os alunos tem. E não só na genética, mas em outras disciplinas, é... por exemplo bioquímica, eu acompanhando os meus alunos de Ciências Biológicas aqui da federal, percebi que eles tinham um ano de bioquímica, bioquímica I, bioquímica II e acabava bioquímica. E nós tínhamos quatro anos de bioquímica, quatro anos, não era quatro semestres, nós tínhamos tardes inteiras de laboratórios de bioquímica, onde a gente inclusive sintetizava DNA, onde a gente, é... como se diz...sintetizava RNA...extraia o DNA, coisas que hoje em dia se faz mais a nível de pós-graduação, nós fazíamos na graduação. Porque nós tínhamos tardes inteiras só de bioquímica, era uma, eram duas, na verdade duas disciplinas diárias. Até isso falava contra nós, porque não permitia que a gente trabalhasse, eu como fui uma aluna, meus pais não tinham condições nenhuma de me manter estudando. Mas eu, como eu sempre me propus e a única coisa que eu exigisse deles, nunca exige nada deles, absolutamente nada, a única coisa que eu queria era estudar. Então, é... o único vestibular que eu fiz foi na federal, pois eu não tinha chances nenhuma

de cursar uma universidade paga e naquela época não se falava em bolsa, não se falava em... nessas vantagens que o pessoal hoje em dia tem ou você tinha dinheiro ou você não tinha. Se você não tinha, você tinha que tentar federal, se você não passasse dano-se, porque não tinha condições da gente fazer e eu passei graças a deus na Federal. E aí, a partir daí meu pai (não entendi) coitadinho pra me sustentar, mesmo sendo Federal, porque não tinha dinheiro pra comprar livro, não tinha a mínima condição de comprar livro. Então eu passava, quando eu não tava na sala de aula, eu tava na biblioteca, naquela época não tinha xerox. Sempre digo pros meus alunos que vocês viveram... vivem todas as facilidades do mundo, nós não tínhamos óbvio, não existia, nem se falava em ter alguma coisa parecida com o computador, é... não tinha xerox, imagine xerox? Não tinha xerox, venho muitos anos depois. Então qual era o modo que você tinha pra estudar? Ou você comprava o livro ou você ia a biblioteca e copiava. Eu cheguei a fazer nesse dedo um calo, porque eu não tinha condição de comprar um livro e eu tinha que estudar. E aí eu ia pra biblioteca e copiava, copiava, copiava, copiava cadernos e mais cadernos e copiava tudo o que o professor dizia e tudo o que tinha nos livros, porque eu não ter condição de comprar um livro. Mais tarde eu tive que comprar livros, foram tão poucos, mas eu tive que comprar um livro de genética, porque eles não abriam mão, você tinha que ter o seu livro, o Dobzhansky, famoso, né, que tenho até hoje, que tá lá como num museu, né. Meu Dobzhansky que eu chorei e suei tanto em cima dele, porque ele era difícil, não era uma literatura fácil, não era nada resumido como hoje em dia, que eles fazem da forma que o aluno abre ali e está mastigado. Naquela época não era, como era ruim, incrível, você tinha que além de realmente estudar aquele conteúdo, você tinha que interpretar aquele conteúdo, às vezes de traduções muito mal feitas, então você se batia pra entender aquele conteúdo. Eu me lembro que eu só consegui comprar o Dobzhansky e comprei dois livros de geologia, que eram bem baratinhos, que eram bem baratinhos, quase que livros que hoje você podia aplicar para o primeiro grau, de tão basiquinhos que eles eram. Então essa foi o meu conteúdo bibliográfico do curso, porque o restante foi tudo na biblioteca, então a gente passava dias copiando. Então eu tinha essa dificuldade, a outra dificuldade é que eu não podia trabalhar. Porque você tinha duas disciplinas,

uma de manhã e uma de tarde e quando que você ia trabalhar? E você tinha que assistir às aulas, pois você tinha aulas de laboratório práticas, as práticas de bioquímica você passava uma tarde inteira e não, quando eu lembro tão bem e tudo muito claro, eu achei maravilhoso, eu sempre adorei laboratório, tenho paixão por laboratório e nós ficamos o dia inteiro, o dia inteiro até anoitecer, quando nós sintetizamos o DNA e aonde era? O departamento de bioquímica era lá no centro, no prédio central. Sendo que a anatomia...

C- Santos Andrade?

P-...funcionava no porão e no andar de cima, em cima da anatomia, funcionava o laboratório de bioquímica.

C- Eu tive aula lá também.

P- É, então, lá é que a gente passava as tardes ou as manhãs inteiras dentro do laboratório e aí, então, tinha isso, o nosso curso nisso foi muito bom, mas por outro lado, nós não tínhamos a chance que os alunos tem, que desde o primeiro ano é convidado de fazer, como se diz... Estágio, iniciação científica e monitoria. Começa na monitoria, vai pra iniciação científica... eu tive monitores, eu tive alunos de iniciação científica, né. Nós tivemos muitos alunos que... um dos alunos de biologia que se destacou, que sempre foi a nossa... a nossa menina dos olhos esse rapaz, porque ele começou cedo fazendo monitoria e logo em seguida, ele era muito bom, ele e a namoradinha dele, foi convidado pelo professor Valdemiro pra poder... estágio conosco no nosso laboratório, ele começou a trabalhar muitos projetos e a gente escrevi aos trabalhos junto com o Valdemiro e a gente publicava. Enfim... quando ele terminou o curso, ele tinha trabalhos publicados no exterior, uma carrada. Então, isso que eu olhava com muito... muita satisfação, por ter visto que a coisa permitiu. Mas muita tristeza por nós não termos tido essa oportunidade e o pessoal da biologia depois também teve chance de ter bolsas ou bolsa de iniciação ou bolsa de... e nós não tínhamos. Então, você tem um pouco mais (não entendi)... de porque eu tinha que ficar vivendo naquilo que meu pai podia me dar, que eu não pedia tudo, porque eu já tava dentro da Universidade. Então ele me dava carro, me dava comida, me vestia, pra mim era o suficiente

e o resto eu me virava. Mas no final do curso, é... eu fui...já a gente tinha...já no quarto ano começou a ficarem mais espaço, pois em vez de duas disciplinas diárias, como o curso estava fechando, acabou já tendo um. Então tinha dias que tinha duas, mais tinha dias que tinha uma. Então, eu pude fazer... trabalhar... trabalhar com o pai de um colega, o tal de Cláudio que me convidou, que enfermeira, recepcionista no hospital do pai desse colega, era uma forma de ganhar dinheiro, que a gente tinha. E era muito difícil você conseguir, porque tinha as tais aulas complementares, né... onde o pessoal que se formavam e mesmo durante o curso iam fazer. Mas o pessoal de biologia não podia fazer essas aulas complementares, justamente pela dificuldade que nós tínhamos aulas de manhã e de tarde. Os outros cursos, né, principalmente o pessoal da educação, eles podiam ir pra esses colégios começar a fazer estágio e muitas vezes substituir os professores dessas aulas complementares, mas nós não podíamos. Mas quando chegou o quarto ano eu tive essa chance, nos três últimos meses do meu último ano é... uma... a esposa de um diretor de um colégio municipal, lá onde a curva faz... sabe, onde a estrada faz a curva já. Passava todos os restaurantes e tinha lá... não sei onde que era aquilo, longe pra caramba, não sei se eu achava que era tão longe porque eu tinha que pegar dois ônibus no mínimom, né, pra chegar até lá. Mas eu consegui essas aulas e foi a minha primeira experiência como professora, eu tinha experiência, porque eu dei aula particular e eu dei aula, como a gente chama... preparava pra exame de admissão. Então antes de entrar pra Universidade eu já dava, então eu montei uma mini escolinha, eu tinha uns 10 alunos de exame de admissão, porque você tinha que fazer pra entrar no ginásio, principalmente pra entrar no Colégio Estadual que era um vestibular, não é? No Colégio Estadual do Paraná que a gente fazia. E eu então tinha essa mini escolinha daí... daí é muito engraçado, aqui fazendo um parênteses. Porque eu trabalhei na positivo, na UNICENP, que agora é a Universidade Positivo, UNICENP. Aí eu cheguei lá e quem era o dono? Era o Oriovisto Guimarães... que continua sendo, né, dono dessa...desse império que se transformou o Positivo. E aí no primeiro ano, ele fazia isso todos os anos, um dia antes de se iniciarem as aulas, ele reunia todos os professores e dava uma palestra. Dava boas-vindas, não sei o que, fazia um coquetel, que por

sinal era uma maravilha trabalhar lá, pelo menos era, não sei se continua sendo. E daí, lá pelas tantas, ele contava a história da vida dele, daí ele bem assim, no primeiro ano eu sentadinha lá: “pois é... eu comecei assim e assado, sabe como é, eu sempre fui professor”, ele é realmente professor, por isso que é bom trabalhar como ele, porque ele é, ele tem espírito de professor. E ele falou assim “Eu fui, antes de tudo um professor, e sabe como é que eu comecei? Comecei dando aulas de admissão em casa, eu só tinha a minha turminha, que eu preparava pra dar aula, pro Colégio Estadual.” Aí eu pensei... aí eu virei prum colega “Que nem que eu! Mas olha como ele acabou e olha como que eu acabei.”. Ele acabou com um império e eu, graças a deus, como professora, fui até o final, né. Mas enfim, então isso foi muito engraçado professora, mas era um modo que a gente poderia, porque realmente não se falava, eu nem sabia que existiam bolsas... eu e todos nós, né Vilma? Porque eu terminei em 1970, em dezembro de 1970. Em março de 1971 eu comecei a minha pós-graduação, por que eu tinha em mente que queria fazer mestrado e aí começaram os problemas. Porque, como pós-graduação era um luxo, né, o governo não exigia, as Universidades não exigiam que a gente tivesse mestrado, doutorado, essas coisas né. E a gente, aqueles poucos biólogos que faziam parte do departamento se rebelaram e quiseram fazer mestrado, começando pelo Valdemiro, o Professor Valdemiro coitadinho, suou a camisa, pois além de querer fazer o mestrado, ele quis fazer fora de Curitiba, em São Paulo. Então ele foi graças ao chefe do departamento, que simpatizou com ele e deu uma força e conseguiu permitir licença com a Universidade e para que ele se ausentasse da Universidade para que fosse para São Paula, para fazer o mestrado, o doutorado e toda a carreira acadêmica dele fora. Mas nós... ficamos aqui, eu por várias razões: primeiro porque não tinha condição financeira pra ir, segundo por que eu morria medo de perder emprego, porque a gente (inaudível)... e era um contrato temporário, como qualquer outro contrato do processo CLT. Então você ia passar por um período de... de... em que você ia passar por uma prova, em que você ia passar por um ano, só depois de um ano que nós recebemos o contrato definitivo. Então, imagina se eu ia sair daqui e perder o emprego, eu numa dureza da vida o tempo todo, agora que tinha conseguido um emprego, né. Porque as aulas eram difíceis,

você batia, meu deus, o que eu gastei de sola de sapato nessa Curitiba pra conseguir umas aulinhas. E. óbvio eu não queria perder a Universidade, como...fui contratada como... como 12 horas, era contrato de 12, 24 e 40. A maioria da turma, você tinha que ser... a nossa Universidade era muito...você tinha que ter muita simpatia, né. Você pertencia a... a muito por... por você ter algo...você entrava, fazia concurso,passava. Mas você ia pra frente rápido ou menos rápido dependendo das simpatias, porque nós pegamos o auge do que? O auge da ditadura foi a pior fase, o pior atraso, para nós, foi a ditadura. Eu entrei na Universidade em 1967 quando a ditadura tava assim pegando fogo, né. Peguei toda a Universidade, toda a minha Universidade dentro da ditadura e depois entrei como professora e a gente ainda tinha esse problema sério. Você tinha que saber o que falar, não podia fazer qualquer coisa, se não era ameaçada. Muito cuidado, nós sabemos da sua família. Então... outra vantagem que os jovens tem, é não saber o que é o regime da ditadura, foi uma fase muito difícil, você confiava e desconfiava de todo mundo. Eu tinha um primo que era do exercito e ele dizia pra mim assim: “Olha... cala a tua boca, você é muito faladeira. Você não me abra a boca dentro do elevador e nem naquela cantina, porque você não sabe quem tá atrás do balcão e nem quem é o acessorista daquele elevador.” Então você conhece... sequestraram muitos colegas, pois sequestravam pessoas. Para vigiar a gente eles entravam na sala de aula como colegas, infiltravam colegas quando você tava dando aula, você era vigiado até quando ia no banheiro. Então foi uma época extremamente difícil, quer dizer, nós passamos, além de ser um momento de transmissão, é, digamos assim, cultural, né, acadêmica, foi uma transmissão muito social, governamental, pegamos tudo, pegamos toda a (não deu pra entender)... Então aí eu fiz a pós-graduação aqui, não era bem o que eu queria, mas fiquei. E aí veio o problema que eu contei antes, que como não era obrigatório, como só fazia quem queria, era como se a gente quisesse, fosse um luxo, então o chefe não liberava a gente. Então a gente tinha que dar o mesmo número de aulas e tinha que assistir aulas. Então o que aconteceu comigo muitas, inúmeras vezes, o professor de pós- graduação achava ruim que eu chegava atrasada na aula, só que ele não consideração que eu estava saindo de uma sala de aula no outro andar. Eu tava dando aula, não tava papiando, não tava

fazendo nada fora da Universidade, eu estava dando aula dentro do prédio da Universidade, muitas vezes embaixo da sala onde eu ia ter pós-graduação. Teve uma disciplina que eu fiquei com B, por causa das vezes que eu cheguei atrasada. Eu falei, mas escute, não tem outro... meu chefe me deu essa carga horária, me obrigou, disse que não me libera. Daí você ia pro chefe, pedir pra liberar... "ahm... ahm"... Pra que você tá fazendo pós-graduação, você não foi contratada pra fazer pós-graduação... olha a resposta: " Você não foi contratada pra fazer pós-graduação, foi contratada pra dar aula." E ae...você faz o que? Você não pode perder o emprego, mas você não quer perder o curso. No caso da...da genética eu no último dia, agora voltando porque que eu não me tornei geneticista, justamente por isso. Porque eu não tinha bolsa e na genética eles eram (não entendi), vocês tem que estar aqui, mas professor eu não posso, eu tenho problemas, meu pai nessa época estava doente, eu tenho um pai doente, eu tenho uma casa para sustentar e eu tenho que trabalhar. Nós não temos nada que haver com isso, essa é a resposta que eles me deram. Aí eu lembro que eu fui pra aula de bioquímica muito triste, sem saber o que fazer da vida. E aí a professora Glacir(não entendi), doutora Glacir(não entendi)... pesquisadora, né, conhecida internacionalmente, era minha professora. Pra assistir a aula da doutora, se você não estudasse muito antes, você não assistia, então passava os finais de semana, o meu companheiro... como é o nome dele? Ó... daqui a pouco eu me lembro daquele livro de bioquímica que eu andava pra cima e pra baixo, não era bolsa, era o livro de bioquímica. Cada minuto... ia pro banheiro, um espaçozinho entre a chegada do aluno eu dava uma estudada. Se você não estudasse, você não acompanhava a aula da doutora Glacir. Aí eu tava vendo que eu não ia... todo mundo tirava nota baixa com a doutora Glacir, nota mais alta que ela dava era B, B+, nunca ninguém tirou A. Era B+, B-, C,C- meu... D então... era um colar de D. E não sei se é o mesmo conceito que se usa hoje, mas era o que se usava na época. E aí o que aconteceu... cheguei pra doutora: "Ó doutora... eu acho que vou ter que desistir do curso, eu não posso...não vou conseguir terminar o curso, porque eu tenho aulas que vão cair em cima da sua aula e eu não posso abrir mão, porque eu dava aula pra Universidade, mas só 12 horas e então eu dava aula no Estadual também e eu precisava do dinheiro porque 12

horas era uma miséria, era o mínimo dos mínimos, acho que a gente ganhava menos do que o pessoal de limpeza. E...eu tinha compromissos em casa, nessa época meu pai não podia me ajudar, tava doente e eu tinha que dar aula no Estadual. E aí eu falei: “ Ó doutora, eu tenho que dar aulas no Colégio Estadual e me deram uma grade horária que vai cair no seu horário, eu vou ter que desistir da sua disciplina, quem sabe ano que vem, não sei. A hora que puder eu faço.” E ela disse: “Mas escuta menina...E a bolsa? Não te deram uma bolsa na genética?”e eu falei: “Bolsa? Que bolsa? O que que é bolsa?”. Olha a ignorância, santa ignorância, né. Mas era o que nós éramos.Porque a gente não recebia essa informação, primeiro porque achavam que pós-graduação era um luxo, segundo ninguém falava pra gente em bolsa. Nós falamos em bolsa pro aluno, desde o dia que ele entra “Ó meu filho...você podem ter bolsa de iniciação, vocês podem ter bolsa de...de monitoria.” Ninguém falava em bolsa pra gente, ninguém nem sabia que existia. Aí ela falou: “ Mas meu deus! Na genética não deram bolsas pra vocês?”, e eu falei “Não.”. É...eu a Amélia, o Ives e a Maria Elizabete, os 4 da minha turma que foram fazer genética. Eu não...nós três..os quatro duro, que ninguém tinha dinheiro pra nada... eu falei pra ela “Não”, “Mas não é possível.”. Ela era meninona, na sala dela ela me mostrou: “Olha aqui...essa aqui é a bolsa da CAPES que expirou dia tal, esse aqui é a bolsa tal, mas expirou dia tal.”. CNPQ e CAPES eram os que davam na época. É...daí ela disse:“Mas que barbaridade, mas o fulano não falou pra vocês. Tinha que dar esses formulários pra vocês concorrerem às bolsas.”. Que na época, agora a bolsa vem pro coordenador e antigamente não, você pedia a bolsa ao órgão e a bolsa vinha diretamente pra você e não pro coordenador do curso. Então você mandava o seu currículo, o seu projeto e se agradava, você ganhava uma bolsa. Mas a gente nem sabia que tinha e aí eu falei pra ela “Tá bom.”. Nem sabia que existia CNPQ, CAPES, nem sabia o que que era e ela teve que me explicar, me dar uma aula sobre financiamento. Aí ela falou assim: “Ó... a única coisa que talvez salve vocês é...você vai lá na reitoria e fale com o pró-reitor de pós-graduação...”, que no momento eu não me lembro quem era o professor, “... fala com ele e conta a situação como que tá, uma pena (não entendi)...”. Tá bom...fomos lá na pró-reitoria, que era aqui... na Reitoria. Fomos lá conversar

com ele e ele falou: “Ahhh...que judiação, eu fechei a distribuição dessas bolsas na semana passada, eu podia dar uma bolsa pra cada um. Não era uma bolsa semelhante a CNPQ, CAPES, nada disso, mas pelo menos iria ajudar vocês comprarem os livros, pagar o ônibus.”. ele bem assim, uma pessoa muito legal, muito boa, daí ele disse: “ Mas eu tenho uma bolsa, quem sabe vocês dividem os quatro essa bolsa, pelo menos cada um tem um dinheirinho pra tirar xerox, mas ajuda, né.” Eu pensei cá comigo: “Meu deus, não vai resolver a minha situação , não é? Mas ... não posso dizer não.” Falei: “Tudo bem, pode mandar, o que que tem que fazer?”. “Ah...vocês fazem um projeto de pesquisa, a bolsa vai sair no nome de um, então a gente faz um projeto de pesquisa e aí a bolsa sai...vocês vão lá na coordenação e mandam assinar e eu mando o (não entendi) e já libero pra vocês, fazer o seguinte.” Nós saímos de lá voando de felicidade,(não entendi)... nunca ninguém tinha me dado um tostão, falei :”Que maravilha ganhar nem que seja um pouquinho.”. Aí chegamos lá e aí foi a grande decepção da minha vida... a maior decepção profissional que eu tive na minha vida, o professor que não vem ao caso, não vou dizer quem foi. Ele... parece que estou vendo, sentou calmamente e disse: “Não vou dar esse projeto... não vou dar,porque em primeiro lugar vocês não vão fazer essa pesquisa, vocês vão é fazer pós-graduação, mestrado. Então não vão fazer pesquisa e em segundo lugar vocês não conseguiriam fazer o mestrado e a pesquisa e em terceiro lugar, eu não dou plano frio, (não entendi).

C- Distribuir o que?

P- Plano frio...

C- Ahhh...plano frio.

P- Eu só senti o meu sangue polaco ferver, eu falei: “Eu vou explodir.”. Eu tava com a Amélia e (inaudível)... virei pra ela e disse: “Não chora.”, daí eu virei pra ele e disse: “Em primeiro lugar não é você que vai dar a bolsa, é o pró-reitor em pessoa, em segundo lugar eu não vim aqui pedir plano frio, nem é do meu feitio isso e em terceiro lugar se eu vou ter condição ou não de desenvolver o projeto e mais esse curso é problema meu e não seu. O seu único problema é botar a porcaria da sua assinatura nesse papel.” Aí ele falou:

“Não vou dar por isso, isso e aquilo.” Eu falei: “Ah é? Não vai dar... então meu filho, faça bom uso do seu curso e da sua prepotência.” Por que ele um tremendo prepotente, mas eu vou te falar, escreva bem: “Porque você vai me ver bem, (inaudível)... porque eu queria aprender genética, eu tinha... eu entrei na Universidade, todos os professores sabiam que eu tava lá por causa da genética. E eu entrei pra fazer genética e eu fui boa aluna de genética, graças a deus eu passei com 10 em genética. Porque eu só queria genética, genética, genética, eu amava genética, então eu disse pra ele: “ Sabe qual é o seu problema? Você tá morrendo de medo que eu entre aqui e faça sombra pra você. Porque você é medíocre, você demonstrou nas aulas que é medíocre. Então o seu grande problema é eu entrar aqui, que toda a Universidade sabe que eu entrei aqui por causa genética. Você tá pensando que você vai me ver pelas costas? Não...você pode ficar por aqui, mas daqui da Universidade eu não saio. (inaudível)... Levantei minha filha, fechei a porta, fui embora e nunca mais voltei. Passados anos, acho que uns três anos, quando eu tava fazendo pós-graduação na zoologia, a mulher do doutor Freire-Maia e ela veio falar comigo, escuta... você podia me responder uma curiosidade: “Todo o curso de história Natural sabia, todos os professores e todo mundo sabia que você entrou aqui por causa da genética, por que que você esta fazendo Zoologia? E segundo, por que que você não respondeu o meu convite pra estagiar comigo, pra poder trabalhar comigo?”. Eu fiquei olhando pra ela... “Você me convidou pra trabalhar com você?”, “Sim... mandei chamar vocês, porque que eu queria que viessem trabalhar comigo.”

C- Nem soube.

P- Nunca soube...

C- Nem chegou na sua...

P- Eu sabia depois, quando eu estava contratada na Universidade, trabalhando na biologia. Me sabotaram, entende? E daí eu disse, não to podendo fazer por esse, por esse, por esse razão, quer mais uma? Se eu ficasse lá, eu poderia ser, realmente... eu não teria feito nem o concurso pra Universidade, como a Amélia, que teimou e ficou, nunca deixaram a Amélia

passar num concurso. Então, é... pra você ver que naquela época... as coisas eram bem mais difíceis do que é hoje. Já começando que a gente não sabia que existia a tal da bolsa e hoje... então são as coisas positivas que vocês foram lutando, conquistando e que eu fui acompanhando aqui dentro como professora da Universidade. E em termos de conteúdo, o que que eu posso falar quanto ao currículo? Eu acho que o currículo de História Natural ele era mais rico do que biologia. Porque o que que aconteceu, como eu disse pra você, a gente tinha as disciplinas referentes a nossa área: biologia, histologia, bioquímica, genética, enfim...botânica...botânica, várias botânicas a gente teve. Aqui como já eu disse todas as disciplinas que a gente tinha eram anuais, como eram duas disciplinas, então se tinha num dia... numa manhã inteira se falava sobre um (inaudível) e de tarde (inaudível)... e isso quatro anos e não era em um semestre, maioria das disciplinas ficaram... eu dava aula de biologia em um semestre, você vê. Teve uma época, logo após (não entendi), passados uns anos

C- Mudando você diz é pra biologia?

P-É... pro curso de biologia, você tinha que dar...a gente tinha no máximo... a gente tinha lá, assim que se separou, eu acho que nós dávamos cinco horas de biologia e reduziram, eu acho que dávamos três de teórica e duas prática, aliás, o contrário, duas teórica, duas horas teórica e três horas prática, é isso e aí eles resumiram, porque a matéria anual, virou semestral. E teve uma época que piorou, porque juntaram citologia, histologia e embriologia, três disciplinas, que nós em História Natural tínhamos tão bem separadas. Nós tínhamos histologia humana...

C- Eu fiz essa, citologia, histologia e embriologia todas juntas.

P-É... não... nós, você veja assim, nós tínhamos a histologia...a biologia, chamava-se citologia, não era biologia, era citologia, era um enfoque um pouco diferente, era mais morfológico. A vantagem quando se transformou em biologia, digo disciplina biologia, foi... eu achei que foi muito melhor e muito mais do meu gosto, pois você não pode falar da célula em termos morfológico se você não falar da fisiologia, são duas coisas que não se podem dar

separadas. Houve uma época que era morfologia... era citologia, que na verdade é um estudo morfológico. A... mais aí veja bem, você dava... você tinha citologia, daí você tinha histologia um que era histologia geral, depois você tinha a histologia dois que era na verdade uma anatomia microscópica.

C- Isso você tá falando no tempo...

P- No tempo de História Natural... quando passou pra biologia, a anatomia microscópica caiu, ficou para o curso de medicina, mas a biologia perdeu a anatomia microscópica. Então você só estudava a geral, a histologia dos órgãos que é a microscópica, a anatomia microscópica, o pessoal de biologia não teve mais, faz falta. Você pega... você estudava na anatomia, por exemplo, um coração e chegava na histologia e estudava a anatomia microscópica do coração, né. Então era diferente e tinha essas vantagens que a biologia perdeu. Por isso que eu to dizendo que eu achei que o currículo do curso de biologia ficou mais fraco. Daí o que que eles colocaram? Eles colocaram física, não que não seja necessário, mas não te forma pro que a gente precisa da física, pra entender muita coisa. Precisa da biofísica, da matemática, da estatística, né. Mas eu... eu acho que com isso o curso não ficou sendo técnico e nem biólogo, porque você tirou as horas importantes da parte biológica e deu pra área tecnológica. Então nesse sentido, a biologia perdeu, em relação ao nosso curso de História Natural. Outra vantagem que nós, eu acho que foi muito bom, é que quando houve a separação, criou-se um novo curso, um novo campo, que foi a geologia, as ciências geológicas, que nós tínhamos. Nós tínhamos mineralogia, cristalografia, geologia, antropologia. O meu diploma dá o direito de dar aula de antropologia, de mineralogia e de geologia, tá lá. No meu registro do meu diploma no estado, eu tenho a carteirinha até hoje, tá lá, que se eu quisesse dar aula de geologia, eu tenho esse direito, tá lá registrado, entende? Então, o que que aconteceu, quando formou-se biologia, esse campo passou para um outro curso, acho que porque pode, digamos assim, se tornar mais especializado, mas eu acho que a biologia poderia ter melhorado o currículo nesse momento.

C- Deixa eu perguntar uma coisa aqui. Você lembra da época em que estava fazendo História Natural, se naquele momento teve alguma reformulação curricular? Por exemplo, você ter começado num currículo e os que vieram na sequencia...

P- Não lembro... eu acho que só teve esse grande...essa grande reformulação que foi justamente a separação da biologia, houve no sentido deque, não da biologia em si. Deixa eu me organizar um pouco aqui. O que houve, foi uma grande revolução dentro da Universidade, quando as Faculdades foram extintas e apareceu a Universidade e essa Universidade então foi dividida em setores, Setor de Ciências Biológicas, Setor de Tecnologia, Setor de Humanas, né. Então houve essa separação e por isso que nós nos separamos e nós saímos daqui, porque nós pertencíamos a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A nossa formatura foi todo mundo junto, o pessoal da biologia, o pessoal da química, o pessoal da física, o pessoal da matemática, todo mundo junto. E aí o que aconteceu foi essa grande separação e a Universidade cresceu, né, sem dúvida nenhuma cresceu, mas se espalhou... né. Em vários Campi, como o do Juvevê. Nós saímos daqui, eu já professora, já tava exercendo... já tinha sido contratada, eu já estava... eu dava aula no sétimo andar e a gente foi... nós que éramos da biologia, que se chamava departamento de morfologia, funcionava lá no centro, na Universidade lá, no prédio central da Universidade. Ali que funcionava o nosso departamento e os vários departamentos pertencentes a morfologia, foram transferidos, nós...a anatomia ficou lá com eles e nós fomos pro Juvevê. Então lá que funcionava a histologia, que nesse momento então, a gente começou a receber, porque quando a gente tava aqui, a gente só trabalhava com o pessoal da biologia e quando nós fomos pra lá, começamos a receber o pessoal da veterinária, o pessoal da educação física, o pessoal da psicologia inclusive, porque era (não entendi)... mas eles tinham biologia, então... agora parece que não tem mais, né, mudaram o currículo, mas tinha mo disciplina de biologia. Então todos esses cursos, eles se dirigiam pra ter biologia e histologia, citologia ainda, biologia assim quem se separou, lá no Juvevê. Até que o Setor de Ciências Biológicas foi construído, lá no lado da... no

Politécnico. E nós nos mudamos pra lá, daí mudou todo mundo, né. Chefias e todos os departamentos que hoje fazem parte também.

C- Essa foi a época que eu fiz o curso, quando teve a mudança.

P- No começo era difícil, não sei se você pegou aquela fase que era bastante difícil.

C- Era uma lama.

P-Não... antes do setor lá... porque era assim...eu, por exemplo, eu tinha aula...

C- Ah sim... que a gente viajava a cidade inteira.

P-...17:30, tinha uma época que eu tinha aula 17:30 com... não sei qual era o curso, só que eles tinham tido física... tinham física antes lá no Centro Politécnico,então...

C- É...essa era a minha turma.

P- ...se o professor lá se atrasava, eu ficava sentada lá esperando os alunos chegar mais ou menos meia hora, quarenta minutos, alguns...

C- Mas isso acontece até hoje na biologia, né Alejandro?

P-...davam uma volta pela cidade, iam tomar um cafezinho, né? Aí quando chegavam, você dava assim... você sabe como horário todo. Também começou uma briga, porque não pode. Então tem que juntar o pessoal que vai ter física, que vai ter química-orgânica,né, porque puseram química-orgânica, química inorgânica, puseram física, puseram estatística, nesse ponto que eu acho que não era pra ser. Porque nós fizemos a nossa biologia sem termos tido essas disciplinas. Tinha dificuldade? Tinha, mas nós tínhamos tido um colegial muito bom. Então nós íamos nos nossos grupos de física, química-orgânica, inorgânica pra poder estudar bioquímica. Mas veja bem, eles colocaram a química-organica, a química-inorganica e não sei o que e puseram um semestre de bioquímica. Pra que tanta química, se chega lá e não da nem

tempo de estudar... as vezes tinham paralelamente a química-inorgânica e a bioquímica e daí eles não precisavam da inorgânica, precisavam da orgânica. Daí vinha o grande dilema, eu da biologia, eu precisava da bioquímica, como eu vou dar célula, se eles não têm bioquímica, se os alunos não sabem bioquímica. Daí era outro arranca-rabo, né, porque a gente dizia “Não, eles tem que ter bioquímica antes.”, eles “Não”. Então era muito... não sei como que tá aqui, mas a gente brigou muito naquela época. Os professores entre si brigavam muito, por causa dos currículos. Então se você me perguntou sobre mudanças, grandes mudanças não houveram, houveram sim...

C- Lá na História Natural?

P- É... na História Natural não, eu me lembro que comecei e terminei sem modificação nenhuma. Porque era uma coisa muito estanque, era aquilo que você fazia a parte de biologia, a única coisa que fugia da biologia era justamente a geologia... a geologia, a mineralogia, essas coisas. Mas é, que tava meio, digamos assim, figurada pra nós e não era muito do agrado, a gente gostava da área da biologia. Mas não houve modificações grandes no currículo. É lógico que talvez também os professores da época conversassem sobre isso, mas a gente de forma alguma não tinha essas... e eu quando comecei a dar aula em 1971, já não tinha mais História Natural, ela acabou em 1970, acho que quando me formei, foi a última turma...uma coisa assim, sei que foi a última turma.

C- Então eles já estavam pensando na reformulação grande?

P- Grande e essa aconteceu a nível nacional, uma modificação a nível nacional.

C- Deixa eu mudar um pouquinho o foco agora e tentar fazer você lembrar um pouquinho da parte da licenciatura, como é que foi a tua formação como professora naquele currículo?

P- Naquele currículo nós tínhamos um pouco, a gente teve mais, eu acho que, não era muito enfático, nós tivemos... deixa só eu me lembrar... no

ultimo ano é que nós tivemos psicologia, eu guardo até hoje que tivemos aula com a professora Pórcia, nossa aquela mulher era super legal e ela tinha uma didática fora da normal e não sei se a Vilma lembra, que enchia o anfiteatro 1 aqui, em cima e embaixo, ela dava aula pra todos, né, pro pessoal da matemática, da física, da química, da biologia, então todo mundo junto, enchia aquele anfiteatro em cima e embaixo, tinha dias que a gente chegava lá e não tinha lugar, tanto que sentávamos no corredor, era óbvio que com todos esses alunos ela nunca tinha condições de fazer uma chamada, mas acredito que ninguém faltava, porque sempre tava lotado, tava sempre todo mundo lá e todo mundo de boca aberta, eu era uma delas, eu sempre fui assim muito fã da doutora Pórcia. Ela dava, não sei se a Vilma lembra que eram umas aulas de (inaudível)... e eu lembro coisas assim práticas, como a educação da minha filha ou educação dos alunos quando eu pegava aquelas turmas terríveis. É das coisas que ela falava pra gente, além da psicologia da doutora Pórcia, nós tivemos aulas de didática que foram muito fracas, em termos de licenciatura foi muito... deixou muito a desejar, e a gente não tinha...não lembro, mas a gente não teve nenhum estágio. Eu fui direto pra sala de aula no quarto ano, porque fui substituir uma professora que ficou uns quatro meses fora, um semestre inteiro fora e eles me deram as aulas. Então a minha experiência enquanto professora, tirando aquele grupo de admissão que eu tinha dado, mas como professora realmente foi direto do meu curso, pra sala de aula. Eu não tinha tido nenhum treinamento ,não me lembro das aulas de didática, eu não consigo me lembra das aulas de didática, não consigo... dessa parte de licenciatura que eu me lembro é das aulas de psicologia, com a professora Pórcia. E nós tivemos didática e o que mais nós tivemos?

V- Prática de ensino

(conversa inaudível)

P- É como eu to dizendo, em termos nunca se fez nenhum... agora parece que se faz.

C- Pensando assim na formação do professor de biologia, você acha que o currículo das Ciências Biológicas trouxe vantagens?

P-Sim... pelo menos conversando com a Vilma depois, ela estava aqui e ela conversava e falava, foi muito mais melhor, perdeu em termos eu disse de hora-aula nas disciplinas fundamentais, que eu chamo da área biológica. O indivíduo ser um pesquisador um conhecedor e mesmo ser um professor, mas em termos de formação de professor a nossa História Natural deixou muito... eles não estavam preparando a gente pra ser professor, eles estavam preparando a gente pra ser pesquisador. Na verdade...

C- Então você acha que em termos de formação de pesquisador a História Natural era melhor?

P- Sim, na época... em termos, quero fazer uma ressalva, em termos... em termos de conteúdo curricular sim, não em prática. Porque a Ciências Biológicas depois eu trabalhando com o curso senti que eles tiveram muito mais chance, tanto que eles tiveram uma chance muito maior em áreas de pesquisa, como eu tava contando daquele nosso aluno. Porque o aluno já ia fazer iniciação científica e ela já ia pro laboratório com o professor, mas pra fazer pesquisa. Ele terminava o seu curso e se ele queria ser um pesquisador, se ele queria fazer um mestrado ele já sabia... essa era outra falha do nosso curso, quando eu fui fazer mestrado, o coordenador me chamou e me disse "Você tem 30 dias pra me apresentar o seu projeto de pesquisa." E agora, o que é um projeto de pesquisa? Que bicho é esse, eu não sabia nada, magine? Eu não sabia o que era um projeto, eu não sabia fazer um... uma introdução até sabia fazer, porque a gente tinha muitos livros, lia muito, uma das coisas que a gente fazia, como não tinha computador, essa era a grande vantagem, você tinha que ir para a bibliografia, então você tinha que ler muito. Pós-graduação, nossa, meu deus, me lembro tão bem a professora Bernadete chegava com uma pilha de livros na aula e você tinha que ler um monte de coisa e resumir tudo aquilo e tudo em inglês, francês, se cai na nossa mão... nada e português era o mínimo e você tinha, mas a gente tinha muita facilidade, porque nós fomos criados nos livros, então você sabia tirar o sumo daquele livro. O grande problema dos jovens de hoje é que não tem, os livros no computador recebem tudo mastigado, o grande problema... a minha grande briga com os meus alunos aqui na Universidade "Não, não quero que vocês

vão no computador, quero que vocês vão no livro tal, capítulo tal,tal,tal. Vocês vão ler e resumir tudo, eu quero vocês lendo livro, não no computador,depois vocês podem ir no computador. Mas vocês tem que aprender a interpretar esses conteúdos a ler e conseqüentemente escrever” Como é que você vai escrever uma tese se você escreve, se você não le? Essa foi a minha grande briga com os meus alunos, pois vocês não sabem escrever, você faz uma pergunta para o aluno, levava um susto, não sabia falar, porque não sabia falar, não sabia falar por quê? Porque não sabe ler, não sabe interpretar, não sabe, entende, tão muito ligados ao computador. O computador foi uma coisa boa por um lado, mas uma desgraça pra outra. Então eu acho assim que o nosso currículo falhou nesse ponto, ele não preparou a gente pra ser professor, mas também um grande pesquisador, porque a gente não sabia. Eu quando fui fazer o meu projeto eu tive que grudar no (inaudível)... me explica o que que é isso... o Valdemiro, que já tinha feito doutorado, eu fui a primeira orientada dele, porque eu impus, porque o meu orientador tinha outra lá, não sei como é que são os orientadores de hoje em dia. Eu não quis nem olhar, não adianta me mostrar isso, porque (inaudível)... desculpa se é o meu orientador, mas quem vai me orientar? Não sei isso. Por isso que eu fiquei traumatizada e eu chorava, chorava em cima... daí foi o Valdemiro que ensinou a diferença entre eu fazer uma introdução, explicar, uma discussão, não, isso aqui não é pra discussão isso é... porque a gente não sabia, os nosso alunos não, fazem iniciação científica, aprendem já no primeiro ano o que é um trabalho científico, já aprendem como é que se prepara um trabalho científico, como é que se escreve um trabalho, mas é muita vantagem, sem falar que temr computador né. Porque eu na tese era tudo no “caroção”.

C- Na máquina de escrever né?

P-Eu perdi madrugadas escrevendo e dava pro orientador e o orientador olhava pra gente e dizia assim “não, não, não,muda, muda, põe pra cá, põe pra lá”. Sim senhor, aí você tinha que voltar pra casa, tinha que sentar na maquina e tinha que digitar tudo outra vez e daí você chegava e dizia assim, não sei o que e olhava “Não, não é assim, aquele outro.” Até que descobri que não devia jogar fora aquele, aquele que ele tinha dito que não era. Eu comecei a guarda e

daí mostrar que era aquilo que eu tinha escrito que era aquilo que não era. E hoje em dia vai lá computador arruma, ajeita e pausa aquele anterior, arruma, dá uma ajeitada e mostra, imprimi. Então existe muita facilidade, graças a deus, que existe, por isso, se não não sai nada, levava 10anos pra fazer uma tese por isso que o pessoal ficava co messe problema. Então como eu to te dizendo, nós tivemos ganhos e tivemos perdas, mais ganhos do que perdas. Graças a deus hoje o biólogo, grandes pesquisas no mundo são feitas pelos biólogos. Essa parte de reprodução, essa parte de cultivo de tecido, quem que trabalha? São os biólogos.

C- Então só mais duas perguntinhas pra finalizar. Uma é assim, queria deixar aberto pra você, tem alguma coisa que a gente não perguntou que você considera que seja importante pra gente conhecer daquele currículo lá da História Natural.

P- É basicamente... conheci o currículo, posso até mostrar o nosso currículo depois, porque eu tenho o histórico, tenho o histórico. Mas o que eu penso sabe é que muita coisa mudou, muita coisa mudou pra melhor, bem melhor. A minha crítica sempre foi a quantidade pouca de horas na parte biológica e mais na parte... não sei como é que tá agora, porque já to afastada a tantos anos que não to dando aula mais, então...

C- Na parte você diz de física, da química?

P- Sim, de física, muita aula de química, de física, não que não seja necessário, acho que é, eu não ei, mas no tempo que eu tava dando aula se dava muita ênfase pra essa parte e pouca, nós tínhamos que trabalhar com muito, estudar muito cada vez que íamos montar o programa, montar as nossas disciplinas. Eu fui chefe de departamento inclusive durante quatro anos e as reuniões eram intermináveis, porque a gente tinha que dar um jeito de encaixar um conteúdo que a gente sabia que era importante o aluno saber e que nós não tínhamos tempo suficiente. Não como é que ficou, não sei se melhorou, não sei como é que tá hoje em dia. Mas naquela época, até 1994, enquanto eu estive em atividade, eu achei que tava faltando um pouquinho mais de, como nós tínhamos né, um pouco mais de laboratório na área

biológica. Embora, falando nisso agora eu fico pensando que toda essa deficiência né, que eu identifiquei, foi gradativamente, com o tempo, sendo, digamos, melhorada ou suprida, suprida é o termo, pelos estágios, pela iniciação científica.

C- Mas aí chega a desvantagem de que quem não faz, não é pra todos.

P- E daí vem a parte da Licenciatura que você me diz, esse professor daí não vai preparado, muitas vezes vai trabalhar, por exemplo, em escolas particulares, eu tive sobrinhos que estudaram em escolas particulares e daí vem aqueles estudos feitos assim de morrer, porque, não que aquele professor não tenha boa vontade, mas ele não ta preparado., as deficiências aparecem e a gente ficava vendo as deficiências e mesmo a gente via os nossos novos professores, como chefe de departamento participei de varias bancas de concursos e alguns candidatos chegavam totalmente crus, pior do que nós que tivemos uma parte de Licenciatura muita falha, muito pequena. Mas nós tínhamos a vantagem que nós entramos na Universidade, a gente tinha lastro, nós tivemos bons professores que estavam no departamento e que acabaram suprimindo essa dificuldade que nós tivemos em formação didática. Como a Maria de Lourdes, a Maria de Lourdes foi a minha mãe profissional, porque tudo o que aprendi na forma de trabalhar dentro da Universidade, aprendi com ela. Porque ela era, foi uma grande didata, uma pessoa muito exigente, que a gente morria de medo dela. Morria de medo da Maria de Lourdes. Eu quando comecei a trabalhar com a Maria de Lourdes, quando eu escutava o salto do sapato dela no corredor “TOC-TOC-TOC-TOC”, eu corria pra minha sala, me trancava ali, fechava ali, pra não, pra ela me esquecer que eu tava ali no departamento.

V- Que não podia liberar os alunos, sem antes olhar os microscópios todos, pois se algum tivesse algum problema no microscópio você como professor tinha que pagar. Então o aluno acabava de fazer a tarefa, alguém tinha que ir lá, olhar e permitir que o aluno saísse.

P- Ela era muito, ela melhorou, ficou um pouco menos assim irascível, ela mesmo admite depois... porque ela fez pós-graduação depois que nós

fizemos, então eu já tinha, fazia alguns anos que eu tinha terminado, porque no começo a gente sofreu muito na mão dela e dos outros chefes, por estar fazendo pós-graduação e que na época não era um coisa muito comum, mas quando o governo veio com a lei, que exigia que o professor universitário tinha que ter no mínimo, eles nem falavam doutorado, mestrado, pó..aí foi o estouro da boiada, daí todo mundo saiu correndo, porque eles deram prazo, porque aqueles professores que estavam na ativa e que não tinham, que não tivessem dentro do prazo x, iam ser demitidos. Daí foi uma correria, o pessoal foi fazer mesmo os antigos, tinham aquele preconceito assim e daí eles achavam que nós éramos muito moderninhos, então a gente eram muito criticado naquela época, mas foi tudo muito válido e pra nós foi muito rico, porque a gente que ficou na Universidade acompanhou, eu enquanto aluna, que entrei em 1967 e daí me aposentei em 1994, então eu peguei várias fazes da nossa Universidade, da nossa (inaudível)... do ensino, da qualidade, porque o nosso departamento que dava biologia, histologia, embriologia , brigávamos pela qualidade, pela excelência, pelo tripé que é muito importante pro professor, ensino, pesquisa e extensão. Então a gente, eu fui daquela época da briga, da grande briga da Universidade com o governo. Defendendo isso, a gente brigava com unhas e dentes, a gente não tinha medo, o pessoal ameaçava, mas a gente ia, a gente tinha convicção daquilo que a gente buscava e hoje a gente fica contente de ver uma Universidade que já tá bem autônoma, bem livre de todas essas influencias negativas, na época (inaudível).

C- Professora última coisa que, gostaria que você desse uma olhadinha nos currículos da História Natural e contar pra gente se algum se aproxima do seu ou nenhum deles é esse aí, é esse que você cursou. Na verdade, como nós não achamos todas as documentações, o Alejandro conseguiu algumas pistas e a gente tá tentando decifrar.

P- Esse, por exemplo, fundamentos psicológicos da educação eu não me lembro de ter tido, nem o sociológico da educação, o nosso era didática, psicologia e administração escolar. Esse eu me lembro que nós tivemos. Agora esses fundamentos se tivemos, passou em branco, porque eu não me recordo.

C- Será que não era uma disciplina optativa?

P- 1969 era a minha época, eu tava no segundo ano, então aqui seria o meu currículo, biologia, histologia, genética, botânica, zoologia, petrologia, bioquímica, psicologia da educação... química orgânica eu não me lembro não, não me lembro de ter tido química alguma, Vilma você lembra de alguma química no nosso currículo? Eu nunca tive.

V- Eu também não.

P- Esse currículo de 1969...

C- É por isso que, como a gente localizou algumas coisas no livro da professora Cecília, então a gente não sabia se...

P- Química orgânica, substituindo essa química orgânica, o que nós tínhamos já era bioquímica, você entendeu?

V- Quando você pegar o currículo, o seu histórico vão aparecer todas.

C- Que foi a última versão

P- Essa aqui optativas...

C- Não tinha optativas?

P- Não tinha optativas, não me lembro de ter feito optativa e essa de 1970 já termos de física 1, não sei se foi em 1970...

C- Talvez já era de biologia aqui e m1970.

P-Eu tenho impressão que esse currículo aqui de 1970, na verdade eu acho que foi em 1971...

E- Foi em 1971 que virou Ciências Biológicas.

P- Foi em 1971, né? Aí sim que começou a física, a química, a matemática.

C- Uhum... você tá achando que esse que tá aí já é Ciências Biológicas.

P- E outra, aqui nesse currículo de 1969, que eu tava, veja bem, não to vendo a genética com toda a (inaudível), porque a gente tinha genética médica, tínhamos genética geral, genética humana, genética geral, genética humana, genética médica e a última que tinha, no último ano que a gente tinha estatística, onde a gente aplicava a estatística, onde o professor colocava, digamos assim, problemas, a doença tal, que acontecia na região tal e você ia aplicar a estatística dentro daquele problema genético., sabe? No último ano. Então, aqui esse de 1969 está, não me lembro desse química orgânica. A psicologia da educação foi no terceiro ou quarto ano, foi uma psicologia, não foi no segundo ano.

C- Será que a gente poderia ter acesso ao seu histórico, pra que a gente pudesse verificar quais foram as disciplinas, que eram da época?

E- O que eu achei num anuário foi de 1946...

P- 1946 é um ano antes de eu nascer.

E-...a gente imagina que 1946 é meio....

P- 1946... precisa ver quando que foi fundado, acho que em 1946 não tinha o curso de biologia não.

E- História Natural foi fundado em 1942.

P- Aqui em Curitiba, tem certeza?

E- Sim.

P- Eu não sabia. Então você sabe mais do que eu.

E- Então em 1969, 1970, 1971 e 1972 a gente encontrou na coordenação do curso uma página, duas páginas, que tinha...

P- Em 1972 eu já dava aula... 1971, 1972 já tava dando aula, aqui na Universidade.

E- Mas é currículo de Historia Natural o primeiro da, o primeiro de Ciências Biológicas é...

P- Mas 1972 já era Ciências Biológicas, 1971 também, porque eu já tava dando aula aqui na Universidade.

P- Ahhh eu tive esses estudos dos problemas brasileiros, eu me lembro, nós tivemos, já tava aqui, era diferente, era obrigatória em todo o país.

C- Era disciplina da ditadura, né?

P- É...mas eu vou ver lá o meu, vou ver o que eu tenho lá.

C- Ah que ótimo, então acho que é isso professora, muito obrigada.

P- Por nada. Desculpe se eu não respondi aquilo que vocês gostariam.

C- imagina, foi mais, assim, geral e todos os tópicos que estão aqui foram pontuados nas suas respostas, até com muito mais detalhes do que a gente terá expectativas né, muito obrigado então.

E daí...se vocês precisarem, essa minha amiga Amélia, que foi nessa colega det urma, que eu convidei até ela pra vir, ela não pode, porque mora lá no Jardim das Américas e tava sem carro, disse que não posso ir porque to sem carro . Mas disse que se precisarem, ela disse que tá a disposição.


C- Muito obrigada, mas primeiro a gente vai ter que primeiro, acho que olhar as coisas todas aqui, pra ver o que que a gente conseguiu identificar e o que que ainda tá faltando, pra genteconseguir ir pra frente.

V- Análise do conteúdo, né.

C- É...mas acho que em princípio muito obrigada.

P- Por nada, o que vocês podiam fazer é me dar um email e que eu passo esse currículo por email, fica mais fácil né?

(acabou a gravação)

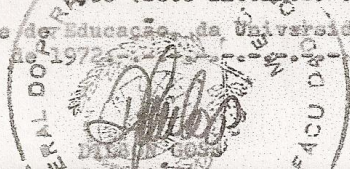

 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO

- C E R T I F I C A D O -

CERTIFICO, em virtude do despacho exarado pelo Senhor Diretor, em requerimento datado de 05/04/72, para fins de direito, que MARILENE TEREZINHA DE ALMEIDA DZIECIOL, concluiu no ano letivo de 1970 (mil novecentos e setenta), o Curso de História Natural, obtendo o Grau de Licenciado em História Natural, tendo alcançado as seguintes notas finais de aprovações:

<u>CONCURSO DE HABILITAÇÃO - 1967</u>	
Biologia	4,00 (quatro inteiros)
Geologia	9,00 (nove inteiros)
Química	5,50 (cinco e meio)
Matemática	4,00 (quatro inteiros)
Português	4,50 (quatro e meio)
Inglês	4,50 (quatro e meio)
MÉDIA	5,25 (cinco e vinte e cinco)
<u>1ª SÉRIE - 1967</u>	
Biologia (1º Semestre)	6,00 (seis inteiros)P.
Bioquímica (1º Semestre)	6,50 (seis e meio)P.
Botânica	7,80 (sete e oitenta)P.
Mineralogia	6,05 (seis e cinco centésimos)A.
Zoologia	7,33 (sete e trinta e três)P.
Genética (2º Semestre)	6,70 (seis e setenta)P.
<u>2ª SÉRIE - 1968</u>	
Biologia	7,00 (sete inteiros)P.
Petrologia	8,00 (oito inteiros)P.
Bioquímica I e II	7,00 (sete inteiros)P.
Genética	7,20 (sete e vinte)P.
Botânica	5,50 (cinco e meio)A.
Zoologia	6,75 (seis e setenta e cinco)P.
Psicologia da Educação	6,00 (seis inteiros)P.
<u>3ª SÉRIE - 1969</u>	
Botânica	6,30 (seis e trinta)P.
Biologia	6,78 (seis e setenta e oito)P.
Geologia	6,10 (seis e dez)P.
Zoologia	6,50 (seis e meio)P.
Elementos de Administração Escolar	8,50 (oito e meio)P.
Didática	8,00 (oito inteiros)P.
<u>4ª SÉRIE - 1970</u>	
Paleontologia	7,70 (sete e setenta)P.
Botânica	7,50 (sete e meio)P.
Bio-Estatística	7,25 (sete e vinte e cinco)P.
Prática de Ensino	8,25 (oito e vinte e cinco)P.
Estudo dos Problemas Brasileiros	7,00 (sete inteiros)P.

Secretaria da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, 07 de abril de 1972.



⁴⁵ Não há nenhuma análise sobre esta grade durante o trabalho, pois foi obtida um dia antes do prazo final da entrega.